



Relatório de Desenvolvimento Humano do Rio de Janeiro

Condições Educacionais da Cidade do Rio de Janeiro

*Parceria: Instituto de Pesquisa Econômica
Aplicada (IPEA)
Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Programa das Nações Unidas para o
Desenvolvimento (PNUD).*

Condições educacionais da cidade do Rio de Janeiro

1.	Introdução	1
2.	Desempenho educacional.....	2
2.1.	A população infantil.....	3
2.1.1.	A situação atual.....	3
2.1.2.	A evolução ao longo das últimas duas décadas.....	3
2.2.	A população adulta	3
2.2.1.	A situação atual.....	3
2.2.2.	A educação dos adultos ao longo das últimas duas décadas	5
2.3.	A defasagem entre o desempenho educacional da população adulta e infantil.....	6
3.	Importância da educação para a redução da pobreza	8
3.1.	Impactos sobre a taxa de desemprego	8
3.2.	Impactos sobre a renda do trabalho.....	9
3.3.	Impactos sobre a pobreza	11
4.	Uma avaliação do excedente educacional no Rio de Janeiro	11
5.	A disparidade interna da cidade do Rio de Janeiro.....	14
5.1.	Disparidades entre áreas de planejamento.....	14
5.2.	Disparidades entre regiões administrativas.....	17
5.3.	Disparidades entre bairros	22

Condições educacionais da cidade do Rio de Janeiro¹

Ricardo Paes de Barros*

Ricardo Fregluglia**

Rosane Mendonça***

1. Introdução

Uma peça chave em qualquer estratégia para que cada indivíduo de uma determinada população possa melhorar suas condições de vida é o acesso ao conhecimento, em particular à educação. O conhecimento modifica a vida de uma pessoa porque a torna capaz de desenvolver completamente seu potencial, e a ter uma vida produtiva e criativa, de acordo com suas necessidades e interesses. A educação é fundamental para expandir escolhas e garantir direitos, tanto individuais quanto coletivos. A democratização do conhecimento eleva a qualidade da participação política e grau de poder que as pessoas têm sobre decisões que afetam suas vidas (*empowerment*), melhorando a vida comunitária das sociedades.

Do ponto de vista econômico, mais conhecimento aumenta a produtividade, eleva os salários e, portanto, expande a produção nacional e a renda dos trabalhadores. Desta forma, a escolaridade amplia o volume de recursos que as famílias podem utilizar para satisfazer suas necessidades. Somando-se a isto, temos que a educação altera as atitudes, preferências e, em consequência, o comportamento dos agentes, aumentando sua capacidade de utilizar de forma mais racional os recursos disponíveis. Assim, uma sociedade com maior nível de escolaridade torna-se não apenas uma sociedade com uma maior disponibilidade de recursos, mas também uma sociedade capaz de utilizar melhor os recursos que dispõe. A educação tanto permite que as famílias utilizem melhor os seus próprios recursos de forma privada, como também as auxilia, de forma decisiva, a se adaptarem, se protegerem e, eventualmente, tirarem melhor proveito de um ambiente econômico crescentemente volátil.

Assim, a escolaridade de cada indivíduo ou grupo de indivíduos pertencentes a uma determinada população é um parâmetro central – medida de disponibilidade de recursos – definidor de sua capacidade para obter melhores condições e qualidade de vida. Nestes termos, o Rio de Janeiro ocupa uma posição de destaque no cenário nacional no que se refere à escolaridade da sua população adulta, conforme as informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD - de 1995 a 1999. De fato, a escolaridade média da cidade é de 8,2 anos de estudo, muito acima da média nacional que é de 5,5 anos de estudo. Mesmo quando contrastamos a escolaridade média da cidade com a das doze maiores cidades, o Rio de Janeiro se localiza entre as duas melhores capitais brasileiras, bem acima de São Paulo e logo após Porto Alegre (ver Tabelas 3a-b).

Entretanto, apesar da posição de destaque da cidade em relação à escolaridade da sua população adulta, surpreendentemente a cidade não possui proeminência quando os indicadores utilizados são aqueles relacionados ao desempenho educacional da população infantil. Por exemplo, a defasagem série-idade da população de 10 a 14 anos no Rio de Janeiro é maior que a de seis capitais brasileiras nos anos de 1995-99 (ver Tabelas 1a-b). Deste modo, a cidade do Rio de Janeiro vive uma contradição: apesar de ser uma cidade onde a população adulta tem um nível educacional que a coloca numa posição de liderança no cenário nacional, ao mesmo tempo não se encontra entre as cidades que mais investem na educação da sua população infantil.

¹ Agradecemos a nossa equipe pelo enorme esforço empenhado para a realização deste trabalho.

* Diretor de Estudos Sociais do IPEA

** Professor do Departamento de Economia da UFJF

*** Professora do Departamento de Economia da UFF e pesquisadora no IPEA

Esta incoerência entre oportunidades educacionais para a população em idade escolar e desempenho educacional de adultos possui duas possíveis explicações, não necessariamente excludentes. Por um lado, pode estar indicando que as oportunidades educacionais ao longo das últimas décadas avançaram mais lentamente no Rio de Janeiro que nas demais grandes cidades brasileiras. Por outro lado, este paradoxo pode ser o resultado de um fluxo migratório de pessoas com alto nível educacional em direção à cidade. Ainda é possível pensar que o nível educacional relativamente elevado da população adulta do Rio de Janeiro vem sendo mantido, apesar da deterioração relativa das oportunidades educacionais na cidade, graças a um processo migratório educacionalmente seletivo que traz adultos com alta escolaridade à cidade.

A partir do que foi exposto, este capítulo tem quatro objetivos básicos. Primeiramente, documentar em detalhes, sob uma perspectiva comparada, o desempenho educacional do Rio de Janeiro com relação às populações tanto adulta quanto infantil, ressaltando o descompasso entre os desempenhos destes dois grupos etários. Ainda dentro do primeiro objetivo, busca-se avaliar qual das duas explicações alternativas já mencionadas para a defasagem entre os desempenhos educacionais destas duas populações é mais relevante. No segundo objetivo, procuramos investigar a importância da educação na cidade em termos da sua capacidade de reduzir o desemprego, aumentar a produtividade e os salários e, por conseguinte, reduzir a pobreza. Como terceiro objetivo, buscamos avaliar em que medida, dadas as condições do mercado de trabalho no município, existe escassez de mão-de-obra qualificada ou se, ao contrário, dado o que se produz, existe um excedente de mão-de-obra qualificada. Por fim, buscamos investigar as disparidades educacionais internas da cidade, contrastando o seu desempenho educacional por grandes áreas, por regiões administrativas e por bairros.

2. Desempenho educacional

Nesta seção, avaliamos o atual desempenho do sistema educacional carioca em relação às 11 grandes cidades. Além disso, avaliamos também como esta posição relativa tem evoluído ao longo das últimas décadas e quais as conseqüências desta evolução sobre a formação da escolaridade da população da cidade atualmente adulta. Esta avaliação se concentra em documentar quatro características básicas do desempenho atual e histórico do sistema educacional carioca: (a) uma significativa defasagem entre o desempenho atual do seu sistema de ensino e a situação educacional da sua população adulta; (b) um progresso ao longo das últimas décadas relativamente muito mais lento, em particular com relação à busca da universalização do acesso ao ensino fundamental; (c) uma posição relativamente melhor do acesso à educação básica que do acesso à educação superior.

Com vistas a examinar estes temas, organizamos esta seção em três partes. Na primeira, tratamos da situação atual das oportunidades educacionais para a população infantil e sua evolução recente. Em particular, buscamos avaliar as condições de acesso e progresso no ensino fundamental do Rio de Janeiro em relação às demais grandes cidades brasileiras. Na segunda parte da seção, examinamos a evolução de longo prazo das condições educacionais na cidade e de suas conseqüências sobre a escolaridade da atual população adulta. Iniciamos esta parte com uma avaliação da situação educacional da população adulta e, em seguida, analisamos sua evolução histórica desde a década de 30. Por fim, abordamos a defasagem existente entre o desempenho educacional da população adulta e infantil, evidenciando suas causas principais.

2.1. A população infantil

2.1.1. A situação atual

Conforme mostram os resultados do Atlas de Desenvolvimento Humano (PNUD, 1998), em 1991 existiam quase 400 municípios (cerca de 10% dos municípios brasileiros) com uma porcentagem de crianças de 7 a 14 anos que ainda não haviam ingressado na escola inferior à do Rio de Janeiro. Ainda mais preocupante é o fato de que em 800 municípios (cerca de 20% dos municípios brasileiros) a defasagem série-idade das crianças de 10 a 14 anos é menor que na cidade do Rio de Janeiro.

Comparações similares a partir de resultados mais recentes – para o quinquênio 1995-99 – também conduzem aos mesmos resultados, revelando que a situação da cidade é bastante precária em relação às 11 grandes cidades brasileiras. Por exemplo, no que diz respeito à frequência escolar, a cidade do Rio de Janeiro ocupa a 8ª posição entre as capitais (ver Tabela 1b). A situação é um pouco melhor, porém ainda muito preocupante, quando o indicador utilizado é a defasagem série-idade. Neste caso, a posição do Rio de Janeiro passa a ser a 7ª. Em ambos os casos, a cidade ocupa uma posição inferior a todas as capitais das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

2.1.2. A evolução ao longo das últimas duas décadas

O desempenho educacional da cidade do Rio de Janeiro também foi extremamente precário quando comparado ao das demais grandes cidades do país ao longo das últimas duas décadas (ver Tabelas 1a-b). A situação é particularmente grave quando consideramos a frequência escolar. De fato, em termos da porcentagem de crianças de 7 a 14 anos que não frequentam a escola, praticamente não ocorreram progressos em termos absolutos na cidade ao longo das últimas duas décadas. Em consequência, o Rio de Janeiro, que ocupava a 1ª posição entre as grandes cidades na primeira metade da década de 80, passou a ocupar a 8ª ao final da década de 90. Assim, o Rio de Janeiro passa de uma posição de absoluta liderança para ficar muito próxima ao terço inferior com pior desempenho. Também em relação ao conjunto dos municípios brasileiros, o desempenho do Rio de Janeiro mostra-se extremamente precário, deixando de ocupar a 4ª posição em 1980 e ultrapassado ao longo da década por mais de 350 municípios (ver Tabela 2).

Em suma, o progresso carioca em termos da ampliação do acesso à educação fundamental – medido pela frequência escolar das crianças de 7 a 14 anos – da população infantil ao longo das duas últimas décadas foi extremamente precário em relação ao das demais grandes cidades brasileiras.

Resultados também preocupantes, embora menos graves, aparecem quando analisamos a evolução da defasagem série-idade. Neste caso, o Rio de Janeiro – onde a defasagem declinou 30% – saiu da 6ª posição entre as capitais na primeira metade da década de 80, para atingir a 7ª na segunda metade da década de 90. Quando comparado com o conjunto dos municípios, a evolução ao longo da década de 80 também foi relativamente pior, tendo sido ultrapassado por cerca de 200 municípios ao longo deste período. Assim, enquanto 543 municípios tinham uma defasagem série-idade inferior à da cidade em 1980, em 1991 já existiam 738 municípios nesta situação.

2.2. A população adulta

2.2.1. A situação atual

Apesar do seu fraco desempenho no que se refere às oportunidades educacionais da população infantil – atual e ao longo das últimas décadas – o Rio de Janeiro encontra-se entre os municípios brasileiros que podem contar com uma população adulta de maior nível de escolaridade.

Como pode ser verificado pelo Atlas de Desenvolvimento Humano (PNUD, 1998), apenas quatro municípios, representando 0,1% dos municípios brasileiros, tinham escolaridade média superior à da população carioca adulta em 1991. Este excelente desempenho relativo é baseado em um ótimo desempenho no acesso à educação fundamental, combinado a um desempenho ainda melhor quanto ao acesso à educação universitária. Por exemplo, apenas 1,2% dos municípios brasileiros têm taxa de analfabetismo inferior à do Rio de Janeiro. Além disso, ainda mais importante é o fato de que apenas 0,1% das cidades têm uma porcentagem de adultos com alguma educação universitária que supere a do Rio de Janeiro (ver Tabela 2).

Informações recentes da PNAD (1995-99) permitem comparar a situação educacional da população da cidade do Rio de Janeiro com as 11 grandes cidades. Os resultados indicam que o Rio de Janeiro assume uma posição de grande destaque no cenário brasileiro. Entretanto, ao contrário da comparação acima, a posição do Rio de Janeiro em relação às grandes cidades, passa a ser muito mais proeminente no acesso à educação fundamental que no acesso à educação superior.

Comparação com as maiores cidades

Como podemos constatar, no caso da comparação com as grandes cidades quanto à taxa de analfabetismo, o Rio de Janeiro encontra-se em primeiro lugar, com uma população adulta analfabeta de apenas 3% (ver Tabelas 3a-b). Quanto à porcentagem da população com menos de 4 e 8 anos de estudo, apesar da cidade ainda contar com 17% e 41% da população nestes grupos, respectivamente, ela ocupa o segundo lugar, ficando abaixo apenas de Porto Alegre.

No que se refere à educação superior, o Rio de Janeiro também apresenta um bom desempenho relativo, com 20% da população possuindo educação superior, situando-se em terceiro lugar, abaixo apenas de Porto Alegre e Curitiba (ver Tabelas 3a-b). Embora este desempenho ainda seja relativamente bom, certamente é inferior ao correspondente no caso do acesso à educação fundamental.

O excelente desempenho no acesso à educação fundamental somado ao bom desempenho no acesso à educação superior conferem ao Rio de Janeiro a segunda posição em escolaridade média, com 8,2 anos de estudo. A cidade ultrapassa as cidades de Curitiba e Brasília, sendo superada apenas por Porto Alegre.

Principais resultados

Em linhas gerais, a posição relativa do Rio de Janeiro em termos da situação educacional da população adulta se destaca favoravelmente tanto em relação às 11 grandes cidades brasileiras. Contudo, cabe salientar que o bom desempenho educacional da população adulta da cidade decorre preponderantemente de um melhor acesso à educação fundamental. Embora o acesso à educação superior ainda seja relativamente melhor que o das demais capitais, este acesso não é tão satisfatório quanto o acesso à educação fundamental. Como, em certa medida, esta melhor situação educacional no Rio de Janeiro deriva de um volume relativamente maior de recursos disponíveis na cidade, vale verificar se este desempenho relativamente melhor se mantém quando a cidade é comparada à cidades com renda per capita semelhante.

Comparação com cidades de nível de renda semelhante

A forte associação positiva existente entre escolaridade e renda per capita deriva de relações causais em duas direções. Por um lado, áreas mais ricas tendem a investir mais em educação que áreas mais pobres, levando a melhores desempenhos educacionais. Por outro lado, as áreas onde os trabalhadores têm maior escolaridade possuem maior produtividade e, portanto, níveis de renda mais elevados. Assim, cidades com maior renda per capita investem mais em educação, e cidades com nível educacional mais elevado tendem a possuir maior produtividade e, portanto, maior renda

per capita. Esta dupla causalidade dificulta tanto a interpretação da relação entre renda per capita e escolaridade como a interpretação de desvios em relação a esta norma.

A despeito destas dificuldades, buscamos comparar o desempenho educacional do Rio de Janeiro com o das cidades com renda per capita similar, analisando a posição da cidade em relação à norma que associa desempenho educacional e renda per capita. Estimativas destas normas são apresentadas nos Gráficos 2 a 6 para os diversos indicadores educacionais – para a população adulta – utilizados neste estudo.

O sucesso ou fracasso educacional da cidade pode ser explicado da seguinte forma: os pontos acima da curva indicam uma situação onde o desempenho educacional é superior (superior) ao esperado, dada a renda per capita da cidade. Analogamente, os pontos abaixo da curva indicam uma situação onde o desempenho educacional é inferior (inferior) ao esperado.

Em geral, estes gráficos revelam que o desempenho educacional do Rio de Janeiro é apenas ligeiramente superior ao esperado, indicando que a escolaridade da população adulta carioca é muito próxima à média das cidades com renda per capita semelhante. Portanto, podemos dizer que as melhores condições educacionais no Rio de Janeiro, *vis-a-vis* as condições na maioria das grandes cidades brasileiras, são explicadas por um nível de renda mais elevado, e não pelo fato do Rio de Janeiro ter condições educacionais superiores às das cidades com nível de renda semelhante. Entretanto, vale ressaltar que, no caso do acesso à educação fundamental – taxa de analfabetismo e porcentagem da população com educação fundamental incompleta – existe alguma evidência de que o desempenho carioca é superior ao das demais cidades com renda per capita semelhante. A maior vantagem comparativa da cidade do Rio de Janeiro se concentra, portanto, no acesso à educação fundamental.

2.2.2. A educação dos adultos ao longo das últimas duas décadas

Com vistas a avaliar a evolução das condições educacionais no Rio de Janeiro, procedemos em duas etapas. Inicialmente, contrastamos o nível educacional da população adulta da cidade no início da década de 80 com o seu nível ao final da década de 90. Em seguida, tomando uma perspectiva de mais longo prazo, contrastamos o nível educacional das coortes nascidas entre 1930 e 1970, permitindo verificar a evolução da escolaridade ao longo destas quatro décadas.

A evolução temporal

Ao longo das últimas duas décadas, a situação educacional da população adulta do Rio de Janeiro melhorou substancialmente em termos absolutos. O rápido progresso verificado atingiu todos os níveis de escolaridade, levando desde uma significativa redução na taxa de analfabetismo até uma significativa melhoria do acesso à educação superior. Entre o início da década de 80 e o final da década de 90, a taxa de analfabetismo no Rio de Janeiro declinou à metade, enquanto que a porcentagem da população com alguma educação superior aumentava em 50%. Como resultado destas melhorias, a escolaridade média na cidade cresceu 25% (ver Tabela 3a).

Como consequência de todas estas melhorias, o Rio de Janeiro passa do início da década de 80 ao final da década de 90, em termos da sua taxa de analfabetismo, da terceira para a primeira posição entre as grandes cidades (ver Tabelas 3b). Em relação ao conjunto dos municípios brasileiros, entretanto, o Rio de Janeiro perde seis posições ao longo da década de 80 (da posição 47ª para a 53ª posição), uma vez que neste período o progresso educacional foi muito mais intenso nos municípios de pequeno porte (ver Tabela 2).

A melhoria acentuada da cidade em termos da porcentagem da população adulta com acesso à educação superior não alterou a posição relativa da cidade, fazendo com que o Rio de Janeiro permanecesse do início da década de 80 ao final da década de 90, na terceira posição entre

as grandes cidades. Comparando à escolaridade média em relação às demais grandes cidades, o Rio de Janeiro manteve a segunda posição nas duas últimas décadas.

A evolução das coortes

Uma visão de longo prazo da evolução do desempenho educacional da população adulta no Rio de Janeiro pode ser obtida contrastando-se a escolaridade finalmente atingida por diversas coortes de nascimento. Tendo em vista que a escolaridade completa de uma coorte só é atingida após todos os seus integrantes terminarem seu ciclo educacional que, em geral, dura até os 24 anos, só é possível comparar a escolaridade finalmente atingida de coortes nascidas há mais de 25 anos. Desse modo, o grupo de coortes mais recente cobre as nascidas no período 1970-74, enquanto o mais antigo abrange as nascidas no período 1930-34.

A Tabela 4 apresenta a evolução da escolaridade média ao longo destas quatro décadas para a cidade do Rio de Janeiro e para as demais 11 grandes cidades brasileiras. A coorte mais jovem no Rio de Janeiro possui pouco mais de 9 séries completas, tendo escolaridade inferior apenas à da coorte correspondente em Porto Alegre. Como a escolaridade média das coortes nascidas entre 1930 e 1934 era de 5,9 séries completas, cada coorte no Rio de Janeiro cresceu a uma taxa de 0,75 série, por década, ao longo dos últimos anos. A esta velocidade, seriam necessárias quase três décadas para que a escolaridade média no Rio de Janeiro atingisse o secundário completo.

Esta tabela apresenta também a velocidade com que a escolaridade média vem crescendo em cada uma das cidades. Os resultados indicam que, apesar do Rio de Janeiro, juntamente com Porto Alegre, ser uma das cidades com maior escolaridade média, a velocidade com que a escolaridade vem crescendo no Rio de Janeiro e em Porto Alegre também é inferior à da maioria das demais cidades. Portanto, estas cidades vêm reduzindo a diferença em relação ao Rio de Janeiro e Porto Alegre ao longo do tempo.

Para quantificar a velocidade com que estas diferenças serão eliminadas, estimamos quanto anos seriam necessários para que cada uma destas cidades (a) atingisse a escolaridade média atual do Rio de Janeiro, mantida a taxa atual de expansão de cada cidade, e (b) eliminasse a diferença em escolaridade em relação ao Rio de Janeiro, mantida a taxa de expansão atual de cada cidade e a do Rio de Janeiro. Os resultados revelam que Goiânia, São Paulo e Curitiba irão atingir em 8, 5 e 1 ano, respectivamente, o nível educacional atual do Rio de Janeiro, e que em 23, 32 e 9 anos, respectivamente, irão eliminar a diferença de escolaridade em relação ao Rio de Janeiro. Estes resultados demonstram que, apesar da maior lentidão na expansão do sistema educacional carioca, serão necessárias décadas para que a posição de liderança da cidade seja ameaçada. Por outro lado, as grandes cidades do Nordeste irão ainda levar de 13 a 25 anos para atingir a escolaridade atual do Rio de Janeiro, e por estarem expandindo o seu sistema educacional mais lentamente do que o Rio, não irão, mantida a dinâmica atual, jamais eliminar a diferença em escolaridade média em relação ao Rio de Janeiro. Belo Horizonte irá levar 8 anos para atingir a escolaridade média carioca atual e também jamais irá eliminar a diferença na escolaridade média em relação ao Rio de Janeiro, mantida a dinâmica atual.

2.3. A defasagem entre o desempenho educacional da população adulta e infantil

A escolaridade da população adulta de uma cidade não está diretamente ligada ao acesso e progresso escolar corrente da população em idade escolar. Existem, pelo menos, duas razões básicas para que isto ocorra. A primeira delas é que a escolaridade da população adulta hoje depende do acesso e do progresso escolar existente há décadas atrás, quando este segmento da população encontrava-se em idade escolar, e não do acesso e progresso escolar atual. Existe, portanto, uma defasagem entre os indicadores de desempenho educacional para a população

infantil e para a população adulta, com o desempenho dos indicadores para a população infantil hoje tendo impacto apenas sobre os indicadores da população adulta no futuro.

A segunda razão é que nem toda a população em idade escolar irá residir na cidade, podendo ocorrer emigrações futuras. Do mesmo modo, nem toda a população adulta educou-se na cidade, podendo ter ocorrido, neste caso, imigrações. Assim, temos que a escolaridade da população adulta não pode ser perfeitamente predita, ainda que conhecêssemos toda a evolução histórica do sistema educacional da cidade. Em outras palavras, o processo migratório torna imperfeita a relação entre as condições educacionais atuais da população adulta e a evolução histórica do desempenho do sistema educacional local.

Por conseguinte, existem duas razões básicas, não excludentes, capazes de explicar a situação do Rio de Janeiro, onde a escolaridade da população adulta tem papel de destaque entre as grandes cidades brasileiras, ao mesmo tempo em que as condições atuais de acesso e progresso educacional da população em idade escolar não são capazes de obter o mesmo sucesso.

Por um lado, este contraste poderia ser explicado por um progresso mais lento do sistema educacional na cidade que o verificado nas demais áreas ao longo das últimas décadas. Neste caso, a situação de liderança do Rio de Janeiro em termos da situação educacional da sua população adulta estaria em risco, uma vez que a vantagem atual advém de um sistema educacional que no passado era líder a nível nacional na provisão de oportunidades educacionais para a população em idade escolar. Com a perda desta liderança na provisão de educação, a cidade estaria perdendo a sua capacidade de gerar amanhã uma população adulta com uma escolaridade entre as mais elevadas do país.

De fato, a análise da evolução dos indicadores de acesso e progresso no ensino fundamental apresentada na seção 2.1 revela que o desempenho do sistema educacional da cidade do Rio de Janeiro era melhor, relativamente às demais grandes cidades brasileiras, no início da década de 80 que ao final da década de 90. Assim, apesar da posição da cidade no início da década de 80 ser relativamente melhor quanto à situação da população adulta do que das oportunidades abertas a população infantil, a distância entre estas duas posições é bem menor naquele momento que no final da década de 90.

Os Gráficos 7a-b apresentam a relação de ordem entre os indicadores de escolaridade média e atraso escolar para as cidades de grande porte no período analisado. Os resultados indicam que a posição do Rio de Janeiro se altera muito pouco entre as duas décadas quando consideramos a escolaridade média, confirmando a tendência histórica deste indicador. Contudo, quando utilizamos o indicador de defasagem escolar média, a cidade piora sensivelmente a sua posição. Este resultado, portanto, evidencia que ao menos parte da explicação da disparidade entre os desempenhos educacionais relativos das populações adulta e infantil advém da evolução relativamente lenta do sistema educacional da cidade ao longo das duas últimas décadas. Como a situação educacional atual da população adulta na cidade depende do desempenho do sistema educacional ao longo de um período bem mais longo, pelo menos desde 1940, a análise da evolução ao longo das duas últimas décadas não é suficiente para obtermos uma resposta mais definitiva.

Por outro lado, não é necessário que seja esta a única explicação para uma escolaridade relativamente elevada da população adulta residente na cidade a despeito de oportunidades relativamente limitadas para a população em idade escolar. Uma explicação alternativa poderia ser a existência de um processo migratório educacionalmente seletivo, onde o Rio de Janeiro estaria atraindo uma população migrante com escolaridade superior à da população nativa residente, elevando, com isso, o nível educacional da cidade.

Com vistas a verificar esta hipótese, calculamos a escolaridade média da população adulta nascida e residente na cidade, dividindo-a nos seguintes grupos, não necessariamente excludentes: (a) população residente, (b) população nascida na cidade (incluindo os que emigraram), (c) população residente que migrou para a cidade, e (d) população nascida que permanece residindo na cidade. Estimativas da escolaridade média para estes diversos grupos como um todo e desagregado

para uma série de coortes são apresentadas na Tabela 5. Os resultados não apresentam qualquer evidência de um processo migratório educacionalmente seletivo, que tende a elevar a escolaridade da população residente na cidade. Ao contrário, a evidência é de que os migrantes têm escolaridade inferior à da população nascida na cidade e que permanece residindo na cidade. Assim, a evidência encontrada revela que a migração para a cidade, ao invés de colaborar para elevar a escolaridade média, tem operado no sentido oposto. Por isso, a atual posição de vanguarda da cidade em termos da situação educacional da sua população adulta necessariamente tem que derivar de uma correspondente posição de vanguarda com relação às oportunidades educacionais algumas décadas atrás.

Neste sentido, embora nenhuma evidência direta esteja sendo apresentada aqui, a evidência disponível indica que a disparidade entre os desempenhos educacionais relativos das populações adulta e infantil verificada no Rio de Janeiro deve-se unicamente à deterioração acentuada das oportunidades educacionais na cidade em relação às oportunidades disponíveis nas demais cidades de grande porte no país. Esta deterioração relativa das oportunidades educacionais na cidade resulta na perda de sua capacidade relativamente maior de produzir educação. Caso este quadro não seja revertido, a cidade poderá perder a sua liderança em termos de possuir uma das forças de trabalho mais qualificadas dentre as grandes cidades brasileiras.

3. Importância da educação para a redução da pobreza

A escolaridade da população em idade ativa tem importante impacto sobre suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho e sobre sua remuneração e, portanto, sobre o grau de pobreza. Nesta seção, buscamos quantificar estes impactos no contexto do mercado de trabalho carioca. Iniciamos com a investigação da relação entre escolaridade e taxa de desemprego. Na segunda subseção, passamos a investigar o impacto da escolaridade sobre a remuneração dos trabalhadores do Rio de Janeiro. Por fim, na terceira subseção, levando em consideração o impacto da escolaridade apenas sobre a remuneração do trabalho, procuramos investigar qual o provável efeito de melhorias na situação educacional da força de trabalho carioca sobre o grau de pobreza na cidade.

3.1. Impactos sobre a taxa de desemprego

A escolaridade de um trabalhador influencia a sua probabilidade de ficar desempregado e de permanecer nesta situação via uma variedade de canais. Dois destes canais são de particular importância: a taxa de rotatividade e a duração do desemprego. A direção e magnitude do impacto da escolaridade sobre a taxa de rotatividade e a duração do desemprego dependem do nível de escolaridade, levando a uma relação não linear e não monotônica entre taxa de desemprego e escolaridade

Para aos trabalhadores com alta escolaridade, tanto a duração do emprego como a do desemprego tendem a ser longas. De um lado, trabalhadores com maior escolaridade geram menores custos de treinamento e, por isso, aumentam seu capital humano específico. Isso eleva a sua produtividade na empresa em que trabalha acima do que poderiam obter em outras empresas. Por conseguinte, trabalhadores com maior escolaridade estão sujeitos a menores riscos de perderem o seu emprego e também têm menor interesse de trocarem de emprego, reduzindo desta forma sua probabilidade de estarem desempregados. Em suma, seus vínculos de trabalho tendem a ser de longa duração, devido ao acúmulo de capital humano específico.

De outro lado, apesar de serem capazes de aprender com rapidez novas atividades e adaptar-se com facilidade a novas situações, o fato de serem mais seletivos na escolha de um

emprego faz com que, uma vez desempregados, possam permanecer por períodos mais longos na situação de desemprego. Por este motivo, os trabalhadores com alta escolaridade devem estar associados a maiores períodos de desemprego e, conseqüentemente, a maiores taxas de desemprego.

No caso dos trabalhadores com baixa escolaridade, por um lado, o treinamento se torna mais dispendioso para a empresa, desincentivando o aprendizado e, assim, o desenvolvimento de capital humano específico. Por conseguinte, seus vínculos de trabalho tendem a ser frágeis e sujeitos a uma alta taxa de rotatividade. Por outro lado, como todos os empregos para trabalhadores com baixa escolaridade são similares, eles apresentam uma baixa seletividade, levando a curtos períodos de desemprego. Em suma, para os trabalhadores com baixa escolaridade, tanto a duração do emprego como a do desemprego tendem a ser curtas.

Assim, a forma da relação entre a taxa de desemprego e a escolaridade irá depender da força relativa destes dois fatores. Se a queda da rotatividade com a escolaridade for o fator dominante, a taxa de desemprego deveria declinar com o número de anos de estudo. Entretanto, se o crescimento na duração do desemprego com a escolaridade for o fator dominante, a taxa de desemprego deveria crescer com o nível de instrução.

A Tabela 6 revela que a direção da relação entre a taxa de desemprego e a escolaridade não é constante. Inicialmente, a taxa de desemprego cresce com a escolaridade, indicando que a queda na taxa de rotatividade é dominada pelo crescimento na duração do desemprego. Entretanto, na medida em que a escolaridade continua a crescer, a taxa de desemprego passa a declinar. Isto indica que, a partir deste ponto, o declínio na taxa de rotatividade passa a dominar o crescimento na duração do desemprego.

Em suma, a relação entre taxa de desemprego e escolaridade no Rio de Janeiro, assim como em todas as capitais selecionadas, apresenta a forma de um “U” invertido. De acordo com este padrão, a taxa de desemprego é mais baixa tanto entre aqueles com baixa escolaridade – até 4 anos de estudo – como também entre aqueles com alta escolaridade – alguma educação universitária – e mais elevada entre aqueles com escolaridade mediana – entre 5 e 11 anos de estudo. Vale ressaltar que no Rio de Janeiro, como também em todas as capitais selecionadas, a taxa de desemprego é nitidamente menor entre aqueles com educação superior que em todos os demais grupos. Este fato indica que o impacto da educação superior sobre a rotatividade claramente domina o seu impacto sobre a duração do desemprego.

3.2. Impactos sobre a renda do trabalho

Com o objetivo de investigar o impacto da educação sobre a remuneração do trabalho, estimamos os diferenciais de remuneração entre trabalhadores com diferentes níveis educacionais, mas que possuem características pessoais idênticas. Os resultados obtidos referentes ao período 1995-99 são apresentados na Tabela 7 e mostram que, em média, uma série adicional tem o impacto de elevar os rendimentos do trabalho em 12% na cidade do Rio de Janeiro.

Entretanto, este efeito não é uniforme ao longo das diversas etapas do ciclo escolar. De fato, ele cresce ao longo destas etapas, com o impacto de um ano adicional de educação superior sendo cinco vezes maior que o de uma série adicional na primeira etapa do ensino fundamental - 1ª a 4ª série - que tem um impacto de apenas 4% sobre o rendimento.

Na segunda etapa do fundamental - 5ª a 8ª série - o impacto de uma série adicional sobre o rendimento passa a ser de 7%, ou seja, quase duas vezes maior. No ensino secundário, o impacto sobre o rendimento do trabalho volta a dobrar, atingindo 15%. Por fim, na educação superior este impacto é ainda maior, tendo em vista que cada série adicional eleva o rendimento em 20%.

Estes resultados revelam que a rentabilidade da educação e, portanto, a atratividade da escola é tanto maior quanto maior for a expectativa que a pessoa tem de atingir o nível superior ou

mesmo o secundário. Em outras palavras, é racional que as crianças provenientes das camadas mais pobres tenham menor incentivo a permanecer na escola. Na medida em que as crianças pobres reconhecem que possuem menores chances de atingir níveis elevados de escolaridade e que o grande retorno da educação fundamental está na possibilidade de acesso à educação secundária e superior, é natural que seus incentivos a permanecer na escola sejam menores que de uma criança rica que reconhece que tem grandes chances de atingir níveis elevados de escolaridade.

Em relação a um grupo de capitais selecionadas (ver Tabela 7), podemos evidenciar duas particularidades na relação entre a escolaridade e os salários no Rio de Janeiro. Em primeiro lugar, conforme ilustra esta Tabela, o impacto da escolaridade sobre o rendimento do trabalho é inferior ao observado nas capitais selecionadas da região Nordeste, onde uma série adicional eleva os salários em 14%. Porém, este impacto é ligeiramente superior ao que ocorre nas cidades ao Sul, como São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Estes resultados provavelmente decorrem da existência de uma maior escassez de mão-de-obra com bom nível educacional nas capitais selecionadas do Nordeste e uma menor escassez nas cidades ao Sul em relação ao Rio de Janeiro.

Em segundo lugar, vale ressaltar que no Rio de Janeiro a diferença entre o impacto da educação fundamental, de um lado, e a educação secundária e superior, de outro, é a mais acentuada dentre todas as demais grandes cidades. De fato, apenas no Rio de Janeiro e em Manaus o impacto marginal de quatro anos de ensino superior – isto é, o diferencial de renda entre um trabalhador com educação superior completa e outro com educação secundária – sobre o rendimento é mais de 5 vezes superior ao impacto das quatro primeiras séries do fundamental.

Assim, o maior benefício da educação fundamental no Rio de Janeiro não é seu impacto direto sobre a remuneração do trabalho, mas sim o acesso à educação secundária e superior. Em nenhuma outra capital a diferença de atratividade da escola para pobres e ricos é tão acentuada quanto no Rio de Janeiro. Mesmo no Nordeste, onde o impacto da educação superior é elevadíssimo, este diferencial não é tão elevado, uma vez que o impacto das primeiras séries do fundamental nestas capitais é muito superior ao verificado no Rio de Janeiro. De fato, o Rio combina as características de ser a cidade onde tanto as primeiras séries do ensino fundamental quanto a educação superior têm baixo impacto sobre a renda. Este baixo impacto, apresentado pela educação superior no Rio de Janeiro, é resultado de um superávit educacional no mercado de trabalho evidenciado nesta cidade (ver Tabela 10).

Educação de Adultos

O impacto da educação fundamental sobre a renda dos trabalhadores permanece elevado, apesar de ser relativamente inferior ao da educação superior. Neste sentido, a baixa escolaridade de uma parcela significativa da força de trabalho carioca – cerca de 40% da população com mais de 25 anos tem educação fundamental incompleta – tem sérios impactos sobre a sua produtividade e remuneração. Uma importante questão decorrente deste fato se refere à efetividade dos programas para a educação de adultos quando se objetiva elevar a remuneração de uma parcela significativa da população. Caso os retornos à educação de adultos coincidam com as estimativas apresentadas acima para o impacto da educação fundamental sobre a remuneração, a importância destes programas estaria assegurada. Entretanto, as estimativas aqui apresentadas não se aplicam necessariamente, uma vez que elas se referem ao impacto da educação fundamental regular e qualquer programa de educação de adultos utiliza o sistema supletivo. Assim, é fundamental verificar em que medida o impacto da educação supletiva é significativamente inferior ao da educação regular.

Estimativas comparadas do impacto do ensino regular e supletivo sobre o nível salarial são apresentadas na Tabela 8. Estes resultados revelam que o impacto do supletivo é surpreendentemente similar ao do ensino regular. Na realidade, enquanto que ter completado o ensino fundamental regular aumenta os rendimentos do trabalho em 67%, completar o

fundamental via supletivo eleva os rendimentos em 52% mesmo que a pessoa não tenha anteriormente completado qualquer série regular. Assim, o impacto do supletivo equivale a 77% do impacto total do ensino fundamental regular. Estes resultados são encorajadores, indicando que programas de educação de adultos podem ser um instrumento efetivo para o aumento da remuneração dos trabalhadores com menor qualificação e, portanto, mais pobres.

3.3. Impactos sobre a pobreza

Reduções no grau de pobreza podem ser obtidas a partir de aumentos no nível de escolaridade, na medida em que facilitam a inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho e elevam a sua remuneração. Nesta subseção, procuramos avaliar a provável magnitude do impacto de aumentos nos níveis educacionais sobre o grau de pobreza. Para isso, consideramos apenas o impacto esperado de aumentos na escolaridade sobre a remuneração do trabalho, isto é, ignoramos os seus potenciais efeitos sobre as taxas de desemprego ou de participação.

Mais especificamente, buscamos estimar o impacto de elevar a escolaridade da população ocupada sobre o grau de pobreza, impondo sucessivos níveis educacionais mínimos, até atingir a meta de educação secundária completa. Em cada caso, a escolaridade daqueles originalmente abaixo do mínimo é elevada a este nível, com seu rendimento sendo devidamente ajustado em função da mudança na sua escolaridade. Todos aqueles níveis de instrução acima do mínimo permanecem com a escolaridade e com os salários inalterados.

A Tabela 9 revela como o impacto da educação varia com o nível educacional mínimo escolhido, tendendo a crescer mais que linearmente com o nível educacional. Existem duas razões básicas para que o impacto da educação não cresça de forma linear com o nível mínimo escolhido.

Como primeira razão, temos que quanto maior o nível educacional selecionado, maior a porcentagem de trabalhadores beneficiados pelo aumento na escolaridade. Por exemplo, quando a escolaridade mínima é elevada para um ano de estudo, apenas aqueles com escolaridade nula são beneficiados. Em contrapartida, quando a escolaridade mínima é elevada de 10 para 11 anos de estudo, beneficiam-se de um ano a mais de estudo todos os que originalmente tinham escolaridade inferior a 11 anos de estudo.

A segunda razão está relacionada com o impacto de um ano adicional de escolaridade sobre a remuneração, que cresce com o nível de escolaridade. De fato, um ano adicional de educação fundamental tem, em média, um impacto muito inferior ao de um ano adicional de educação secundária, indicando também que o impacto da pobreza cresce de forma não linear com a escolaridade mínima.

Os resultados obtidos indicam que o incremento do nível educacional mínimo em um ano, enquanto o mínimo é inferior ao fundamental completo, reduz a pobreza em bem menos de um ponto percentual. Assim, a imposição da quarta série completa como mínimo implica numa redução na pobreza em meio ponto percentual, ao passo que a imposição da sétima série completa como mínimo implica numa redução na pobreza em menos de dois pontos percentuais. Por sua vez, a imposição da oitava série como mínimo, ou seja, o fundamental completo, leva a uma redução na pobreza de 2,4 pontos percentuais. Contudo, os grandes ganhos vêm com a generalização do ensino secundário. De fato, caso o secundário completo (11 anos de estudo) fosse obrigatório, a redução no grau de pobreza seria de 4,5 pontos percentuais.

4. Uma avaliação do excedente educacional no Rio de Janeiro

Nesta seção, investigamos o grau de adequação do nível educacional da população do Rio de Janeiro à estrutura produtiva da cidade, analisando em que medida existe escassez ou um excedente de mão-de-obra qualificada. Visto de outro ângulo, o objetivo é avaliar, por um lado, em que medida a estrutura produtiva da cidade conduz a uma plena utilização da mão-de-obra

qualificada existente. Por outro lado, buscamos avaliar em que medida parte desta mão-de-obra qualificada encontra-se subutilizada em ocupações que são tipicamente realizadas nas demais cidades por uma mão-de-obra menos qualificada. Em suma, buscamos avaliar se a mão-de-obra no Rio de Janeiro encontra-se sub-educada ou sobre-educada dada a estrutura produtiva local.

Para isso, organizamos esta seção em três partes. Na primeira, analisamos a estrutura ocupacional do Rio de Janeiro, ressaltando suas particularidades bem como seu grau de avanço em relação às outras onze capitais selecionadas. A segunda parte destaca a escolaridade média e os requerimentos educacionais das ocupações na cidade do Rio de Janeiro. Por fim, a terceira parte se refere ao superávit educacional existente na cidade, avaliando não apenas a sua magnitude, como também a contribuição de cada grupo ocupacional para este superávit.

Estrutura ocupacional

Como a estrutura produtiva das cidades é diversa, são também diversas as suas necessidades de mão-de-obra qualificada. Assim, uma comparação direta entre a escolaridade da população ocupada no Rio de Janeiro e as capitais selecionadas não permite avaliar a relativa escassez ou excedente educacional na cidade (ver Gráfico 8). Tendo em vista que uma estrutura produtiva mais avançada requer trabalhadores com maior escolaridade, é possível encontrar situações onde existe maior escassez educacional justamente na cidade onde a escolaridade é mais elevada. Para que isto ocorra, basta que a estrutura produtiva da cidade com maior escolaridade seja suficientemente mais avançada que a das demais capitais.

Para representar operacionalmente a estrutura ocupacional dividimos o espectro de ocupações em quatro grandes grupos de acordo com o grau de qualificação requerido, como pode ser observado pela Tabela 10. Os resultados indicam que, em relação ao conjunto das capitais consideradas, o Rio de Janeiro tem uma porcentagem menor tanto de ocupações de média quanto de alta qualificação. Aqueles que se encontram sobre-representados no Rio de Janeiro pertencem ao grupo de ocupações que requerem baixa qualificação e ao grupo de ocupações sem qualificação definida.

Como o grupo sem qualificação definida requer um nível educacional elevado (9,6), esta composição ocupacional da cidade não permite concluir de imediato se a estrutura produtiva do Rio de Janeiro é mais avançada ou retrógrada que a do conjunto das capitais selecionadas e, portanto, em que medida a escolaridade requerida é maior ou menor no Rio de Janeiro que no conjunto destas. Assim, quão avançada ou retrógrada é a estrutura produtiva carioca irá depender dos pesos específicos dos diversos grupos ocupacionais e o do requerimento educacional de cada grupo ocupacional.

Escolaridade média e requerimentos educacionais das ocupações

Com relação ao requerimento educacional dos grupos ocupacionais, a Tabela 10 apresenta tanto a escolaridade média por categoria ocupacional no Rio de Janeiro como para o conjunto das doze capitais brasileiras selecionadas. A escolaridade de cada grupo ocupacional para este conjunto de cidades será tratada como o requerimento educacional de cada grupo, isto é, será tomada como a escolaridade média requerida para exercer uma ocupação típica do grupo ocupacional.

As estimativas apresentadas confirmam que o requerimento educacional aumenta conforme o grau de qualificação das ocupações. As ocupações classificadas como de baixa qualificação requerem uma escolaridade próxima aos 6 anos de estudo, ao passo que as ocupações classificadas como qualificadas requerem cerca de 13 anos de estudo.

Superávit educacional

Para avaliar o grau de escassez ou o excedente educacional de uma cidade é necessário comparar a escolaridade disponível com a escolaridade requerida dado a estrutura produtiva local. Mais especificamente, definimos como excedente educacional de uma cidade a diferença entre a

escolaridade média da cidade e o seu requerimento educacional. Para estimar a escolaridade requerida, por sua vez, é necessário conhecer a estrutura produtiva local e o requerimento educacional de cada atividade. Neste trabalho, identificamos a estrutura produtiva local com a estrutura ocupacional da mão-de-obra ocupada e definimos como requerimento educacional de cada ocupação a escolaridade média de cada uma das ocupações no conjunto das doze capitais brasileiras selecionadas. Assim, o excedente educacional da cidade será obtido comparando-se a escolaridade média com a que seria requerida, dada a estrutura ocupacional da cidade e os requerimentos educacionais das ocupações.

Novamente utilizando a Tabela 10, verificamos que a escolaridade média no Rio de Janeiro em todos os grupos ocupacionais supera os correspondentes requerimentos educacionais. Desse modo, independentemente da estrutura ocupacional da cidade, os resultados indicam a existência de um excedente educacional no Rio de Janeiro. Visto por outro ângulo, este resultado significa que a estrutura produtiva da cidade não é suficientemente avançada de forma a dar plena utilização a escolaridade disponível, resultando na sub-utilização da qualificação da força de trabalho disponível. Por conseguinte, via de regra, iremos encontrar que os cariocas exercendo uma dada ocupação irão ter uma escolaridade acima da que tipicamente esta ocupação requer no conjunto das cidades.

Vale ressaltar que, por um lado, é possível identificar a existência de um excedente educacional na cidade sem recorrermos a informação sobre sua estrutura ocupacional. Por outro lado, para avaliarmos a magnitude deste excedente, é absolutamente necessário levar em consideração a estrutura ocupacional da cidade, uma vez que só assim é possível obter o requerimento educacional médio para a cidade, ingrediente fundamental para o cálculo do excedente educacional.

Estimativas para os requerimentos educacionais médios das diversas cidades são apresentadas também na Tabela 10. Estes requerimentos são em última instância uma medida do avanço relativo da estrutura produtiva da cidade. Assim, esta tabela revela que em relação a estas cidades a estrutura produtiva do Rio de Janeiro é mais avançada que a média e que mais avançada que a estrutura de Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia e das cidades do Norte e Nordeste. A estrutura produtiva do Rio de Janeiro é, entretanto, menos avançada e, portanto, demanda uma menor escolaridade que a de Porto Alegre, São Paulo e Brasília. Como a força de trabalho carioca tem uma escolaridade maior que a de São Paulo e Brasília segue de imediato que existe ou uma menor escassez educacional ou um maior excedente educacional no Rio de Janeiro que nestas duas cidades.

Dadas estas estimativas do requerimento educacional para cada cidade, pode-se avaliar a magnitude do excedente ou escassez educacional comparando-se este requerimento com a escolaridade média da cidade. Estes contrastes são também apresentados na Tabela 10. Eles revelam que deste conjunto de cidades apenas Porto Alegre, Rio de Janeiro e Curitiba apresentam um nível educacional superior ao requerido, com o excedente sendo maior em Porto Alegre (0,7 ano de estudo) e menor em Curitiba (0,2 ano de estudo). No Rio de Janeiro o excedente educacional é de 0,5 ano de estudo. Em São Paulo não existe evidência de déficit ou superávit significativo, já nas cidades do Norte, Nordeste e Centro-Oeste há evidência de um expressivo déficit educacional.

Como a escolaridade média tende a crescer a uma taxa próxima a um ano por década, o superávit do Rio de Janeiro implica que o sistema educacional encontra-se cerca de 4 anos na frente da evolução da estrutura ocupacional. Em outras palavras, dada a forma como a escolaridade é utilizada no conjunto das cidades, a escolaridade no Rio de Janeiro poderia permanecer imóvel por aproximadamente 4 anos sem que passasse a ser um obstáculo à evolução ocupacional da cidade.

Conforme já mencionado acima, o excedente educacional carioca resulta em última instância no emprego em ao menos algumas ocupações de trabalhadores com escolaridade acima do que tipicamente se utiliza nas demais cidades. Este grau de sobre-qualificação pode ou estar igualmente distribuído entre as ocupações ou concentrado em algumas. No caso carioca podemos

observar que a sobre-qualificação ocorre particularmente nas ocupações com qualificação não especificada e nas ocupações medianamente qualificadas – onde o excedente fica entre 0,7 e 0,9 ano de escolaridade. Estes dois grupos ocupacionais apresentam não apenas o maior grau de sobre-qualificação, como também devido ao seu peso no espectro ocupacional são responsáveis por mais de 2/3 do excedente educacional da cidade. Nas ocupações qualificadas e de baixa qualificação, o grau de sobre-qualificação são menores girando entre 0,2 e 0,3 ano de estudo.

5. A disparidade interna da cidade do Rio de Janeiro

A excelente situação educacional da população adulta carioca e a preocupante situação das oportunidades educacionais da população infantil do Rio, em relação às outras grandes cidades brasileiras, que caracterizam as condições educacionais da cidade não são igualmente compartilhadas por todas as áreas ou regiões que a compõem. Em algumas áreas ou regiões a situação educacional da população adulta permanece precária com, por exemplo, taxas de analfabetismo que podem atingir 20%. Em outras áreas da cidade as oportunidades educacionais abertas à população infantil podem ser excelentes, com uma defasagem série-idade média da ordem de 0,5 ano de estudo, apesar da média para a cidade permanecer em torno de 1,25 ano de estudo.

Nesta seção buscamos avaliar a magnitude das disparidades nas dimensões que constituem as condições educacionais, bem como identificar seus padrões espaciais. Além disso, procuramos determinar se existe uma alta concentração em pequenos segmentos da cidade no que se refere ao desempenho dos diversos indicadores educacionais. Com vistas a avaliar a diversidade educacional no interior da cidade, foi utilizado um processo de desagregação espacial em três níveis. No primeiro nível, utilizamos dados recentes da PNAD que permitem analisar as diferenças nas condições educacionais para seis grandes áreas de planejamento da cidade: Zona Sul, Zona Norte, Subúrbio Próximo, Subúrbio Distante, Jacarepaguá-Madureira e Zona Oeste. No segundo nível, analisamos a diversidade educacional das 29 regiões administrativas em que dividimos a cidade, com base em informações do Censo Demográfico de 1991. Por fim, utilizamos a mesma fonte de informação para investigar as disparidades educacionais entre os 161 bairros em que a cidade foi repartida.

Como toda esta seção focaliza apenas a heterogeneidade interna da cidade, é importante antes de iniciá-la compararmos a magnitude destas disparidades espaciais com a de outras cidades brasileiras de porte similar, com o objetivo de estabelecer se a nossa cidade abriga uma maior heterogeneidade do que outras capitais brasileiras. As informações disponíveis permitem comparar o Rio de Janeiro com Belo Horizonte e Recife. Com vistas a operacionalizar esta comparação estimamos, para cada uma destas cidades, o grau de dissimilaridade entre bairros, este índice está associado a cada um dos oito indicadores de desempenho educacional utilizado neste estudo. Os resultados apresentados na Tabela 11 mostram que, apesar da elevada heterogeneidade espacial carioca, a magnitude das disparidades educacionais entre bairros na cidade é ligeiramente menor que em Recife e significativamente menor que em Belo Horizonte. Portanto, o Rio de Janeiro é, na verdade, espacialmente mais homogêneo que Recife ou Belo Horizonte, pelo menos sob o ponto de vista educacional.

5.1. Disparidades entre áreas de planejamento

Nesta parte dividimos a cidade em seis grandes áreas de planejamento (para uma descrição destas áreas veja o encarte 2 do capítulo 1). Para cada uma destas áreas estimamos oito indicadores educacionais que entram no cálculo do Índice de Condições de Vida (ICV), com base nas Pesquisas por Amostra de Domicílios (PNAD) cobrindo o período 1995-99. Os resultados obtidos permitem identificar várias características das disparidades espaciais do Rio de Janeiro no que se refere à

educação. Duas questões centrais serão tratadas. Em primeiro lugar, investigamos a magnitude das disparidades, identificando quais as dimensões educacionais associadas à maior heterogeneidade espacial. Em segundo lugar, investigamos a ordenação das áreas em relação a cada indicador, verificando em que medida esta ordenação é universal ou depende da dimensão educacional a ser considerada.

Magnitude das disparidades

A magnitude das disparidades espaciais em educação é variável, sendo elevada em alguns casos e relativamente reduzida em outros, dependendo da dimensão educacional que está sendo investigada. Neste sentido, dois contrastes merecem destaque. Por um lado, temos que as disparidades espaciais nas oportunidades educacionais da população infantil são muito inferiores às disparidades espaciais na situação educacional da população adulta. Por outro lado, a população com baixa escolaridade se encontra muito melhor distribuída que a população com alguma educação superior. Além de esses contrastes, cumpre ressaltar que não existem grandes diferenças na magnitude das disparidades espaciais no que diz respeito ao acesso e progresso no ensino fundamental. A seguir documentamos estas diferenças no grau de disparidades espaciais e apresentamos algumas possíveis explicações.

Oportunidades educacionais da população infantil versus situação educacional da população adulta

As disparidades nas oportunidades educacionais da população infantil são bem menores que as disparidades na situação educacional da população adulta. De fato, enquanto o Índice de dissimilaridade para os indicadores de desenvolvimento infantil é sempre inferior a 10%, no caso dos indicadores da situação educacional da população adulta este índice, via de regra, supera 10%, podendo chegar a mais de 30% no caso do acesso à educação superior (ver Tabela 12). Visto de uma forma mais direta, temos que enquanto na Zona Oeste a porcentagem de crianças com mais de um ano de atraso escolar é 60% maior que na Zona Sul, a porcentagem de adultos com educação fundamental incompleta é 100% maior na Zona Oeste que na Zona Sul (ver Tabela 13).

O resultado anterior possui três explicações não excludentes. Em primeiro lugar, este resultado demonstra um certo sucesso da política educacional da cidade, na medida em que pode estar indicando que o desempenho educacional das crianças nas áreas mais pobres da cidade, onde os pais têm menor escolaridade, não é muito distinta do desempenho nas áreas mais ricas, onde a escolaridade dos pais é bem mais elevada. Como o ambiente familiar é reconhecidamente um determinante importante do desempenho educacional dos filhos, estes resultados revelam que o sistema educacional da cidade não só é capaz de oferecer educação fundamental de qualidade similar nas áreas pobres e ricas da cidade; como também é capaz de oferecer serviços que compensam, ao menos parcialmente, o desempenho das crianças mais pobres pela menor escolaridade de seus pais.

Em segundo lugar, este resultado é consistente com um cenário onde não existem grandes diferenças no acesso à educação fundamental, embora existam diferenças significativas entre as áreas pobres e ricas da cidade no que se refere ao acesso à educação secundária ou superior. Neste caso, poderiam coexistir grandes disparidades na porcentagem da população adulta com acesso à educação secundária e superior com pequenas diferenças no acesso da população infantil à educação fundamental.

Por fim, este resultado pode ser o reflexo de um processo migratório educacionalmente viesado. Neste processo, as pessoas que terminam o ciclo escolar com um nível acima ou abaixo da média do bairro onde nasceram, acabam migrando para outros bairros onde a sua escolaridade e nível de renda sejam mais típicos. Desta forma, as pessoas bem sucedidas do subúrbio migrariam para a Zona Sul, enquanto que as pessoas que fracassaram na Zona Sul migrariam para o subúrbio da cidade. Esta situação provocaria uma desigualdade na condição educacional da população adulta

Zona Oeste) as disparidades são bastante limitadas. A ordenação destas três áreas prevalece para todos os indicadores educacionais utilizados, exceto com relação ao acesso da população infantil à escola (porcentagem de crianças freqüentando a escola), que gera uma ordenação bem distinta.

Um exemplo típico da ordenação e as diferenças entre estas áreas, é dado pelas diferenças em escolaridade média. Neste caso, temos a Zona Sul com uma média de 11 anos de estudo, seguida pela Zona Norte com uma média de 9 anos de estudo e os subúrbios com uma média próxima a 7 anos de estudo (ver Tabela 13). Com esta escolaridade média, a área suburbana carioca fica com um nível educacional similar à média das capitais nordestinas.

As diferenças entre estas três áreas são ainda mais nítidas quando consideramos a porcentagem da população adulta com alguma educação superior. Novamente, a superioridade é da Zona Sul, com quase 50% da população com este nível educacional, seguida da Zona Norte, com cerca de 30% da população com alguma educação superior e dos subúrbios cariocas onde apenas 10% da população têm alguma escolaridade superior, exceto Jacarepaguá-Madureira (17%).

A Homogeneidade dos Subúrbios

Em contraste com a grande diferença entre a Zona Sul, Zona Norte e subúrbios, as disparidades entre as quatro áreas que compõem o subúrbio carioca (Subúrbio Próximo, Subúrbio Distante, Jacarepaguá-Madureira, e Zona Oeste) são muito limitadas. Não obstante, podemos observar que surgem claramente alguns padrões, entre eles três merecem destaque. Em primeiro lugar, devemos ressaltar a superioridade dos indicadores educacionais da área de Jacarepaguá-Madureira em relação às demais áreas do subúrbio. Por exemplo, esta é a única área do subúrbio onde a escolaridade média supera 8 anos de estudo e mais de 17% da população adulta tem educação superior (ver Tabela 13).

Em segundo lugar, as diferenças entre o Subúrbio Distante e a Zona Oeste são invariavelmente desprezíveis, com a escolaridade média em torno de 7 anos de estudo e uma porcentagem da população adulta com educação superior em torno de 8% em ambas as áreas.

Por fim, temos que a posição relativa do Subúrbio Próximo depende do indicador utilizado, este fato se deve a que existe um alto grau de heterogeneidade interna da Zona. Na realidade, o Subúrbio Próximo inclui desde os bairros mais afluentes do subúrbio carioca como Jardim Guanabara e Moneró na Ilha do Governador até as grandes favelas da cidade como Maré, Complexo do Alemão, Jacarezinho e Manguinhos. Esta heterogeneidade faz com que a área tenha, por um lado, níveis relativamente elevados de adultos com alguma educação superior, similares a Jacarepaguá-Madureira. Por outro lado, a área também convive com uma elevada porcentagem de adultos com educação fundamental incompleta, alcançando patamares semelhantes aos da Zona Oeste e Subúrbio Distante. Por conseguinte, com relação aos indicadores de acesso à educação superior, o Subúrbio Próximo se assemelha a Jacarepaguá-Madureira, enquanto, que com relação ao acesso à educação básica, mais se assemelha à Zona Oeste e Subúrbio Distante.

5.2. Disparidades entre regiões administrativas

A análise das disparidades por região administrativa permite visualizar melhor a diversidade educacional da cidade. Em particular, na medida em que a análise por região administrativa permite isolar as quatro grandes favelas cariocas, podemos avaliar, por um lado, o enorme contraste entre as regiões ricas da Zona Sul e estas grandes favelas e, por outro lado, a enorme heterogeneidade educacional interna da própria Zona Sul e Subúrbio Próximo.

Esta seção trata de quatro temas básicos. Em primeiro lugar, realizamos uma avaliação da magnitude das disparidades educacionais entre as regiões administrativas da cidade, verificando em que medida estas disparidades são, como na análise das áreas de planejamento, menores em termos das oportunidades educacionais das crianças e mais elevadas em termos da situação educacional da

entre áreas que não refletem qualquer diferença em suas oportunidades educacionais para a população infantil, mas sim um processo migratório educacionalmente seletivo.

As disparidades por nível educacional

A magnitude das disparidades educacionais na cidade depende também do nível educacional considerado. Em particular, todos os indicadores de acesso à educação básica, sejam eles referentes à população infantil ou adulta, têm um grau de dispersão na cidade muito inferior aos indicadores de acesso à educação superior. Este fato se torna evidente quando o Índice de dissimilaridade de indicadores, como a taxa de analfabetismo ou a porcentagem da população com menos de 4 ou 8 anos de estudo, é comparado com o índice relativo à porcentagem da população com alguma educação superior (ver Tabela 12).

No caso do acesso à educação básica, o Índice de dissimilaridade encontra-se entre 10 e 18%, ao passo que no caso do acesso à educação superior, o índice é próximo a 35%. Visto de outra forma, temos que enquanto a porcentagem de adultos com alguma educação superior na Zona Sul (47%) é quase seis vezes maior que na Zona Oeste (8%) ou no Subúrbio Distante (8%), a porcentagem de adultos sem escolaridade fundamental completa nestas áreas (50%) é apenas duas vezes maior que na Zona Sul (23%) (ver Tabela 13). O fato anterior corrobora que as diferenças entre estas áreas concentram-se nos níveis educacionais mais elevados.

Este resultado admite duas explicações. Por um lado, pode resultar da falta de diferenças espaciais significativas no acesso à educação básica combinada com importantes diferenças no acesso à educação superior. Por outro lado, pode resultar de um processo migratório educacionalmente seletivo e unidirecional. Neste caso, a grande maioria daqueles que adquirem alguma educação superior terminariam migrando para as áreas mais ricas da cidade, enquanto que aqueles com baixa escolaridade permaneceriam nos diversos bolsões de pobreza remanescentes nas áreas mais ricas. Esta imobilidade, daqueles com baixa escolaridade, faria com que a porcentagem da população com educação básica incompleta nas áreas ricas não ficasse muito diferente da observada nas áreas mais pobres.

O fato das disparidades educacionais entre áreas serem muito maiores na educação superior que na educação básica tem duas importantes implicações. Em primeiro lugar, implica que a população com baixa escolaridade se encontra melhor distribuída entre as áreas da cidade que a população com alta escolaridade. Por exemplo, enquanto que a Zona Sul, detém mais da metade da população com educação fundamental incompleta do que esta Zona deveria ter caso este grupo estivesse uniformemente distribuído entre as áreas; a população da cidade com alguma educação superior que reside nesta área é quase 2,5 vezes a que ela deveria ter caso este grupo estivesse uniformemente distribuído entre as áreas.

Em segundo lugar, este resultado indica que, enquanto nas áreas pobres praticamente todos têm baixa escolaridade, nas áreas ricas convivem grupos importantes com baixa e alta escolaridade. Por isso, o grau de desigualdade educacional é muito maior nas áreas ricas do que nas áreas pobres. As estimativas do desvio padrão da escolaridade em cada região, apresentadas na Tabela 13, corroboram esta conseqüência. Conforme esta tabela revela, o grau de desigualdade educacional é 30% maior na Zona Sul que na Zona Oeste.

Ordenando as áreas de planejamento segundo o desempenho educacional

Zona Sul, Zona Norte e Subúrbios

Do ponto de vista das condições educacionais, a cidade pode ser dividida em três grandes áreas: (a) a Zona Sul com os melhores indicadores, (b) a Zona Norte com indicadores intermediários e (c) os subúrbios e a Zona Oeste com os piores indicadores. Entre as áreas que compõem o subúrbio carioca (Subúrbio Próximo, Subúrbio Distante, Jacarepaguá-Madureira, e

população adulta e, em particular, em termos do seu acesso à educação superior. Em segundo lugar, buscamos ordenar as regiões administrativas segundo seu desempenho educacional e identificar as principais rupturas espaciais existentes na cidade. Em terceiro lugar, buscamos identificar regiões que vêm dedicando um esforço maior para garantir melhores oportunidades educacionais para sua população infantil, dadas as suas condições sócio-econômicas. Por fim, investigamos a natureza espacial da heterogeneidade interna do Subúrbio Próximo.

Com vistas a realizar cada uma destas análises, estimamos cada um dos oito indicadores educacionais utilizados no Índice de Condições de Vida para cada região administrativa com base no Censo Demográfico de 1991. Entretanto, nossa análise centra-se em apenas quatro destes indicadores: (a) a porcentagem da população infantil com mais de um ano de atraso, (b) a porcentagem da população adulta com fundamental incompleto, (c) a porcentagem da população adulta com alguma educação superior, além da (d) escolaridade média.

A magnitude das disparidades espaciais

As diferenças nas oportunidades educacionais da população infantil e na situação educacional da população adulta, entre regiões administrativas, são bem mais elevadas em relação às mesmas diferenças entre áreas de planejamento (ver Tabela 12). Por exemplo, tipicamente o Índice de dissimilaridade educacional entre regiões administrativas é 20 a 30% maior que o correspondente índice de dissimilaridade entre as seis grandes áreas de planejamento (ver Tabela 12). Entretanto, como o Índice de dissimilaridade das regiões administrativas não chega a dobrar o Índice das áreas de planejamento – e o número de regiões administrativas por área é similar ao número de áreas na cidade – segue que as disparidades educacionais entre áreas são mais importantes que as disparidades entre regiões administrativas de uma mesma área.

Como no caso das disparidades entre as áreas, também entre as regiões administrativas as disparidades na situação educacional da população adulta são maiores que as referentes às oportunidades educacionais da população infantil. Além disso, as disparidades no acesso à educação superior são também maiores que as referentes ao acesso à educação fundamental. De fato, enquanto a porcentagem de adultos com alguma educação superior na região administrativa da Lagoa é 25 vezes maior que na Rocinha, a porcentagem sem educação fundamental completa é apenas quatro vezes maior na Rocinha que na Lagoa (ver Tabela 14a-b). Ademais, a porcentagem de crianças com mais de um ano de atraso escolar, é menos de três vezes maior na Rocinha que na Lagoa. Em consequência, estes resultados ilustram claramente que as disparidades com relação à situação educacional da população adulta são muito maiores que com relação ao desempenho da população infantil, sendo que as disparidades no acesso à educação superior são particularmente elevados.

A importância das disparidades espaciais

Com o propósito de avaliar a importância destas disparidades educacionais, estimamos o atraso educacional de cada região em relação à região administrativa da Lagoa, em termos do tempo necessário para que cada uma das regiões venha atingir as atuais condições educacionais desta região administrativa. Mais especificamente, esta estimativa é realizada em termos do número de anos que serão necessários para que cada uma das regiões atinja as atuais condições educacionais da Lagoa, caso a velocidade do progresso de cada região administrativa seja igual à da cidade ao longo da década de oitenta. Os resultados obtidos encontram-se na Tabela 15.

Estes resultados revelam que seriam necessários quase 40 anos para que a Rocinha venha a ter a mesma porcentagem de adultos com a educação fundamental completa da Lagoa; quase 50 anos para que a porcentagem de crianças com mais de um ano de atraso escolar e a escolaridade média da população adulta na Rocinha venham a ser similares à hoje observada na Lagoa; e mais de 80 anos para que a Rocinha venha a ter a mesma porcentagem de adultos com educação superior

que a Lagoa tem hoje. Em suma, a Lagoa encontra-se entre 40 e 80 anos à frente da Rocinha em termos das condições educacionais da sua população adulta e infantil. É importante, entretanto, ressaltar que estes resultados foram obtidos considerando que a expansão educacional na Rocinha irá prosseguir na velocidade do progresso educacional verificada para a cidade como um todo ao longo da década de oitenta. Caso a expansão educacional na Rocinha ocorra a uma velocidade maior ou se acelere ao longo do tempo, o lapso de tempo necessário para atingir as condições atuais da Lagoa irá se encurtar.

Finalmente, vale frisar o seguinte contraste. Por um lado, a porcentagem de crianças com mais de um ano de atraso escolar é quase três vezes maior na Rocinha que na Lagoa, enquanto que a porcentagem de adultos sem qualquer educação secundária é mais de quatro vezes maior na Rocinha (ver Tabela 14a-b). Ou seja, a diferença no atraso escolar é menor que no acesso à educação secundária.

Por outro lado, quando transformado em anos de atraso escolar, a situação se reverte, uma vez que seriam necessários quase 40 anos para que a Rocinha venha a ter a mesma porcentagem de adultos sem qualquer educação secundária, enquanto que seriam necessários quase 50 anos para que a porcentagem de crianças com mais de um ano de atraso escolar na Rocinha igualasse a da Lagoa. Isto é, a Rocinha encontra-se mais atrasada em relação à Lagoa em termos da defasagem série-idade do que em termos do acesso ao secundário (ver Tabela 15). Esta aparente contradição resulta apenas do acesso ao secundário vir se difundindo a uma velocidade maior que o declínio na defasagem série-idade. Assim, a maior distância em termos de acesso ao secundário na verdade pode ser percorrida em menos tempo.

Ordenando as regiões administrativas segundo o desempenho educacional

Com base nas informações da Tabela 14b, obtivemos a ordenação das regiões administrativas segundo cada um dos oito indicadores educacionais utilizados. Embora a ordenação exata das regiões varie de acordo com o indicador utilizado, podemos destacar alguns resultados gerais.

Em um extremo, as regiões administrativas que compõem a Zona Sul (Lagoa, Copacabana, Botafogo e Barra da Tijuca, exceto a Rocinha) e as duas regiões mais ricas da Zona Norte (Tijuca e Vila Isabel) dividem as seis primeiras posições. Vale ressaltar que as regiões administrativas da Zona Sul lideram este grupo apenas no caso da situação educacional da população adulta. No caso do desempenho da população infantil, a dominância é claramente das duas regiões na Zona Norte (Tijuca e Vila Isabel). Este fato indica que a liderança da Zona Sul provavelmente advém mais da capacidade desta área de atrair migrantes com alta escolaridade, do que a capacidade própria de gerar melhores oportunidades educacionais para a população infantil residente.

No outro extremo, com os piores desempenhos educacionais, encontram-se as quatro grandes favelas (Rocinha, Complexo do Alemão, Jacarezinho e Maré), seguidas de Guaratiba e Santa Cruz, no extremo oeste da cidade. A heterogeneidade entre estas regiões é grande, com condições educacionais particularmente piores na Rocinha, Complexo do Alemão e Maré, e melhores em Santa Cruz. Na maioria dos indicadores, estas áreas encontram-se com mais de 40 anos de atraso em relação ao desempenho educacional da Lagoa (conforme Tabela 15).

No grupo intermediário, encontram-se as regiões administrativas cobrindo os subúrbios cariocas, a Zona Oeste mais próxima (Bangu e Campo Grande) e a área central da cidade. Neste grupo, temos as quatro regiões administrativas mais afluentes do subúrbio (Méier, Ilha do Governador, Jacarepaguá e Irajá) e o Centro da cidade, bem como Santa Teresa, com melhor desempenho. Em termos da escolaridade média da população adulta, estas regiões têm um atraso educacional de 18 a 26 anos em relação à Lagoa.

Por outro lado, neste grupo intermediário os piores desempenhos foram verificados nas regiões da Zona Oeste (Bangu e Campo Grande) e as regiões que formam o Subúrbio Distante

(Anchieta, Pavuna, e Penha) exceto, evidentemente, Irajá, e a parte mais carente da área central da cidade (São Cristóvão e Portuária). Em termos da escolaridade média da população adulta, estas regiões têm um atraso educacional de 32 a 39 anos em relação à Lagoa.

Finalmente, numa posição média temos o restante do Subúrbio Próximo (Ramos e Inhaúma), e da área central da cidade (Rio Comprido) além de Madureira. Em termos da escolaridade média da população adulta, estas regiões têm um atraso educacional em relação à Lagoa de 26 a 28 anos.

Continuidade e rupturas do desempenho educacional

Depois de documentar o acentuado diferencial nas condições educacionais entre a Lagoa, em um extremo, e a Rocinha, em outro, a passagem entre estes dois pólos da cidade é por vezes contínua e suave e por vezes abrupta. Podemos considerar esta continuidade ou falta de continuidade de duas formas distintas.

Por um lado, temos a noção de continuidade espacial, que demanda um desempenho educacional semelhante das regiões vizinhas, de tal forma que uma grande mudança é apenas o resultado de uma série de pequenas mudanças entre áreas contíguas. Assim, poderia haver grandes diferenças, por exemplo, entre o Méier e Santa Cruz sem qualquer ruptura, desde que as condições fossem deteriorando-se continuamente a cada nova estação da linha 1 da Central do Brasil entre as respectivas regiões administrativas.

Uma característica certamente típica da cidade do Rio de Janeiro é a total ausência deste tipo de continuidade espacial. O fato de a Lagoa ser a região administrativa com melhor desempenho e a sua região vizinha, a Rocinha, apresentar o pior desempenho na cidade é a evidência maior da inexistência deste tipo de continuidade espacial na cidade.

Entretanto, esta não é a única ruptura relevante. A existência de outras três regiões administrativas dominadas por favelas, leva a outras importantes rupturas visíveis, como entre Méier e Jacarezinho, entre Maré e Ilha do Governador e entre Complexo do Alemão e Inhaúma. No primeiro caso, seriam necessárias três décadas para que as condições educacionais em Jacarezinho viessem a ser as que hoje se verificam no Méier. No segundo caso, seriam também necessárias três décadas para que as condições educacionais na Maré viessem a se assemelhar às atuais condições verificadas na Ilha do Governador. Por fim, no terceiro caso, seriam necessárias mais de duas décadas para que as condições educacionais no Complexo do Alemão viessem a se aproximar das atuais condições de Inhaúma.

Estes exemplos ilustram, e tornam evidentes, que não existem continuidades espaciais na cidade do Rio de Janeiro sob o ponto de vista das condições educacionais. No entanto, formas menos exigentes de continuidade podem ser encontradas. Por exemplo, podemos tratar como continuidade a capacidade de passar de um extremo ao outro transitando entre regiões não necessariamente contíguas sem que grandes rupturas ocorram. Caso a cidade não atenda também a esta segunda noção de continuidade, podemos dizer que a cidade encontra-se educacionalmente partida, com as regiões administrativas com desempenho acima da faixa pertencendo a uma parte e as regiões com desempenho abaixo pertencendo a outra parte.

A análise dos Gráficos 9a-h revela rupturas educacionais na cidade. A natureza e localização destas rupturas, contudo, dependem do indicador utilizado, sendo ainda possível que no caso de alguns indicadores não ocorram rupturas. Por exemplo, se utilizamos a porcentagem da população adulta sem qualquer educação secundária, temos uma visão da cidade sem rupturas, onde as condições educacionais pioram de forma contínua de Copacabana à Rocinha (veja Gráfico 9d).

Porém, se utilizamos a porcentagem da população adulta com alguma educação superior, é possível identificar uma nítida descontinuidade entre o desempenho educacional da Zona Sul e áreas mais afluentes da Zona Norte (Tijuca e Vila Isabel), por um lado, e as regiões mais afluentes do subúrbio - como Méier e Ilha do Governador. Assim, podemos verificar entre estes dois grupos,

um grande vazio. De um lado, o grupo com melhor desempenho tem entre 35% e 50% da população adulta com alguma educação superior. Do outro lado, o Méier e a Ilha do Governador têm menos de 25% da população com educação superior. Assim, conforme ilustra o Gráfico 9e, não existem regiões administrativas na cidade cuja porcentagem da população adulta com alguma educação superior se situe entre 25% e 35%, mostrando a clara existência de uma importante ruptura educacional na cidade.

Esta ruptura leva a uma outra em termos da escolaridade média, com nenhuma região administrativa tendo uma escolaridade média entre 8,5 anos de estudo (escolaridade média no Méier) e 10 anos de estudo (escolaridade média na Vila Isabel). Existe, portanto, uma divisão da cidade, sob o ponto de vista educacional, em duas partes: uma parte indo da Barra da Tijuca até a Vila Isabel e outra do Méier a Santa Cruz.

O fato de existirem algumas grandes rupturas no interior da cidade, não impede a existência concomitante de continuidades importantes. Na verdade, existem diversas áreas de continuidade, destacando-se o centro geográfico da cidade formado pelas regiões administrativas de Ramos, Inhaúma, Irajá e Madureira. A homogeneidade educacional destas quatro regiões contíguas é notável: a escolaridade média varia de 7,1 a 7,4 anos de estudo, a porcentagem com educação fundamental incompleta varia de 47% a 50% e a porcentagem com alguma educação superior varia de 11% a 14%.

Investimento nas oportunidades educacionais para as crianças

A ordenação das regiões administrativas, segundo a situação educacional da população adulta e segundo as oportunidades educacionais da população infantil, possui vários aspectos em comum. Contudo, isto não implica que a posição relativa de algumas regiões não possa ser significativamente distinta nos dois casos. Como exemplo destas diferenças, podemos destacar a região administrativa de Copacabana, que ocupa a terceira posição em termos da escolaridade da população adulta, mas fica na sétima colocação em termos da defasagem série-idade da população infantil.

O descompasso entre o desempenho de uma determinada região administrativa, em termos da situação educacional da sua população adulta e em termos das oportunidades educacionais da população infantil, pode indicar duas situações distintas dependendo da sua direção. Caso o desempenho, em termos das oportunidades educacionais, seja relativamente superior à situação educacional da população adulta, teremos uma indicação de que a região encontra-se realizando um esforço extra com vistas a garantir melhores oportunidades educacionais para suas crianças. Caso contrário, teremos uma indicação de que a região encontra-se realizando um esforço aquém das suas possibilidades.

O Gráfico 10a permite identificar quais regiões se encontram realizando um esforço extra para garantir boas oportunidades educacionais para suas crianças e quais se encontram aquém de suas possibilidades. Este gráfico apresenta a relação entre a taxa de analfabetismo da população adulta e o atraso escolar médio das crianças na região. Pontos significativamente acima da linha representam regiões com defasagem acima da norma para regiões com uma dada taxa de analfabetismo, indicando que a região tem realizado um esforço aquém das suas possibilidades para garantir melhores oportunidades educacionais para suas crianças. Pontos significativamente abaixo da linha representam a situação oposta.

Com vistas a operacionalizar a noção de *significativamente acima ou abaixo da norma*, tomamos uma banda de $\frac{1}{4}$ de ano de atraso. Assim, consideramos como regiões com insuficiente investimento aquelas com atraso escolar $\frac{1}{4}$ de ano acima da norma, por outro lado, são consideradas regiões com esforço extra aquelas com atraso escolar $\frac{1}{4}$ de ano abaixo da norma.

De acordo com este procedimento, o Gráfico 10b mostra que cinco regiões administrativas possuem atraso escolar significativamente acima da norma. O esforço realizado por estas regiões

para garantir melhores oportunidades educacionais para suas crianças tem sido, portanto, inferior às suas possibilidades. As cinco regiões identificadas foram: Copacabana, Centro, Santa Teresa, Maré e Rocinha. Em contrapartida, nenhuma região foi identificada com atraso escolar significativamente abaixo da norma. Entretanto, devemos ressaltar que as regiões administrativas de Anchieta, Vila Isabel e Irajá se aproximaram à norma, indicando que estas regiões são as que dedicam maior esforço em prol de melhores oportunidades educacionais para suas crianças, condicionado as suas respectivas condições sócio-econômicas.

A heterogeneidade do Subúrbio Próximo

Ao analisarmos as disparidades educacionais entre as grandes áreas da cidade, constatamos que a situação educacional da população adulta no Subúrbio Próximo revelava uma grande heterogeneidade educacional interna. No que se refere ao acesso à educação superior, a população adulta se comporta de maneira similar à área de Jacarepaguá-Madureira. Porém, em termos do acesso à educação básica, o comportamento da população adulta assemelha-se mais ao desempenho do Subúrbio Distante e Zona Oeste. Nesta seção, buscamos aprofundar a análise desta heterogeneidade interna do Subúrbio Próximo com base na desagregação desta área da cidade em regiões administrativas.

Uma listagem das seis regiões administrativas que compõem o Subúrbio Próximo deixa imediatamente evidente sua grande dicotomia interna. Por um lado, esta área de planejamento é composta por três das quatro grandes áreas de favela da cidade: Maré, Jacarezinho e Complexo do Alemão. Nestas regiões, o desempenho educacional é pior que nas regiões que compõem a Zona Oeste e o Subúrbio Distante. Por outro lado, o Subúrbio Próximo também é composto pela Ilha do Governador mais duas áreas no núcleo homogêneo central do subúrbio (Inhaúma e Ramos). A Ilha do Governador é uma das regiões mais afluentes do subúrbio carioca e Inhaúma e Ramos são regiões com desempenho mediano em relação à cidade, mas com desempenho bem acima de toda a Zona Oeste e o Subúrbio Distante, exceto com relação à região administrativa de Irajá (ver Tabelas 13 e 14a-b).

Dada esta composição dicotômica do Subúrbio Próximo, quando se mede o acesso à educação superior, ressalta-se a presença da Ilha do Governador e, em menor escala, de Inhaúma e Ramos nesta área de planejamento. Por outro lado, quando se mede a falta de acesso à educação fundamental, ressalta a presença das grandes áreas de favela (Maré, Jacarezinho, e Complexo do Alemão). Esta dicotomia explica, portanto, o fato do Subúrbio Próximo, ora ter semelhanças com a área de Jacarepaguá-Madureira, ora com a Zona Oeste e o Subúrbio Distante.

5.3. Disparidades entre bairros

As disparidades educacionais na cidade podem ser ainda melhor visualizadas quando desagregamos as 29 regiões administrativas em 161 bairros. A partir desta análise, podemos especificar ainda mais as favelas cariocas, permitindo identificar com clareza Vidigal, Manguinhos, Mangueira, e Acari, entre outras favelas. Além disso, podemos localizar ilhas de afluência nos subúrbios cariocas, como Jardim Guanabara e Vila da Penha, entre outros.

Nesta análise das disparidades entre bairros, abordamos quatro questões básicas. Em primeiro lugar, avaliamos a magnitude destas disparidades e o grau de concentração que dela se deriva. Em segundo lugar, identificamos os bairros com melhor e pior desempenho educacional. Em terceiro lugar, analisamos a heterogeneidade educacional interna das regiões administrativas e grandes áreas. Por fim, em quarto lugar, buscamos identificar os bairros que maior e menor esforço tem dedicado a expandir as oportunidades educacionais da sua população infantil. Com vistas a realizar estas quatro análises das disparidades educacionais entre bairros cariocas, apresentamos na

Tabela 16a estimativas por bairro com base no Censo Demográfico de 1991 para os oito indicadores educacionais utilizados no Índice de Condições de Vida.

A magnitude das disparidades

Uma vez que os bairros constituem-se numa desagregação das regiões administrativas, as disparidades educacionais entre bairros são mais elevadas que entre regiões administrativas e entre áreas de planejamento. Surpreendentemente, entretanto, estas disparidades são apenas ligeiramente mais elevadas – entre 20 e 30% - que as entre áreas, apesar do número de bairros por área ser cerca de cinco vezes maior que o número de áreas da cidade. Este resultado revela que as disparidades entre as seis grandes áreas são bem maiores que as disparidades entre os bairros de uma mesma área.

O padrão das disparidades por bairro confirma os padrões identificados para as disparidades por região administrativa e área de planejamento. Assim, por um lado, as disparidades espaciais em oportunidades educacionais da população infantil tendem a ser bem inferiores às disparidades na situação educacional da população adulta. Por exemplo, o índice de dissimilaridade por bairro para a porcentagem da população adulta com alguma educação superior é quase três vezes maior que o correspondente índice para a porcentagem da população infantil com mais de um ano de atraso escolar. Por outro lado, a análise por bairros também confirma que as disparidades no acesso à educação básica são bem menores que as disparidades no acesso à educação superior, com o índice de dissimilaridade sendo mais de duas vezes maior (ver Tabela 12).

A maior dissimilaridade entre bairros com relação ao acesso à educação superior faz com que a educação superior esteja mais concentrada que a educação fundamental. Este fato pode ser observado no Gráfico 11 que apresenta como a porcentagem da população de adultos com educação superior e sem qualquer educação secundária varia com a porcentagem da população. Por um lado, apesar dos 16 bairros onde a porcentagem de adultos com educação superior é mais escasso representar 10% da população adulta da cidade, residem neles apenas 1% dos adultos com educação superior. Por outro lado, nos 20 bairros onde a porcentagem de adultos com nenhuma educação secundária é mais baixa, residem 10% da população adulta da cidade e 5% dos adultos sem qualquer educação secundária.

Este gráfico revela, ainda, que 27% dos adultos com educação superior vivem nos 43 bairros com maior acesso à educação superior, apesar de residirem nestes bairros apenas 10% da população adulta da cidade. Contudo, apenas 15% dos adultos sem qualquer educação secundária vivem nos 15 bairros com maior acesso a este nível educacional, apesar de também residirem nestes bairros 10% da população adulta da cidade.

Ordenando os bairros segundo o desempenho educacional

Com vistas a identificar os bairros com melhor e pior desempenho educacional, apresentamos na Tabela 16b a ordenação dos bairros segundo cada um dos oito indicadores utilizados. No entanto, em toda a seção, vamos concentrar a análise em apenas três indicadores: (a) porcentagem da população sem educação fundamental completa, (b) porcentagem da população com alguma educação superior, e (c) porcentagem da população infantil com mais de um ano de atraso escolar.

Os melhores na situação educacional da população adulta

A definição do conjunto dos bairros com melhor desempenho educacional depende do indicador selecionado. No caso da ordenação segundo os indicadores da situação educacional da população adulta, 17 dos 20 bairros que compõem a área clássica da Zona Sul – regiões administrativas de Botafogo, Copacabana e Lagoa – e a Barra da Tijuca encontram-se sistematicamente entre os 25 com melhor desempenho. As três exceções são: Vidigal, Catete e

Cosme Velho. Ainda mais contundente é o fato de que 14 bairros deste grupo encontram-se entre os 15 com melhor desempenho. No caso do acesso à educação básica, o Jardim Guanabara é a exceção, enquanto que Saens Pena difere dos demais no caso do acesso à educação superior.

A lista dos 25 bairros com melhor desempenho é completada com os bairros mais afluentes da Ilha do Governador (Jardim Guanabara, Moneró, e eventualmente a Praia da Bandeira), a região central da Tijuca (Maracanã, Campos Sales, e Saens Pena) e o Méier. No caso do acesso à educação superior, entretanto, o Méier possui um desempenho bem inferior ao de outros bairros da Zona Norte, como Vila Isabel, Andaraí e Usina. Vale ressaltar, também, que a posição relativa dos bairros da Zona Norte e da Ilha do Governador depende do indicador utilizado. No caso do acesso à educação superior, os bairros da Zona Norte aparecem com melhor desempenho; no caso do acesso à educação secundária, os bairros da Ilha do Governador aparecem na frente.

Os melhores nas oportunidades educacionais da população infantil

A ordenação dos bairros segundo as oportunidades educacionais da população infantil é bem distinta da ordenação por situação educacional da população adulta. Tais mudanças são espacialmente importantes e não refletem uma simples reordenação de bairros dentro de uma mesma área ou região administrativa.

Como exemplo, podemos destacar o desmantelamento da supremacia dos bairros da Zona Sul. Apenas 8 dos seus 20 bairros passam a figurar entre os 25 bairros com melhor desempenho em termos das oportunidades educacionais da sua população infantil, enquanto no caso da ordenação segundo a situação educacional da população adulta figuravam 17 destes 20 bairros da Zona Sul entre os 25 com melhor desempenho.

Mais surpreendente que a queda da presença da Zona Sul entre os bairros com melhor desempenho é a natureza dos bairros excluídos. Os 9 bairros agora excluídos consistem precisamente na parte mais renomada da orla marítima carioca: Botafogo, Leme, Copacabana (com os quatro bairros que o compõem), Ipanema, Leblon e São Conrado. Da orla, apenas o Flamengo e a Urca permanecem entre os bairros com melhor desempenho, além da Barra da Tijuca.

Pertencem também ao conjunto dos 25 bairros com melhor desempenho os quatro bairros mais afluentes na Ilha do Governador (Jardim Guanabara, Moneró, Praia da Bandeira e Zumbi-Ribeira), toda a parte da Tijuca mais próxima ao centro (Praça da Bandeira, Campo Sales, Maracanã, e Saens Pena), Grajaú, Méier e as três áreas mais afluentes no seu entorno (Riachuelo, Todos os Santos e Maria da Graça). Além desses bairros, integram ainda este conjunto as três ilhas de prosperidade no subúrbio: Vila da Penha, na região administrativa do Irajá (Subúrbio Distante), Campinho, na região administrativa de Madureira, e Jardim Sulacap, na região administrativa de Bangu (Zona Oeste).

Os piores no desempenho educacional

A ordenação dos bairros segundo o seu desempenho educacional apresentada na Tabela 16b também permite identificar os bairros com piores desempenhos. Considerando os 25 bairros com pior desempenho, encontramos as duas grandes áreas de favela na Zona Sul (Rocinha e Vidigal), as quatro grandes áreas de favela no Subúrbio Próximo (Jacarezinho, Manguinhos, Maré, Complexo do Alemão) e as duas grandes áreas de favela na Zona Norte (Mangueira e Caju), além de grande parte dos bairros na fronteira com a baixada fluminense (Parada de Lucas, Acari, Costa Barros, Barros Filho, Anchieta, e Colégio), e praticamente toda a região administrativa de Santa Cruz (exceto o centro). Também se incluem neste conjunto as áreas periféricas mais carentes da região administrativa de Campo Grande (Cosmos, Inhoaíba, Santíssimo) e de Bangu (Senador Camará, Vila Aliança e Vila Kenedy) e as duas grandes áreas carentes na região administrativa de Jacarepaguá (Cidade de Deus e Gardênia Azul).

Ao contrário do que ocorre com a lista dos bairros com melhor desempenho, a lista dos bairros com pior desempenho na situação da população adulta ou nas oportunidades da população

infantil é essencialmente a mesma. Em linhas gerais, o conjunto dos bairros com pior desempenho é composto pelas oito grandes áreas de favela da cidade, praticamente todo o extremo oeste da cidade, a periferia mais carente das regiões administrativas de Campo Grande e Bangu, grande parte da fronteira com a Baixada Fluminense e as áreas pobres da região administrativa de Jacarepaguá.

Apesar de uma grande semelhança entre as listas, alguns bairros como Sampaio e Alto da Boa Vista integram o grupo daqueles com pior desempenho em termos das oportunidades educacionais da população infantil, embora definitivamente não figurem entre os piores segundo a situação educacional da população adulta. De fato, estes bairros perdem quase 50 posições quando a ordenação segundo oportunidades da população infantil é comparada com a ordenação segundo à situação da população adulta. Isso revela que estes bairros têm investido nas oportunidades educacionais da sua população infantil muito aquém de suas possibilidades.

Diferenças entre bairros vizinhos

Por fim, vale ressaltar a enorme heterogeneidade de três regiões administrativas no que se refere às oportunidades educacionais da população infantil - Lagoa, Irajá e Bangu. Cada uma destas regiões detém, ao mesmo tempo, um bairro entre os 25 melhores e um entre os 25 piores. A região administrativa da Lagoa é composta tanto pela Gávea, com o melhor desempenho entre todos os bairros da cidade, quanto pelo Vidigal, que ocupa a 152ª posição. A região administrativa de Irajá abrange não apenas a Vila da Penha, que detém o 5º melhor desempenho da cidade, como também Colégio, que ocupa a 145ª posição. Por sua vez, a região administrativa de Bangu é formada pelo Jardim Sulacap, que detém o 22º melhor desempenho entre os bairros da cidade, e a Vila Kenedy, que ocupa a 158ª posição na ordenação dos bairros da cidade segundo as oportunidades educacionais da população infantil (ver Tabela 16b).

Heterogeneidade interna das Regiões Administrativas

A disponibilidade de informações para os bairros de cada uma das regiões administrativas permite avaliar a heterogeneidade interna de cada uma delas. Com este objetivo, calculamos o índice de dissimilaridade para cada uma das regiões com relação a cada um dos oito indicadores utilizados. Os resultados destas estimativas permitem identificar três regiões administrativas com um alto grau de heterogeneidade interna: Barra da Tijuca, Ilha do Governador e Jacarepaguá.

Na região administrativa da Barra da Tijuca, a heterogeneidade resulta da enorme diferença entre o bairro da Barra da Tijuca e os demais bairros que formam a região. De fato, sem a Barra da Tijuca, a heterogeneidade interna da região reduz-se a metade do seu valor original.

Na Ilha do Governador, a heterogeneidade resulta de uma forte dicotomia entre um conjunto de cinco bairros entre os mais afluentes do subúrbio carioca - Jardim Guanabara, Moneró, Praia da Bandeira, Portuguesa e Zumbi-Ribeira - e outro conjunto bastante homogêneo com condições bem precárias (Pitangueiras, Tauá, Galeão, Jardim Carioca, Cacuia) ou moderadamente precárias (Bancários e Freguesia). O fato de que a heterogeneidade da região resulta da dicotomia entre estes dois grupos pode ser verificada estimando-se o grau de dissimilaridade no interior de cada um destes grupos, revelando que a dissimilaridade dentro de cada um deles é inferior à metade da dissimilaridade da região como um todo.

Por fim, a heterogeneidade em Jacarepaguá advém muito mais de um amplo leque de condições educacionais do que de uma clara dicotomia, embora exista uma pequena ruptura entre as condições educacionais nas quatro áreas mais carentes da região - Gardênia Azul, Cidade de Deus, Curicica e Jacarepaguá - e os sete bairros restantes que formam a região. Entretanto, a heterogeneidade de cada um dos dois grupos permanece elevada quando tratados separadamente, em particular a do grupo mais afluente. Isto indica que a dicotomia entre estes dois grupos não é a principal fonte de heterogeneidade na região, que resulta fundamentalmente de um amplo leque de condições espalhadas de forma quase contínua ao longo da região administrativa.

Ilhas de afluência e de carência educacional

Como a cidade do Rio de Janeiro está repleta de discontinuidades espaciais, a análise por bairros permite que estas rupturas tornem-se ainda mais visíveis. Assim, dedicamos esta seção para identificar os bairros que mais destoam da área de planejamento e região administrativa a que pertencem.

Na Zona Sul, os dois bairros dominados por grandes favelas, Rocinha e Vidigal, divergem por suas condições muito inferiores à média da área de planejamento. Em menor extensão, destoam também pelo seu fraco desempenho todos os bairros da região administrativa da Barra da Tijuca – Recreio dos Bandeirantes, Vargem Grande, e Itanhangá – exceto pela própria Barra da Tijuca.

No que se refere à Zona Norte, dois bairros marcados pela presença de favelas, Caju e Mangueira, não condizem com a sua área de planejamento por apresentarem desempenho muito inferior. Além deste dois, destaca-se também a Gamboa, com desempenho significativamente inferior ao típico da Zona Norte e Central da cidade.

O Subúrbio Próximo é uma parte da cidade que apresenta uma forte dicotomia. Como consequência, esta área passa a contar tanto com bairros que divergem por apresentarem desempenho muito inferior à média da área como por apresentarem desempenho muito acima. Os quatro bairros dominados por favelas apresentam desempenho muito abaixo da média: Jacarezinho, Mangueiros, Maré e Complexo do Alemão. No outro extremo, temos as três principais áreas afluentes da Ilha do Governador: Jardim Guanabara, Moneró, e Zumbi-Ribeira.

Na área de Jacarepaguá-Madureira, todos os destaques são provenientes dos bairros de Jacarepaguá, que se constitui numa das regiões administrativas mais heterogêneas da cidade. Assim, os bairros mais carentes de Jacarepaguá - Cidade de Deus, Gardênia Azul e Jacarepaguá - não condizem com a área de planejamento, possuindo desempenho bem inferior ao típico para a área. Além disso, os três bairros mais afluentes - Pechincha, Freguesia, e Vila Valqueire - possuem desempenho bem acima da média registrada na área de planejamento.

No que se refere ao Subúrbio Distante, área de fronteira da cidade com a Baixada Fluminense, existem também algumas ilhas de carência. Barros Filho e, em particular, Acari, apresentam condições educacionais bem inferiores à média da área, enquanto que a Vila da Penha se destaca como uma ilha de relativa afluência, com indicadores bem superiores ao verificado no restante da área.

Na Zona Oeste, o fraco desempenho educacional passa a ser a regra. Apenas para algumas áreas de afluência formadas pela parte central de Campo Grande, Vila Militar e, particularmente, Jardim Sulacap que apresentam um desempenho educacional muito acima do típico para a Zona Oeste da cidade.

No que se refere aos bairros do subúrbio carioca – incluindo a região administrativa do Méier e de São Cristóvão – que mais se sobressaem por seu desempenho educacional, encontramos Jardim Guanabara e Moneró, na Ilha do Governador, e Méier. Estes três bairros se destacam pelo desempenho educacional significativamente superior ao típico para um subúrbio carioca. Além destes, outros onze bairros da área também se distinguem: quatro no entorno do Méier (Rocha, Riachuelo, Todos os Santos e Cachambi), três na Ilha do Governador (Praia da Bandeira, Portuguesa e Zumbi-Ribeira), três na região administrativa de Jacarepaguá (Vila Valqueire, Pechincha e Freguesia), além da Vila da Penha na região administrativa do Irajá.

Investimento em oportunidades educacionais para as crianças

Alguns bairros, como Sampaio e Alto da Boa Vista, destacam-se por apresentarem uma ordenação segundo a situação educacional da população adulta bem distinta da ordenação segundo as oportunidades educacionais da população infantil. Este descompasso, dependendo da sua

direção, pode indicar que o bairro encontra-se realizando um esforço extra ou um esforço aquém das suas possibilidades para garantir melhores oportunidades educacionais para suas crianças.

De forma similar ao que realizamos na análise das regiões administrativas, com vistas a identificar quais os bairros que se encontram realizando um esforço extra para garantir boas oportunidades educacionais para suas crianças e quais encontram-se aquém de suas possibilidades, procuramos estimar a relação entre o atraso escolar das crianças no bairro e a taxa de analfabetismo.

Os resultados são apresentados no Gráfico 12, onde os pontos significativamente acima da norma representam bairros com defasagem escolar acima da média para bairros com as mesmas possibilidades. Portanto, indica que o bairro tem realizado um esforço abaixo das suas possibilidades para garantir melhores oportunidades educacionais para suas crianças. Por outro lado, pontos significativamente abaixo da norma representam bairros com defasagem escolar abaixo da média para bairros com as mesmas possibilidades e, portanto, indicam que o bairro tem colocado um esforço extra para garantir melhores oportunidades educacionais para suas crianças.

Para operacionalizar a noção de *significativamente* acima ou abaixo da norma, tomamos como no caso da análise por região administrativa, uma banda de mais ou menos dois desvios padrões em torno da linha. Assim, são considerados bairros com insuficiente investimento aqueles com atraso escolar acima da banda superior, e são considerados bairros com esforço extra aqueles com atraso escolar médio abaixo da banda inferior.

De acordo com o Gráfico 13, quatro bairros apresentam atraso escolar significativamente acima da norma, indicando que o esforço realizado para garantir melhores oportunidades educacionais para as crianças tem sido inferior às possibilidades do bairro. Em contrapartida, quatro bairros estão dedicando um esforço extra para garantir boas oportunidades educacionais para a população infantil.

Tanto entre os bairros mais afluentes como entre os mais carentes encontramos exemplos com desempenho acima e abaixo da banda. Entre os afluentes, o Lido, na Zona Sul, está entre aqueles com insuficiente investimento nas oportunidades educacionais da sua população infantil. Por outro lado, uma ilha de afluência na área suburbana da cidade – Zumbi e Ribeira – dedica um enorme esforço para expandir as oportunidades educacionais da sua população infantil.

Entre os bairros mais carentes, destaca-se, por um lado, a Mangueira, por apresentar um péssimo desempenho educacional relativo as suas possibilidades. Em outro extremo, encontra-se Gamboa, que apresenta oportunidades educacionais próximas a do Lido, apesar de ter condições sócio-econômicas similares a da Maré.

Por fim, existem também bairros com níveis medianos de condições de vida que entretanto tem investido muito pouco para expandir as oportunidades educacionais da sua população infantil: São Francisco Xavier e Cacuia. Sendo que este último se destaca como o bairro que, relativo as suas possibilidades, tem dispensado a menor atenção às oportunidades educacionais da população infantil dentre todos os bairros cariocas. Cabe ressaltar ainda Campinho, onde as oportunidades educacionais para a população infantil são excelentes apesar das condições socio-econômicas serem apenas medianas. De fato, este bairro gera oportunidades educacionais melhores que o Lido, apesar de ter uma taxa de analfabetismo 4 vezes maior.

Anexo 1

Tabelas

Tabela 1a: Indicadores educacionais da população infantil para as grandes cidades brasileiras

Grandes cidades	1981-85		1995-99	
	7 a 14 anos	10 a 14 anos	7 a 14 anos	10 a 14 anos
	Porcentagem de pessoas que não frequentam a escola	Defasagem série-idade	Porcentagem de pessoas que não frequentam a escola	Defasagem série-idade
Belém	9,7	2,5	7,2	1,8
Belo Horizonte	10,3	1,6	6,0	1,2
Brasília	6,3	1,6	5,0	1,1
Curitiba	10,0	1,5	4,1	0,8
Fortaleza	14,5	2,5	11,3	1,7
Goiânia	11,1	2,2	7,1	1,2
Manaus	13,9	2,5	10,8	1,8
Porto Alegre	9,9	1,4	5,1	1,0
Recife	12,4	2,2	8,9	1,7
Rio de Janeiro	5,5	1,7	7,3	1,2
Salvador	10,2	2,2	10,4	1,8
São Paulo	8,8	1,6	4,7	0,8

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1981 a 1985 e 1995 a 1999.

Tabela 1b: Ordenação das grandes cidades brasileiras segundo os indicadores educacionais da população infantil

Ordenação	1981-85		1995-99		Ordenação
	7 a 14 anos	10 a 14 anos	7 a 14 anos	10 a 14 anos	
	Porcentagem de pessoas que não frequentam a escola	Defasagem série-idade	Porcentagem de pessoas que não frequentam a escola	Defasagem série-idade	
1	Rio de Janeiro	Porto Alegre	Curitiba	Curitiba	1
2	Brasília	Curitiba	São Paulo	São Paulo	2
3	São Paulo	Brasília	Brasília	Porto Alegre	3
4	Belém	Belo Horizonte	Porto Alegre	Brasília	4
5	Porto Alegre	São Paulo	Belo Horizonte	Belo Horizonte	5
6	Curitiba	Rio de Janeiro	Goiânia	Goiânia	6
7	Salvador	Goiânia	Belém	Rio de Janeiro	7
8	Belo Horizonte	Salvador	Rio de Janeiro	Fortaleza	8
9	Goiânia	Recife	Recife	Recife	9
10	Recife	Belém	Salvador	Salvador	10
11	Manaus	Manaus	Manaus	Manaus	11
12	Fortaleza	Fortaleza	Fortaleza	Belém	12

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1981 a 1985 e 1995 a 1999.

Tabela 2: Posição da cidade do Rio de Janeiro em relação às demais grandes cidades brasileiras

Indicadores	Posição do Rio de Janeiro		Porcentagem de municípios	
	1980	1991	1980	1991
População Infantil				
Porcentagem de crianças de 7 a 14 anos que não frequentam a escola	4°	363°	0,1	8,1
Defasagem escolar média (em anos) das crianças de 10 a 14 anos	544°	739°	13,6	16,4
População adulta				
Taxa de analfabetismo da população de 15 anos de idade e mais	47°	53°	1,2	1,2
Número médio de anos de estudo da população de 25 anos de idade anos e mais	4°	5°	0,1	0,1
Porcentagem da população de 25 anos de idade e mais com:				
menos de 4 anos de estudo	20°	26°	0,5	0,6
menos de 8 anos de estudo	5°	5°	0,1	0,1
mais de 11 anos de estudo	7°	6°	0,2	0,1

Fonte : Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.

Nota: O Total de municípios em 1980 e 1991 era, respectivamente, 3991 e 4491.

Tabela 3a: Indicadores educacionais da população adulta para as grandes cidades brasileiras

Grandes Cidades	1981-85					1995-99				
	15 anos e mais	25 anos e mais				15 anos e mais	25 anos e mais			
	Taxa de analfabetismo	Número médio de anos de estudos	Porcentagem com menos de quatro anos de estudos	Porcentagem com menos de oito anos de estudos	Porcentagem com mais de onze anos de estudos	Taxa de analfabetismo	Número médio de anos de estudos	Porcentagem com menos de quatro anos de estudos	Porcentagem com menos de oito anos de estudos	Porcentagem com mais de onze anos de estudos
Porto Alegre	5,7	7,2	19,1	52,7	17,54	3,7	8,6	14,1	40,1	24,80
Rio de Janeiro	6,6	6,8	21,4	56,0	14,32	3,4	8,2	16,8	41,1	19,75
Curitiba	6,6	6,4	26,7	60,5	13,74	3,9	8,1	17,6	44,1	20,40
Brasília	10,6	6,5	30,5	57,2	15,65	5,9	7,9	20,0	44,1	18,77
Belo Horizonte	8,6	6,2	27,4	63,0	12,32	4,9	7,7	18,1	49,1	17,08
Belém	7,3	6,0	30,1	63,6	9,05	4,4	7,6	20,2	45,9	13,25
São Paulo	8,9	5,7	29,7	67,6	11,44	4,6	7,4	19,0	49,8	17,03
Salvador	11,2	6,1	29,9	61,0	10,33	6,7	7,5	22,4	47,0	12,44
Goiânia	10,2	5,7	35,5	64,8	10,65	6,3	7,2	23,5	51,4	12,83
Manaus	9,8	5,3	36,2	68,2	6,28	6,6	6,9	24,6	50,1	7,32
Recife	17,5	5,6	34,0	65,7	10,88	11,0	7,1	25,5	53,4	15,20
Fortaleza	17,5	5,1	41,0	69,0	8,51	12,8	6,4	30,4	57,2	10,06

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1981 a 1985 e 1995 a 1999.

Tabela 3b: Ordenação das grandes cidades brasileiras segundo os indicadores educacionais da população adulta

Grandes Cidades	1981-85					1995-99					Grandes Cidades
	15 anos e mais	25 anos e mais			15 anos e mais	25 anos e mais					
	Taxa de analfabetismo	Número médio de anos de estudos	Porcentagem com menos de quatro anos de estudos	Porcentagem com menos de oito anos de estudos	Porcentagem com mais de onze anos de estudos	Taxa de analfabetismo	Número médio de anos de estudos	Porcentagem com menos de quatro anos de estudos	Porcentagem com menos de oito anos de estudos	Porcentagem com mais de onze anos de estudos	
1	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	Rio de Janeiro	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	Porto Alegre	1
2	Curitiba	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasília	Porto Alegre	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Curitiba	2
3	Rio de Janeiro	Brasília	Curitiba	Brasília	Rio de Janeiro	Curitiba	Curitiba	Curitiba	Curitiba	Rio de Janeiro	3
4	Belém	Curitiba	Belo Horizonte	Curitiba	Curitiba	Belém	Brasília	Belo Horizonte	Brasília	Brasília	4
5	Belo Horizonte	Belo Horizonte	São Paulo	Salvador	Belo Horizonte	São Paulo	Belo Horizonte	São Paulo	Belém	Belo Horizonte	5
6	São Paulo	Salvador	Salvador	Belo Horizonte	São Paulo	Belo Horizonte	Belém	Brasília	Salvador	São Paulo	6
7	Manaus	Belém	Belém	Belém	Recife	Brasília	Salvador	Belém	Belo Horizonte	Recife	7
8	Goiânia	Goiânia	Brasília	Goiânia	Goiânia	Goiânia	São Paulo	Salvador	São Paulo	Belém	8
9	Brasília	São Paulo	Recife	Recife	Salvador	Manaus	Goiânia	Goiânia	Manaus	Goiânia	9
10	Salvador	Recife	Goiânia	São Paulo	Belém	Salvador	Recife	Manaus	Goiânia	Salvador	10
11	Fortaleza	Manaus	Manaus	Manaus	Fortaleza	Recife	Manaus	Recife	Recife	Fortaleza	11
12	Recife	Fortaleza	Fortaleza	Fortaleza	Manaus	Fortaleza	Fortaleza	Fortaleza	Fortaleza	Manaus	12

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1981 a 1985 e 1995 a 1999.

**Tabela 4: Atraso educacional das grandes cidades
em relação ao Rio de Janeiro**

Grandes Cidades	Anos de estudo		Velocidade (em anos)	Atraso em relação ao Rio de Janeiro (em anos)	Tempo (em anos) necessário para alcançar o Rio de Janeiro
	Coortes				
	1930-34	1970-74			
Rio de Janeiro	5,9	9,2	3,3	--	--
Belo Horizonte	5,4	8,6	3,2	8	--
Brasília	5,0	8,5	3,5	8	142
São Paulo	4,7	8,7	4,0	5	32
Porto Alegre	6,0	9,5	3,5	-3	--
Curitiba	5,2	9,1	3,9	1	9
Goiânia	3,4	8,3	4,9	8	23
Salvador	4,9	8,2	3,3	13	--
Recife	4,6	7,7	3,2	19	--
Belém	4,7	8,6	3,9	6	44
Fortaleza	4,0	7,2	3,2	25	--
Manaus	3,4	8,0	4,6	11	40

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 1999.

Tabela 5: Escolaridade média da população adulta nascida e residente na cidade do Rio de Janeiro - 1995-99

Grupos	População residente	População nascida na cidade*	População residente que migrou para a cidade	População nascida que permanece residindo na cidade
1944 ou antes	6,3	7,3	5,6	7,2
1945 - 54	8,2	8,9	7,3	8,9
1955 - 64	9,1	9,7	7,5	9,7
1965 - 74	9,3	9,8	7,8	9,8
1974 ou antes	8,5	8,9	6,9	8,8

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1995 a 1999.

Nota: * Incluindo a população que emigrou.

Tabela 6: Taxa de desemprego por nível educacional nas grandes cidades brasileiras
1995-99

Anos de estudo	Belém	Belo Horizonte	Brasília	Curitiba	Fortaleza	Goiânia	Manaus	Porto Alegre	Recife	Rio de Janeiro	Salvador	São Paulo
0 - 4	10,2	9,4	11,3	7,9	9,3	7,9	17,0	8,2	11,4	8,2	15,4	10,4
5 - 8	14,0	13,7	15,7	11,2	13,2	9,8	21,8	13,2	15,1	11,5	21,3	15,9
9 - 11	13,7	9,9	12,2	9,2	10,5	7,5	16,4	10,8	12,9	10,6	16,5	12,8
12 e mais	6,3	4,2	4,3	4,4	5,4	4,3	4,9	4,4	4,8	6,0	6,7	5,2

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 1995 a 1999.

Tabela 7: Diferencial de remuneração entre trabalhadores com níveis educacionais diversos e características pessoais idênticas nas grandes cidades brasileiras - 1995-99

(%)

Anos de estudo	Belém	Belo Horizonte	Brasília	Curitiba	Fortaleza	Goiânia	Manaus	Porto Alegre	Recife	Rio de Janeiro	Salvador	São Paulo
0 - 4	6,1	6,7	8,1	6,6	7,5	7,6	3,4	7,2	6,3	4,4	6,5	4,9
4 - 8	6,9	9,5	9,2	7,3	6,4	5,8	7,2	7,7	7,7	6,8	7,1	6,8
8 - 11	14,9	15,3	18,6	14,8	18,0	14,6	14,6	15,8	16,9	14,7	17,6	13,5
11 - 15	25,8	20,4	20,5	17,3	23,8	20,3	22,0	17,6	23,6	19,6	24,7	17,8
11 - 16	22,6	17,5	19,2	19,1	23,3	20,8	16,9	18,3	23,4	19,6	23,1	18,1
0 - 8	6,5	8,1	8,6	7,0	6,9	6,7	5,3	7,4	7,0	5,6	6,8	5,9
0 - 11	8,8	10,1	11,4	9,1	10,0	8,9	7,8	9,7	9,7	8,1	9,7	7,9
0 - 15	13,3	12,8	13,8	11,3	13,6	11,9	11,6	11,8	13,4	11,1	13,7	10,6
0 - 16	13,1	12,4	13,8	12,2	14,1	12,6	10,7	12,4	14,0	11,7	13,9	11,1

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 1995 a 1999.

Nota: O universo utilizado é o de pessoas de 25 a 64 anos ocupadas com renda positiva.

Tabela 8: Os impactos dos ensinos regular e supletivo sobre a renda auferida na ocupação principal na cidade do Rio de Janeiro - 1992-95

Ensino fundamental	Impacto acumulado (%)		
	Ensino regular	Ensino supletivo	
		Não completou qualquer série do ensino regular	Completou até a 4ª série do ensino regular
Até a 1ª série	8,9		
Até a 2ª série	15,4		
Até a 3ª série	21,0		
Até a 4ª série	35,7		
Até a 5ª série	38,9		
Até a 6ª série	48,9		
Até a 7ª série	50,8		
Até a 8ª série	67,3	51,5	51,7

Fonte: Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) de 1992 a 1995.

Nota: O universo utilizado é o de pessoas de 25 a 64 anos.

Tabela 9: O impacto de aumentos na escolaridade sobre o grau de pobreza na cidade do Rio de Janeiro - 1995-99

Anos de estudo	Garantindo à população escolaridade de no mínimo		Garantindo à população em cada nível educacional o incremento de	
	Porcentagem de pobres	Variação	Porcentagem de	Variação
Situação atual	12,4	--	12,4	--
1 ano	12,1	0,3	11,5	0,9
2 anos	12,1	0,3	10,4	2,0
3 anos	12,3	0,1	9,6	2,7
4 anos	11,9	0,5	8,0	4,4
5 anos	11,5	0,9	7,8	4,6
6 anos	11,5	0,9	7,0	5,4
7 anos	10,8	1,6	6,5	5,9
8 anos	10,0	2,4	5,7	6,7
9 anos	11,3	1,1	5,6	6,8
10 anos	9,5	2,9	5,3	7,1
11 anos	7,9	4,5	5,0	7,4
12 anos	5,5	6,9	4,8	7,6

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 1995 a 1999.

Tabela 10: Requerimento educacional das ocupações e escolaridade média nas grandes cidades brasileiras

Cidades \ Ocupações	Requerimento educacional	Escolaridade média	Composição dos trabalhadores	Superávit / Déficit (anos de estudo)	Contribuição para Superávit / Déficit (%)
Rio de Janeiro	8,5	9,0	100,0	0,5	
Baixa qualificação	6,3	6,6	39,3	0,2	20,1
Média qualificação	8,1	8,8	26,8	0,7	40,4
Alta qualificação	13,0	13,2	18,5	0,3	10,4
Sem qualificação definida	9,6	10,5	15,4	0,9	29,1
Belo Horizonte	8,4	8,2	100,0	-0,1	
Baixa qualificação	6,3	6,2	41,7	-0,1	46,4
Média qualificação	8,1	7,9	27,8	-0,2	50,1
Alta qualificação	13,0	13,1	16,3	0,1	-13,8
Sem qualificação definida	9,6	9,5	14,2	-0,2	17,3
Brasília	8,5	8,4	100,0	-0,1	
Baixa qualificação	6,3	6,0	41,3	-0,3	129,5
Média qualificação	8,1	8,5	24,7	0,4	-111,3
Alta qualificação	13,0	12,9	17,3	0,0	6,3
Sem qualificação definida	9,6	9,2	16,7	-0,4	75,5
São Paulo	8,5	8,5	100,0	0,0	
Baixa qualificação	6,3	6,6	37,6	0,3	308,4
Média qualificação	8,1	8,0	31,3	-0,1	-131,9
Alta qualificação	13,0	12,9	17,3	-0,1	-40,2
Sem qualificação definida	9,6	9,5	13,8	-0,1	-36,2
Porto Alegre	8,6	9,3	100,0	0,7	
Baixa qualificação	6,3	6,6	36,9	0,3	16,3
Média qualificação	8,1	9,0	28,1	0,9	36,4
Alta qualificação	13,0	13,8	19,8	0,8	25,0
Sem qualificação definida	9,6	10,6	15,2	1,0	22,4
Curitiba	8,1	8,2	100,0	0,2	
Baixa qualificação	6,3	6,6	47,5	0,3	89,0
Média qualificação	8,1	8,1	27,4	0,0	-5,4
Alta qualificação	13,0	13,0	12,5	0,0	3,2
Sem qualificação definida	9,6	9,8	12,7	0,2	13,2
Goiânia	8,2	7,8	100,0	-0,4	
Baixa qualificação	6,3	6,4	42,6	0,1	-5,2
Média qualificação	8,1	7,3	29,4	-0,8	53,4
Alta qualificação	13,0	12,4	13,2	-0,6	18,1
Sem qualificação definida	9,6	8,7	14,9	-1,0	33,7
Salvador	8,1	8,1	100,0	-0,1	
Baixa qualificação	6,3	6,1	47,7	-0,2	131,4
Média qualificação	8,1	8,2	26,5	0,0	-13,3
Alta qualificação	13,0	12,9	14,5	0,0	4,3
Sem qualificação definida	9,6	9,8	11,4	0,1	-22,3
Recife	8,2	7,8	100,0	-0,3	
Baixa qualificação	6,3	5,7	48,1	-0,7	93,6
Média qualificação	8,1	8,0	23,8	-0,2	11,9
Alta qualificação	13,0	13,2	14,3	0,2	-9,0
Sem qualificação definida	9,6	9,6	13,8	-0,1	3,5
Belém	8,1	8,1	100,0	0,0	
Baixa qualificação	6,3	6,3	50,1	0,0	-603,1
Média qualificação	8,1	8,3	22,2	0,2	2571,5
Alta qualificação	13,0	12,8	14,5	-0,1	-1214,7
Sem qualificação definida	9,6	9,6	13,1	-0,1	-653,6
Fortaleza	8,1	7,0	100,0	-1,1	
Baixa qualificação	6,3	5,3	47,5	-1,0	43,5
Média qualificação	8,1	7,0	27,4	-1,1	28,4
Alta qualificação	13,0	12,3	12,5	-0,7	8,0
Sem qualificação definida	9,6	8,0	12,7	-1,7	20,1
Manaus	8,2	7,6	100,0	-0,6	
Baixa qualificação	6,3	6,1	42,9	-0,2	18,6
Média qualificação	8,1	7,7	30,3	-0,4	21,9
Alta qualificação	13,0	11,6	13,4	-1,4	31,5
Sem qualificação definida	9,6	8,4	13,3	-1,2	28,0

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 1995 a 1999.

Tabela 11: Índice de dissimilaridade entre bairros no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Recife - 1991

Cidades	15 anos e mais	25 anos e mais			7 a 14 anos	10 a 14 anos		
	Taxa de analfabetismo (%)	Número médio de anos de estudo para a população	Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem da população com menos de oito anos de estudo	Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo	Porcentagem da população que não frequenta a escola	Defasagem escolar média para população de um ano de atraso escolar	Porcentagem da população com mais de um ano de atraso escolar
Rio de Janeiro	22,8	10,6	18,5	14,5	34,6	15,2	11,4	13,2
Belo Horizonte	26,1	15,1	23,2	16,4	45,1	16,1	12,7	15,5
Recife	20,3	15,2	18,5	15,6	43,0	16,2	11,3	13,0

Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Tabela 12: Índice de dissimilaridade entre áreas, regiões administrativas e bairros da cidade do Rio de Janeiro -1991

Localidade	15 anos e mais	Número médio de anos de estudo	25 anos e mais			7 a 14 anos	10 a 14 anos	
	Taxa de analfabetismo (%)		Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem da população com menos de oito anos de estudo	Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo	Porcentagem da população que não frequenta a escola	Defasagem escolar média	Porcentagem da população com mais de um ano de atraso escolar
Área	11,9	8,6	11,9	11,0	30,7	5,2	5,9	7,5
Região Administrativa	16,1	9,3	14,4	12,2	31,7	9,1	7,8	9,6
Bairros	22,8	10,6	18,5	14,5	34,6	15,2	11,4	13,2

Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Tabela 13: Indicadores educacionais para as áreas do Rio de Janeiro - 1995-99

Áreas	15 anos e mais		25 anos e mais			7 a 14 anos	10 a 14 anos		
	Taxa de analfabetismo (%)	Número médio de anos de estudo	Desvio padrão do número médio de anos de estudo	Porcentagem com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem com menos de oito anos de estudo	Porcentagem com mais de onze anos de estudo	Porcentagem que não frequenta a escola	Defasagem escolar média	Porcentagem com mais de um ano de atraso escolar
Zona Sul	2,3	11,0	5,7	9,6	22,5	47,0	8,0	1,0	25,2
Zona Norte	2,3	9,3	5,2	12,5	32,0	28,7	4,9	1,0	26,3
Madureira e Jacarepaguá	3,1	8,1	4,8	15,3	39,9	17,2	7,0	1,1	28,1
Subúrbio Próximo	4,2	7,2	4,7	23,5	49,2	13,2	6,3	1,1	31,1
Subúrbio Distante	4,2	6,9	4,4	21,9	49,6	8,5	8,1	1,4	38,9
Zona Oeste	4,2	6,9	4,3	18,3	50,5	8,1	8,1	1,4	39,9

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1995 a 1999.

Tabela 14a: Indicadores educacionais para as regiões administrativas do Rio de Janeiro - 1991

Região Administrativa	15 anos e mais	25 anos e mais			
	Taxa de analfabetismo (%)	Número médio de anos de estudo	Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem da população com menos de oito anos de estudo	Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo
Anchieta	5,1	7	19,0	54,4	6,6
Bangu	6,4	6	21,7	57,5	7,1
Barra da Tijuca	6,2	10	14,9	29,0	44,8
Botafogo	2,5	11	8,9	22,9	43,6
Campo Grande	7,0	6	22,3	56,6	8,0
Centro	3,1	8	13,7	38,8	18,0
Complexo do Alemão	15,2	4	42,9	77,9	1,5
Copacabana	2,2	11	8,0	21,2	41,6
Guaratiba	12,1	5	33,6	70,7	3,8
Ilha do Governador	5,1	8	15,0	40,6	19,4
Inhaúma	5,3	7	17,9	49,6	10,8
Irajá	4,3	7	15,6	46,6	12,4
Jacarepaguá	6,3	8	18,2	45,3	16,6
Jacarezinho	13,1	5	34,3	76,2	1,3
Lagoa	3,2	11	10,7	23,3	48,0
Madureira	4,5	7	15,6	48,0	10,7
Maré	16,2	4	39,6	77,0	1,6
Méier	3,7	9	12,4	37,8	22,0
Pavuna	7,7	6	24,0	60,5	4,9
Penha	6,0	7	20,0	54,1	9,5
Portuária	10,8	6	28,0	64,3	5,7
Ramos	6,1	7	18,2	49,7	13,6
Rio Comprido	6,2	7	18,8	48,7	16,6
Rocinha	18,0	4	48,2	80,9	2,0
Santa Cruz	8,5	6	26,0	64,9	3,8
Santa Teresa	4,9	8	17,7	45,8	20,4
São Cristóvão	8,2	6	23,4	58,1	9,8
Tijuca	3,6	10	9,8	27,9	38,8
Vila Isabel	3,4	10	10,4	28,8	36,6

Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Tabela 14b: Ordenação dos indicadores educacionais segundo as regiões administrativas do Rio de Janeiro - 1991

Ordenação	15 anos e mais		25 anos e mais			Ordenação
	Taxa de analfabetismo (%)	Número médio de anos de estudo	Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem da população com menos de oito anos de estudo	Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo	
1	Copacabana	Lagoa	Copacabana	Copacabana	Lagoa	1
2	Botafogo	Botafogo	Botafogo	Botafogo	Barra da Tijuca	2
3	Centro	Copacabana	Tijuca	Lagoa	Botafogo	3
4	Lagoa	Barra da Tijuca	Vila Isabel	Tijuca	Copacabana	4
5	Vila Isabel	Tijuca	Lagoa	Vila Isabel	Tijuca	5
6	Tijuca	Vila Isabel	Méier	Barra da Tijuca	Vila Isabel	6
7	Méier	Méier	Centro	Méier	Méier	7
8	Irajá	Centro	Barra da Tijuca	Centro	Santa Teresa	8
9	Madureira	Ilha do Governador	Ilha do Governador	Ilha do Governador	Ilha do Governador	9
10	Santa Teresa	Santa Teresa	Irajá	Jacarepaguá	Centro	10
11	Anchieta	Jacarepaguá	Madureira	Santa Teresa	Jacarepaguá	11
12	Ilha do Governador	Rio Comprido	Santa Teresa	Irajá	Rio Comprido	12
13	Inhaúma	Irajá	Inhaúma	Madureira	Ramos	13
14	Penha	Madureira	Jacarepaguá	Rio Comprido	Irajá	14
15	Ramos	Ramos	Ramos	Inhaúma	Inhaúma	15
16	Rio Comprido	Inhaúma	Rio Comprido	Ramos	Madureira	16
17	Barra da Tijuca	Penha	Anchieta	Penha	São Cristovão	17
18	Jacarepaguá	Anchieta	Penha	Anchieta	Penha	18
19	Bangu	Campo Grande	Bangu	Campo Grande	Campo Grande	19
20	Campo Grande	São Cristovão	Campo Grande	Bangu	Bangu	20
21	Pavuna	Bangu	São Cristovão	São Cristovão	Anchieta	21
22	São Cristovão	Pavuna	Pavuna	Pavuna	Portuária	22
23	Santa Cruz	Portuária	Santa Cruz	Portuária	Pavuna	23
24	Portuária	Santa Cruz	Portuária	Santa Cruz	Guaratiba	24
25	Guaratiba	Guaratiba	Guaratiba	Guaratiba	Santa Cruz	25
26	Jacarezinho	Jacarezinho	Jacarezinho	Jacarezinho	Rocinha	26
27	Complexo do Alemão	Maré	Maré	Maré	Maré	27
28	Maré	Complexo do Alemão	Complexo do Alemão	Complexo do Alemão	Complexo do Alemão	28
29	Rocinha	Rocinha	Rocinha	Rocinha	Jacarezinho	29

Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Tabela 15: Atraso educacional (em anos) de cada região administrativa em relação a Lagoa - 1991

Região Administrativa	15 anos e mais	25 anos e mais			7 a 14 anos	10 a 14 anos		
	Taxa de analfabetismo (%)	Número médio de anos de estudo	Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem da população com menos de oito anos de estudo	Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo	Porcentagem da população que não frequenta a escola	Defasagem escolar média	Porcentagem da população com mais de um ano de atraso escolar
Anchieta	9,3	36	13,4	23,3	84,9	1,7	17	19,4
Bangu	15,6	37	17,8	25,6	83,9	0,4	22	24,5
Barra da Tijuca	14,8	5	6,8	4,3	6,6	-1,6	4	3,4
Botafogo	-3,4	2	-2,9	-0,3	9,0	3,1	-3	-4,7
Campo Grande	18,9	37	18,7	25,0	82,1	0,5	22	23,4
Centro	-0,8	22	4,9	11,6	61,5	-1,4	15	14,4
Complexo do Alemão	59,3	55	52,1	40,9	95,4	-29,2	42	45,5
Copacabana	-4,9	2	-4,4	-1,5	13,2	-8,3	8	4,3
Guaratiba	43,8	49	37,1	35,6	90,6	-13,6	40	42,6
Ilha do Governador	9,5	22	7,0	13,0	58,6	5,8	10	10,7
Inhaúma	10,4	31	11,7	19,7	76,2	5,1	13	14,8
Irajá	5,3	29	7,9	17,5	73,1	4,4	10	10,0
Jacarepaguá	15,0	27	12,1	16,5	64,3	1,7	17	17,5
Jacarezinho	49,0	52	38,3	39,7	95,7	-11,0	37	40,2
Madureira	6,2	30	7,9	18,5	76,6	2,5	15	15,9
Maré	64,4	54	46,9	40,2	95,3	-22,8	49	51,3
Méier	2,1	19	2,7	10,9	53,3	8,1	7	7,4
Pavuna	22,3	40	21,5	27,9	88,3	-9,8	26	28,6
Penha	13,7	35	15,1	23,1	79,0	-0,9	17	19,3
Portuária	37,4	43	28,0	30,8	86,8	-7,4	24	27,2
Ramos	14,4	31	12,2	19,8	70,5	-4,5	15	16,3
Rio Comprido	14,7	29	13,0	19,1	64,3	-4,6	18	19,8
Rocinha	73,3	59	60,8	43,2	94,4	-47,6	48	49,6
Santa Cruz	26,3	43	24,8	31,2	90,6	-9,8	31	34,5
Santa Teresa	8,1	25	11,4	16,9	56,6	-12,1	23	19,9
São Cristóvão	24,8	37	20,6	26,1	78,3	-6,2	26	27,1
Tijuca	1,7	7	-1,5	3,5	18,8	9,4	-3	-2,3
Vila Isabel	0,7	8	-0,6	4,1	23,5	7,7	-3	-3,8

Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Tabela 16a: Indicadores educacionais segundo os bairros da cidade do Rio de Janeiro - 1991

Bairros	15 anos e mais		25 anos e mais			7 a 14 anos	10 a 14 anos	
	Taxa de analfabetismo (%)	Número médio de anos de estudo	Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem da população com menos de oito anos de estudo	Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo	Porcentagem da população que não frequenta a escola	Defasagem escolar média	Porcentagem da população com mais de um ano de atraso escolar
Caju	16,6	5	38,8	75,7	2,8	15,0	2	61,6
Gamboa	8,6	6	23,5	60,2	7,3	12,1	1	32,2
Santo Cristo	5,4	7	19,4	54,7	7,6	12,1	1	47,1
Centro	3,1	8	13,7	38,8	18,0	11,2	1	38,5
Catumbi	7,6	6	25,4	57,5	10,4	12,1	2	44,5
Cidade Nova	4,6	7	20,6	53,2	9,6	10,3	1	40,9
Estácio	7,1	7	21,1	55,9	11,0	10,6	1	46,0
Rio Comprido	5,6	8	15,2	41,4	22,9	13,6	2	41,6
Botafogo	2,9	11	10,2	25,3	43,0	9,7	1	23,7
Catete	4,4	9	14,0	32,1	27,3	10,2	1	35,2
Cosme Velho	8,4	9	25,6	37,1	40,9	37,3	2	39,6
Flamengo	1,9	11	5,9	17,9	45,1	4,5	1	18,8
Glória	1,7	10	8,4	23,8	36,9	9,6	1	17,4
Humaitá	1,7	11	7,9	21,1	51,6	6,8	1	17,4
Laranjeiras	1,8	11	7,2	20,3	48,5	10,3	1	18,5
Urca	0,3	12	4,5	15,6	52,2	3,4	1	14,1
Beiró Paixoto	2,5	11	8,8	22,5	42,1	13,0	1	30,1
Copacabena	2,0	11	6,4	19,9	41,5	11,0	1	25,6
Leme	3,4	11	10,9	22,1	44,3	15,6	1	28,7
Lido	1,3	11	5,3	20,7	37,3	7,2	1	32,3
Posto 6	2,6	11	10,4	21,4	43,7	21,4	1	32,1
Gávea	1,7	12	6,3	15,6	54,9	5,2	1	12,3
Ipanema	3,3	11	11,0	22,3	47,0	6,0	1	27,1
Jardim Botânico	2,2	11	7,2	22,1	50,6	12,8	1	17,4
Lagoa	2,3	12	8,4	18,0	59,1	11,5	1	18,6
Leblon	2,4	11	8,5	19,9	49,5	12,3	1	24,0
São Conrado	4,5	10	16,3	30,8	45,1	11,9	1	28,0
Vidigal	11,4	5	33,9	65,5	7,4	17,6	2	61,1
Benfica	8,4	6	22,2	56,8	10,0	12,4	2	47,8
Mangueira	11,8	5	33,3	73,6	2,7	14,8	2	69,7
São Cristóvão	6,9	7	20,8	53,7	12,0	12,2	1	38,1
Alto da Boa Vista	8,5	7	19,5	53,6	19,5	10,4	2	57,5
Campos Sales	2,2	11	5,8	23,3	41,7	3,1	1	15,6
Praça Da Bandeira	2,2	9	10,1	32,9	31,2	2,2	1	19,4
Seans Pena	2,6	11	7,6	23,3	42,6	5,5	1	18,8
Usina	6,1	9	16,0	35,3	34,0	12,6	1	31,9
Andaraí	3,6	10	11,4	32,4	32,9	7,8	1	27,6
Grajai	2,6	10	8,9	25,6	39,2	4,8	1	20,1
Maracanã	2,4	11	8,0	23,3	42,1	4,8	1	14,3
Vila Isabel	4,0	10	11,4	30,5	35,2	10,4	1	24,8
Bonsucesso	6,8	8	18,3	48,4	18,1	8,6	1	36,0

Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Tabela 16a: Indicadores educacionais segundo os bairros da cidade do Rio de Janeiro - 1991

(continuação)

Bairros	15 anos e mais	25 anos e mais			7 a 14 anos	10 a 14 anos		
	Taxa de analfabetismo (%)	Número médio de anos de estudo	Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem da população com menos de oito anos de estudo	Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo	Porcentagem da população que não frequenta a escola	Defasagem escolar média	Porcentagem da população com mais de um ano de atraso escolar
Manguinhos	13,9	5	37,1	73,2	3,2	18,5	2	60,9
Olaria	4,6	8	15,0	46,1	14,5	11,3	1	36,6
Ramos	4,1	8	14,2	44,9	14,7	10,3	1	29,7
Brás de Pina	4,2	7	17,0	51,3	10,7	8,5	1	37,9
Cordovil	6,4	6	20,8	58,9	6,0	10,4	2	44,3
Jardim América	4,5	7	19,2	51,9	9,2	6,1	1	36,8
Parada de Lucas	10,6	6	29,2	64,8	4,2	18,6	2	50,5
Penha	6,4	7	19,7	51,7	11,7	12,6	2	42,2
Penha Circular	4,2	7	16,0	46,8	13,8	7,9	1	36,9
Vigário Geral	8,2	6	26,2	62,9	4,6	14,5	2	53,1
Del Castilho	6,0	7	20,2	54,6	11,9	8,1	2	46,9
Engenho Da Rainha	4,8	7	17,8	48,8	9,3	10,6	1	32,7
Higienópolis	3,4	8	14,7	39,7	16,0	3,3	1	28,9
Inhaúma	6,7	6	20,4	56,3	7,5	10,7	2	45,9
Jacaré	5,5	7	17,1	48,4	10,4	6,6	1	42,2
Maria Da Graça	1,9	9	9,9	35,4	18,8	6,7	1	23,2
Tomás Coelho	5,8	7	18,0	48,5	10,6	8,6	1	36,7
Abolição	2,8	8	11,7	40,2	15,4	6,8	1	32,0
Água Santa	6,0	8	13,5	42,3	17,9	5,8	1	34,5
Cachambi	2,6	9	9,6	33,0	25,4	7,1	1	26,0
Encantado	3,6	8	14,7	43,6	16,9	6,6	1	30,4
Engenho de Dentro	3,8	8	14,3	41,5	18,9	5,8	1	30,5
Engenho Novo	5,1	8	15,8	41,0	21,7	10,3	2	40,2
Lins de Vasconcelos	6,5	8	16,1	40,9	23,5	11,8	2	41,7
Méier	1,7	10	7,2	25,7	32,5	4,0	1	17,7
Piedade	3,3	8	12,2	43,6	14,3	10,7	1	38,2
Pilares	4,0	7	16,4	47,5	10,3	8,2	1	38,8
Riachuelo	2,7	9	10,1	32,0	23,9	5,7	1	22,6
Rocha	1,8	10	8,6	30,1	27,5	4,3	1	23,7
Sampaio	7,5	7	22,8	52,6	16,7	13,2	2	57,0
São Francisco Xavier	4,7	9	13,9	36,6	24,2	8,8	2	51,3
Todos os Santos	2,0	10	7,0	29,8	29,9	2,4	1	18,6
Colégio	8,6	6	25,4	63,9	4,4	14,3	2	57,8
Irajá	3,5	8	13,8	44,4	12,8	7,2	1	29,8
Vicente de Carvalho	8,0	6	23,2	60,0	6,5	11,9	1	39,9
Vila Cosmos	3,0	7	16,0	45,8	11,7	10,2	2	40,2
Vila da Penha	1,4	9	7,5	30,9	23,0	7,4	1	15,3
Vista Alegre	2,2	8	12,3	39,4	14,3	3,0	1	28,6
Bento Ribeiro	3,9	7	13,4	44,9	10,5	9,7	1	37,1
Campinho	5,2	8	13,6	43,6	16,7	7,7	1	22,8
Cascadura	5,3	7	15,8	48,2	12,0	11,3	2	42,8

Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Tabela 16a: Indicadores educacionais segundo os bairros da cidade do Rio de Janeiro - 1991

(continuação)

Bairros	15 anos e mais	25 anos e mais			7 a 14 anos	10 a 14 anos		
	Taxa de analfabetismo (%)	Número médio de anos de estudo	Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem da população com menos de oito anos de estudo	Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo	Porcentagem da população que não frequenta a escola	Defasagem escolar média	Porcentagem da população com mais de um ano de atraso escolar
Cavalcanti	4,3	7	18,9	52,8	8,3	11,4	1	40,3
Engenheiro Leal	7,3	6	23,6	57,3	5,7	5,5	1	44,0
Honório Gurgel	5,4	6	18,5	55,9	4,9	13,0	2	47,7
Madureira	4,4	8	14,5	44,3	14,7	8,1	1	36,2
Marechal Hermes	4,1	7	16,2	48,1	10,0	11,0	1	39,6
Oswaldo Cruz	4,5	7	14,9	46,5	9,9	10,4	2	41,6
Quintino Bocaiúva	4,0	8	13,3	44,6	14,8	7,6	1	39,6
Rocha Miranda	4,4	7	16,9	53,6	6,3	8,4	1	40,6
Turipe	4,8	7	18,2	52,1	8,9	10,7	2	43,9
Vaz Lobo	4,4	7	16,5	46,4	9,8	9,3	1	34,7
Anil	4,4	8	16,0	39,1	20,7	8,0	1	30,2
Cidade De Deus	9,1	5	28,4	66,1	3,3	14,9	2	54,2
Curitiba	5,1	7	20,6	55,9	8,0	9,2	2	45,3
Freguesia	3,6	9	11,5	32,4	27,3	6,8	1	29,4
Gardênia Azul	10,4	5	29,6	65,8	2,4	9,0	2	57,5
Jacarepaguá	13,8	6	33,9	63,6	9,4	18,9	2	60,4
Pochincha	3,1	10	10,1	28,5	29,1	8,5	1	26,7
Praça Seca	5,2	8	14,3	40,6	18,5	6,7	1	34,1
Tanque	4,9	8	15,5	45,5	14,3	8,9	1	46,0
Taquara	4,9	8	15,8	42,8	15,6	7,8	1	36,8
Vila Valqueire	3,1	9	10,5	33,3	23,3	5,7	1	26,7
Bangu central	5,2	6	19,9	56,1	5,8	8,3	2	45,6
Bangu Sul	5,2	7	18,8	54,2	9,3	7,2	1	38,4
Deodoro	4,4	7	18,8	52,9	7,9	11,2	1	39,1
Jardim Sulacap	2,1	9	11,2	30,5	20,2	4,3	1	22,5
Magalhães Bastos	5,5	7	18,7	55,0	8,1	8,5	2	48,3
Padre Miguel	5,9	6	21,8	56,7	6,8	11,6	2	45,2
Realengo norte	6,1	6	21,1	59,7	5,4	10,7	2	51,2
Realengo sul	5,0	7	19,2	53,6	8,2	9,1	1	42,4
Senador Camará	8,8	6	27,9	64,4	5,8	14,5	2	54,3
Vila Aliança	7,8	6	23,6	62,1	4,5	11,2	2	50,6
Vila Kennedy	13,2	5	34,3	73,9	3,4	14,0	2	67,9
Vila Militar	4,2	8	14,9	39,1	19,1	6,7	1	34,5
Campo Grande Central	2,9	8	12,6	39,3	18,1	6,3	1	30,5
Campo Grande Norte	7,0	6	22,4	58,6	6,3	9,1	2	46,7
Campo Grande Sul	8,4	6	23,0	55,8	7,5	12,3	2	48,6
Cosmos	7,9	6	27,7	65,7	3,1	14,3	2	55,8
Inhoaíba	10,5	5	31,3	71,2	3,1	14,6	2	58,2
Santíssimo	8,1	6	24,5	61,4	3,8	9,6	2	44,5
Senador Vasconcelos	7,8	6	23,6	60,5	6,4	7,7	1	38,1
Santa Cruz (Centro)	3,8	8	15,3	46,4	14,0	11,8	2	40,4

Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Tabela 16a: Indicadores educacionais segundo os bairros da cidade do Rio de Janeiro - 1991

(continuação)

Bairros	15 anos e mais	25 anos e mais			7 a 14 anos	10 a 14 anos		
	Taxa de analfabetismo (%)	Número médio de anos de estudo	Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem da população com menos de oito anos de estudo	Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo	Porcentagem da população que não frequenta a escola	Defasagem escolar média	Porcentagem da população com mais de um ano de atraso escolar
Condomínios	11,5	5	32,4	71,9	1,1	17,9	2	63,0
Matadouro	7,4	6	24,2	63,9	3,7	12,1	2	53,7
Paciência	7,2	6	24,3	65,2	2,8	12,3	2	52,2
Santa Cruz Norte	9,0	5	28,7	69,5	1,6	15,1	2	57,5
Santa Cruz Rural	18,9	4	39,0	74,7	2,0	14,1	2	60,4
Sepetiba	9,5	6	26,4	62,9	5,1	17,6	2	57,5
Bancários	6,8	8	19,7	47,7	17,3	14,2	2	39,4
Cacuaia	3,6	7	15,7	48,3	8,1	7,6	2	52,2
Freguesia (Ilha)	5,4	8	17,1	40,8	15,5	9,4	1	36,6
Galeão	6,4	7	20,4	54,1	10,8	8,8	2	47,3
Jardim Carioca	5,7	7	17,6	50,6	11,1	13,3	2	41,4
Jardim Guanabara	2,1	11	6,7	20,5	39,6	5,7	1	14,0
Moneró	0,9	10	3,8	23,2	32,7	3,7	1	20,3
Pitangueiras	9,7	7	22,4	55,7	10,2	9,6	1	42,0
Portuguesa	3,5	9	9,4	30,3	23,0	5,1	1	29,1
Praia Da Bandeira	1,3	9	5,1	28,0	19,8	4,2	1	21,7
Taúá	8,8	7	24,5	54,4	13,0	8,9	2	44,4
Zumbi e Ribeira	3,5	9	10,9	28,5	27,4	10,4	1	19,1
Anchieta	6,2	6	21,9	60,0	4,2	11,2	2	50,6
Guadalupe	3,8	7	17,2	49,2	8,9	10,2	1	34,3
Parque Anchieta	5,7	7	18,3	53,2	7,6	7,9	1	35,6
Ricardo de Albuquerque	4,9	7	17,9	55,2	5,8	9,7	2	48,4
Santa Teresa	4,9	8	17,7	45,8	20,4	15,1	2	43,1
Berra da Tijuca	2,7	12	7,2	15,0	56,7	5,6	1	15,3
Itanhangá	9,3	7	25,6	53,8	24,8	17,8	2	49,3
Recreio dos Bandeirantes	15,8	7	34,3	57,1	22,4	20,4	2	51,4
Vargem Grande	14,6	5	35,6	72,5	5,0	22,6	2	57,3
Acari	16,2	4	42,7	81,9	1,1	19,4	2	66,6
Barros Filho	10,2	5	31,3	72,6	1,9	14,8	2	58,2
Coelho Neto	4,4	7	17,3	53,3	7,3	11,3	1	41,1
Costa Barros	8,1	5	25,3	66,9	2,3	23,2	2	56,4
Pavuna	6,7	6	21,3	55,8	5,8	12,2	2	46,5
Guaratiba	12,9	5	35,7	72,4	3,4	16,6	2	63,9
Pedra De Guaratiba	6,5	6	20,6	60,2	6,8	8,4	2	49,5
Rocinha	18,0	4	48,2	80,9	2,0	28,2	2	68,3
Jacarezinho	13,1	5	34,3	76,2	1,3	14,7	2	60,3
Complexo Do Alemão	15,2	4	42,9	77,9	1,5	21,5	2	64,8
Maré	16,2	4	39,6	77,0	1,6	19,1	2	69,7

Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Tabela 16b: Indicadores educacionais segundo os bairros da cidade do Rio de Janeiro - 1991

Ordenação	15 anos e mais		25 anos e mais		7 a 14 anos		10 a 14 anos		Ordenação
	Taxa de analfabetismo (%)	Número médio de anos de estudo	Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem da população com menos de oito anos de estudo	Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo	Porcentagem da população que não frequenta a escola	Defasagem escolar média	Porcentagem da população com mais de um ano de atraso escolar	
1	Urca	Barra da Tijuca	Moneró	Barra da Tijuca	Lagoa	Praça Da Bandeira	Gávea	Gávea	1
2	Moneró	Lagoa	Urca	Gávea	Barra da Tijuca	Todos os Santos	Urca	Jardim Guanabara	2
3	Lido	Gávea	Praia Da Bandeira	Urca	Gávea	Vista Alegre	Vila da Penha	Urca	3
4	Praia Da Bandeira	Urca	Lido	Flamengo	Urca	Campos Sales	Zumbi e Ribeira	Maracanã	4
5	Vila da Penha	Humaitá	Campos Sales	Lagoa	Humaitá	Higienópolis	Campos Sales	Vila da Penha	5
6	Glória	Jardim Botânico	Flamengo	Leblon	Jardim Botânico	Urca	Maracanã	Barra da Tijuca	6
7	Humaitá	Leblon	Gávea	Copacabana	Leblon	Moneró	Moneró	Campos Sales	7
8	Méier	Laranjeiras	Copacabana	Laranjeiras	Laranjeiras	Méier	Barra da Tijuca	Glória	8
9	Gávea	Flamengo	Jardim Guanabara	Jardim Guanabara	Ipanema	Praia Da Bandeira	Seans Pena	Humaitá	9
10	Laranjeiras	Ipanema	Todos os Santos	Lido	São Conrado	Rocha	Jardim Guanabara	Jardim Botânico	10
11	Rocha	Copacabana	Laranjeiras	Humaitá	Flamengo	Jardim Sulacap	Méier	Méier	11
12	Flamengo	Jardim Guanabara	Barra da Tijuca	Posto 6	Leme	Flamengo	Maria Da Graça	Laranjeiras	12
13	Maria Da Graça	Leme	Méier	Jardim Botânico	Posto 6	Maracanã	Glória	Lagoa	13
14	Copacabana	Posto 6	Jardim Botânico	Leme	Botafogo	Grajaú	Laranjeiras	Todos os Santos	14
15	Todos os Santos	Bairro Paixoto	Vila da Penha	Ipanema	Seans Pena	Portuguesa	Praia Da Bandeira	Seans Pena	15
16	Jardim Sulacap	Campos Sales	Seans Pena	Bairro Paixoto	Bairro Paixoto	Gávea	Rocha	Flamengo	16
17	Jardim Guanabara	Seans Pena	Humaitá	Moneró	Maracanã	Engenheiro Leal	Humaitá	Zumbi e Ribeira	17
18	Campos Sales	Maracanã	Maracanã	Campos Sales	Campos Sales	Seans Pena	Riachuelo	Praça Da Bandeira	18
19	Vista Alegre	Lido	Lagoa	Maracanã	Copacabana	Barra da Tijuca	Praça Da Bandeira	Grajaú	19
20	Jardim Botânico	Botafogo	Glória	Seans Pena	Cosme Velho	Vila Valqueire	Lagoa	Moneró	20
21	Praça Da Bandeira	Grajaú	Leblon	Glória	Jardim Guanabara	Jardim Guanabara	Jardim Sulacap	Praia Da Bandeira	21
22	Lagoa	Moneró	Rocha	Botafogo	Grajaú	Riachuelo	Grajaú	Jardim Sulacap	22
23	Maracanã	Glória	Bairro Paixoto	Grajaú	Lido	Engenho de Dentro	Flamengo	Riachuelo	23
24	Leblon	São Conrado	Grajaú	Méier	Glória	Água Santa	Todos os Santos	Campinho	24
25	Bairro Paixoto	Méier	Portuguesa	Praia Da Bandeira	Vila Isabel	Ipanema	Jardim Botânico	Maria Da Graça	25
26	Grajaú	Vila Isabel	Cachambi	Pechincha	Usina	Jardim América	Leblon	Rocha	26
27	Cachambi	Todos os Santos	Maria Da Graça	Zumbi e Ribeira	Andaraí	Campo Grande Central	Botafogo	Botafogo	27
28	Posto 6	Pechincha	Riachuelo	Todos os Santos	Moneró	Encantado	Cachambi	Leblon	28
29	Seans Pena	Andaraí	Praça Da Bandeira	Rocha	Méier	Jacaré	Ipanema	Vila Isabel	29
30	Riachuelo	Rocha	Pechincha	Portuguesa	Praça Da Bandeira	Praça Seca	Vila Isabel	Copacabana	30
31	Barra da Tijuca	Zumbi e Ribeira	Botafogo	Jardim Sulacap	Todos os Santos	Maria Da Graça	Copacabana	Cachambi	31
32	Abolição	Praça Da Bandeira	Posto 6	Vila Isabel	Pechincha	Vila Militar	São Conrado	Pechincha	32
33	Botafogo	Usina	Vila Valqueire	São Conrado	Rocha	Abolição	Vila Valqueire	Vila Valqueire	33
34	Campo Grande Central	Praia Da Bandeira	Leme	Vila da Penha	Zumbi e Ribeira	Freguesia	Campinho	Ipanema	34
35	Vila Cosmos	Cosme Velho	Zumbi e Ribeira	Riachuelo	Catete	Humaitá	Higienópolis	Andaraí	35
36	Centro	Freguesia	Ipanema	Catete	Freguesia	Cachambi	Andaraí	São Conrado	36
37	Vila Valqueire	Catete	Jardim Sulacap	Andaraí	Cachambi	Praça Sul	Encantado	Vista Alegre	37
38	Pechincha	Riachuelo	Andaraí	Freguesia	Itanhangá	Irajá	Freguesia	Leme	38
39	Piedade	Cachambi	Vila Isabel	Praça Da Bandeira	São Francisco Xavier	Lido	Vila Militar	Higienópolis	39
40	Ipanema	Vila da Penha	Freguesia	Cachambi	Riachuelo	Vila da Penha	Pechincha	Portuguesa	40

Fonte: Censo Demográfico de 1991

Tabela 16b: Indicadores educacionais segundo os bairros da cidade do Rio de Janeiro - 1991

(continuação)

Ordenação	15 anos e mais		25 anos e mais			7 a 14 anos		10 a 14 anos		Ordenação
	Taxa de analfabetismo (%)	Número médio de anos de estudo	Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem da população com menos de cinco anos de estudo	Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo	Porcentagem da população que não frequenta a escola	Defasagem escolar média	Porcentagem da população com mais de um ano de atraso escolar		
41	Leme	Portuguesa	Abolição	Vila Valqueire	Lins de Vasconcelos	Cacuaia	Irajá	Freguesia	41	
42	Higienópolis	Vila Valqueire	Piedade	Usina	Vila Valqueire	Quintino Bocaiuva	Ramos	Ramos	42	
43	Portuguesa	Jardim Sulacap	Vista Alegre	Maria Da Graça	Portuguesa	Senador Vasconcelos	Portuguesa	Irajá	43	
44	Zumbi e Ribeira	São Francisco Xavier	Campo Grande Central	São Francisco Xavier	Vila da Penha	Campinho	Campo Grande Central	Bairro Paixoto	44	
45	Irajá	Maria Da Graça	Quintino Bocaiuva	Cosme Velho	Rio Comprido	Taquara	Lido	Anil	45	
46	Andaraí	Anil	Bento Ribeiro	Centro	Recreio dos Bandeirantes	Andaraí	Engenho de Dentro	Encantado	46	
47	Encantado	Rio Comprido	Água Santa	Vila Militar	Engenho Novo	Parque Anchieta	Vista Alegre	Engenho de Dentro	47	
48	Freguesia	Lins de Vasconcelos	Campinho	Anil	Anil	Penha Circular	Água Santa	Campo Grande Central	48	
49	Cacuaia	Engenho Novo	Centro	Campo Grande Central	Santa Teresa	Anil	Anil	Usina	49	
50	Guadalupe	Centro	Irajá	Vista Alegre	Jardim Sulacap	Madureira	Praça Seca	Abolição	50	
51	Engenho de Dentro	Campo Grande Central	São Francisco Xavier	Higienópolis	Praia Da Bandeira	Del Castilho	Parque Anchieta	Posto 6	51	
52	Centro	Vila Militar	Catete	Abolição	Alto da Boa Vista	Pilares	Gamboa	Gamboa	52	
53	Bento Ribeiro	Engenho de Dentro	Ramos	Praça Seca	Vila Militar	Rangu central	Engenho Da Rainha	Lido	53	
54	Quintino Bocaiuva	Vista Alegre	Engenho de Dentro	Freguesia (Ilha)	Engenho de Dentro	Rocha Miranda	Usina	Engenho Da Rainha	54	
55	Vila Isabel	Praça Seca	Praça Seca	Lins de Vasconcelos	Maria Da Graça	Pedra De Guaratiba	Madureira	Praça Seca	55	
56	Pilares	Abolição	Madureira	Engenho Novo	Engenho Novo	Pechincha	Abolição	Guadalupe	56	
57	Marechal Hermes	Higienópolis	Encantado	Rio Comprido	Campo Grande Central	Magalhães Bastos	Freguesia (Ilha)	Água Santa	57	
58	Ramos	Água Santa	Higienópolis	Engenho de Dentro	Bonsucesso	Prás de Pina	Bairro Paixoto	Vila Militar	58	
59	Penha Circular	Campinho	Água Santa	Vila Militar	Centro	Bonsucesso	Guadalupe	Vaz Lobo	59	
60	Vila Militar	Freguesia (Ilha)	Oswaldo Cruz	Taquara	Água Santa	Tomás Coelho	Jardim América	Catete	60	
61	Brás de Pina	Santa Teresa	Olaria	Olaria	Bancários	Galeão	Pilares	Parque Anchieta	61	
62	Cavalcanti	Taquara	Rio Comprido	Campinho	Encantado	São Francisco Xavier	Leme	Bonsucesso	62	
63	Madureira	Encantado	Centro	Encantado	Sampaio	Tauá	Bonsucesso	Madureira	63	
64	Vaz Lobo	Piedade	Tanque	Madureira	Campinho	Tanque	Bento Ribeiro	Olana	64	
65	Anil	Quintino Bocaiuva	Cacuaia	Irajá	Higienópolis	Gardênia Azul	Rangu Sul	Freguesia (Ilha)	65	
66	Coelho Neto	Madureira	Engenho Novo	Quintino Bocaiuva	Taquara	Realengo sul	Catete	Tomás Coelho	66	
67	Deodoro	Irajá	Bento Ribeiro	Bento Ribeiro	Freguesia (Ilha)	Campo Grande Norte	Prás de Pina	Jardim América	67	
68	Rocha Miranda	Tanque	Cascadura	Ramos	Abolição	Curicica	Tomás Coelho	Taquara	68	
69	Catete	Centro	Usina	Tanque	Quintino Bocaiuva	Vaz Lobo	Penha Circular	Penha Circular	69	
70	Oswaldo Cruz	Ramos	Vila Cosmos	Santa Teresa	Ramos	Freguesia (Ilha)	Deodoro	Bento Ribeiro	70	
71	São Conrado	Olaria	Penha Circular	Vila Cosmos	Madureira	Pitangueiras	Olaria	Prás de Pina	71	
72	Jardim América	Bancários	Anil	Olaria	Olaria	Santíssimo	Senador Vasconcelos	Senador Vasconcelos	72	
73	Olaria	Bonsucesso	Lins de Vasconcelos	Centro	Tanque	Glória	Cidade Nova	São Cristóvão	73	
74	Cidade Nova	Itanhangá	Marechal Hermes	Vaz Lobo	Vista Alegre	Bento Ribeiro	Taquara	Piedade	74	
75	São Francisco Xavier	Penha Circular	São Conrado	Oswaldo Cruz	Piedade	Botafogo	Vaz Lobo	Rangu Sul	75	
76	Engenho Da Rainha	Bento Ribeiro	Pilares	Penha Circular	Centro	Ricardo de Albuquerque	Rocha Miranda	Centro	76	
77	Turipeçu	Vila Cosmos	Vaz Lobo	Pilares	Penha Circular	Vila Cosmos	Jacaré	Pilares	77	
78	Santa Teresa	Cascadura	Rocha Miranda	Bancários	Tauá	Catete	Marechal Hermes	Deodoro	78	
79	Tanque	Alto da Boa Vista	Brás de Pina	Marechal Hermes	Irajá	Guadalupe	São Cristóvão	Bancários	79	
80	Ricardo de Albuquerque	Oswaldo Cruz	Freguesia (Ilha)	Cascadura	Cascadura	Engenho Novo	Quintino Bocaiuva	Marechal Hermes	80	

Fonte: Censo Demográfico de 1991

Tabela 16b: Indicadores educacionais segundo os bairros da cidade do Rio de Janeiro - 1991

(continuação)

Ordenação	15 anos e mais		25 anos e mais			7 a 14 anos		10 a 14 anos		Ordenação
	Taxa de analfabetismo (%)	Número médio de anos de estudo	Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem da população com menos de oito anos de estudo	Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo	Porcentagem da população que não frequenta a escola	Defasagem escolar média	Porcentagem da população com mais de um ano de atraso escolar		
81	Taquara	Veloz Lobo	Jacaré	Cacua	São Cristóvão	Ramos	Estácio	Cosme Velho	81	
82	Realengo sul	Pilares	Guadalupe	Bonsucesso	Del Castilho	Laranjeiras	Tanque	Quintino Bocaiuva	82	
83	Curicica	Marechal Hermes	Coelho Neto	Jacaré	Penha	Cidade Nova	Coelho Neto	Vicente de Carvalho	83	
84	Engenho Novo	Cacua	Jardim Carioca	Tomás Coelho	Vila Cosmos	Alto da Boa Vista	Posto 6	Engenho Novo	84	
85	Campinho	Tomás Coelho	Santa Teresa	Engenho Da Rainha	Jardim Carioca	Vila Isabel	Vicente de Carvalho	Vila Cosmos	85	
86	Praça Seca	Engenho Da Rainha	Engenho Da Rainha	Guadalupe	Estácio	Zumbi e Ribeira	Centro	Cavalcanti	86	
87	Rangu Sul	Sampaio	Ricardo de Albuquerque	Jardim Carioca	Galeão	Oswaldo Cruz	Piedade	Centro	87	
88	Rangu central	Jardim Carioca	Tomás Coelho	Brás de Pina	Brás de Pina	Cordovil	Engenheiro Leal	Rocha Miranda	88	
89	Cascadura	Jacaré	Turiação	Penha	Tomás Coelho	Engenho Da Rainha	Cavalcanti	Cidade Nova	89	
90	Honório Gurgel	Guadalupe	Parque Anchieta	Jardim América	Bento Ribeiro	Estácio	Realengo sul	Coelho Neto	90	
91	Freguesia (ilha)	Brás de Pina	Bonsucesso	Turiação	Jacaré	Realengo norte	Pitangueiras	Jardim Carioca	91	
92	Santo Cristo	Penha	Honório Gurgel	Sampaio	Catumbi	Piedade	Santo Cristo	Rio Comprido	92	
93	Magalhães Bastos	Galeão	Magalhães Bastos	Cavalcanti	Pilares	Inhaúma	Jardim Carioca	Oswaldo Cruz	93	
94	Jacaré	Cidade Nova	Rangu Sul	Deodoro	Pitangueiras	Turiação	Engenho Novo	Lins de Vasconcelos	94	
95	Rio Comprido	São Cristóvão	Deodoro	Cidade Nova	Benfica	Copacabana	Bancários	Pitangueiras	95	
96	Parque Anchieta	Jardim América	Cavalcanti	Parque Anchieta	Marechal Hermes	Marechal Hermes	Penha	Jacaré	96	
97	Jardim Carioca	Cavalcanti	Jardim América	Coelho Neto	Oswaldo Cruz	Vila Aliança	Oswaldo Cruz	Penha	97	
98	Tomás Coelho	Tauá	Realengo sul	Alto da Boa Vista	Veloz Lobo	Centro	Centro	Realengo sul	98	
99	Padre Miguel	Turiação	Santo Cristo	Rocha Miranda	Cidade Nova	Anchieta	Rio Comprido	Cascadura	99	
100	Água Santa	Coelho Neto	Alto da Boa Vista	Realengo sul	Jacarepaguá	Deodoro	Cordovil	Santa Teresa	100	
101	Del Castilho	Del Castilho	Bancários	São Cristóvão	Rangu Sul	Cascadura	Lins de Vasconcelos	Turiação	101	
102	Usina	Rangu Sul	Penha	Itanhangá	Engenho Da Rainha	Coelho Neto	Rangu central	Engenheiro Leal	102	
103	Realengo norte	Realengo sul	Rangu central	Galeão	Jardim America	Olana	Galeão	Cordovil	103	
104	Anchieta	Parque Anchieta	Del Castilho	Rangu Sul	Turiação	Cavalcanti	Cascadura	Tauá	104	
105	Galeão	Recreio dos Bandeirantes	Galeão	Tauá	Guadalupe	Lagoa	Pavuna	Catumbi	105	
106	Cordovil	Magalhães Bastos	Inhaúma	Del Castilho	Cavalcanti	Padre Miguel	Santíssimo	Santíssimo	106	
107	Penha	Rocha Miranda	Curicica	Santo Cristo	Realengo sul	Centro	Cacua	Padre Miguel	107	
108	Pedra De Guaratiba	Estácio	Cidade Nova	Magalhães Bastos	Cacua	Lins de Vasconcelos	Inhaúma	Curicica	108	
109	Lins de Vasconcelos	Deodoro	Pedra De Guaratiba	Ricardo de Albuquerque	Magalhães Bastos	Vicente de Carvalho	Ricardo de Albuquerque	Rangu central	109	
110	Pavuna	Pitangueiras	Cordovil	Pitangueiras	Curicica	São Conrado	Tauá	Inhaúma	110	
111	Inhaúma	Ricardo de Albuquerque	São Cristóvão	Campo Grande Sul	Deodoro	Gambôa	Padre Miguel	Tanque	111	
112	Bonsucesso	Curicica	Realengo norte	Pavuna	Santo Cristo	Matadouro	Campo Grande Norte	Estácio	112	
113	Bancários	Santo Cristo	Estácio	Parque Anchieta	Estácio	Catumbi	Del Castilho	Pavuna	113	
114	São Cristóvão	Inhaúma	Pavuna	Honório Gurgel	Inhaúma	Santo Cristo	Magalhães Bastos	Campo Grande Norte	114	
115	Campo Grande Norte	Benfica	Padre Miguel	Cuncica	Campo Grande Sul	São Cristóvão	São Francisco Xavier	Del Castilho	115	
116	Estácio	Catumbi	Anchieta	Rangu central	Vidgal	Pavuna	Benfica	Santo Cristo	116	
117	Paciência	Rangu central	Benfica	Inhaúma	Gambôa	Paciência	Curicica	Galeão	117	
118	Engenheiro Leal	Campo Grande Sul	Campo Grande Norte	Padre Miguel	Coelho Neto	Campo Grande Sul	Santa Teresa	Honório Gurgel	118	
119	Matadouro	Pavuna	Pitangueiras	Benfica	Padre Miguel	Leblon	Campo Grande Sul	Benfica	119	
120	Sampaio	Padre Miguel	Sampaio	Recreio dos Bandeirantes	Pedra De Guaratiba	Benfica	Turiação	Magalhães Bastos	120	

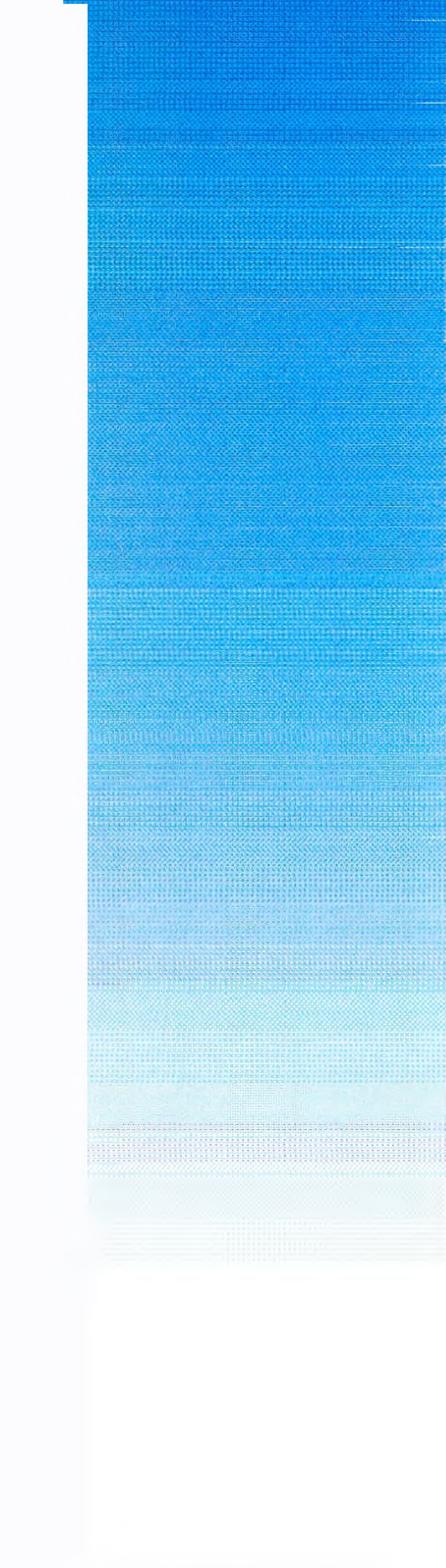
Fonte: Censo Demográfico de 1991

Tabela 16b: Indicadores educacionais segundo os bairros da cidade do Rio de Janeiro - 1991

(continua)

Ordenação	15 anos e mais		25 anos e mais			7 a 14 anos		10 a 14 anos		Ordenação
	Taxa de analfabetismo (%)	Número médio de anos de estudo	Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo	Porcentagem da população com menos de cinco anos de estudo	Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo	Porcentagem da população que não frequenta a escola	Defasagem escolar média	Porcentagem da população com mais de um ano de atraso escolar		
121	Catumbi	Honório Gurgel	Engenheiro Leal	Engenheiro Leal	Vicente de Carvalho	Usina	Vila Cosmos	Ricardo de Albuquerque	121	
122	Senador Vasconcelos	Pedra De Guaratiba	Vicente de Carvalho	Catumbi	Senador Vasconcelos	Penha	Pedra De Guaratiba	Campo Grande Sul	122	
123	Vila Aliança	Campo Grande Norte	Gamboa	Campo Grande Norte	Campo Grande Norte	Jardim Botânico	Realengo norte	Itanhangá	123	
124	Cosmos	Engenheiro Leal	Engenheiro Leal	Cordovil	Recha Miranda	Bairro Paixoto	Vila Aliança	Pedra De Guaratiba	124	
125	Vicente de Carvalho	Cordovil	Senador Vasconcelos	Realengo norte	Cordovil	Honório Gurgel	Faciência	Parada de Lucas	125	
126	Santíssimo	Realengo norte	Vila Aliança	Anchieta	Senador Camará	Sampaio	Anchieta	Anchieta	126	
127	Costa Barros	Vicente de Carvalho	Matadouro	Vicente de Carvalho	Ricardo de Albuquerque	Jardim Carioca	Itanhangá	Vila Aliança	127	
128	Vigário Geral	Senador Vasconcelos	Paciência	Gamboa	Pavuna central	Rio Comprido	Catumbi	Realengo norte	128	
129	Campo Grande Sul	Gamboa	Santíssimo	Pedra De Guaratiba	Pavuna	Vila Kenedy	Matadouro	São Francisco Xavier	129	
130	Cosme Velho	Anchieta	Tauá	Senador Vasconcelos	Engenheiro Leal	Santa Cruz Rural	Honório Gurgel	Recreio dos Bandeirantes	130	
131	Benfica	Vila Aliança	Costa Barros	Santíssimo	Realengo norte	Bancários	Parada de Lucas	Cacua	131	
132	Alto da Boa Vista	Sepetiba	Colégio	Vila Aliança	Sepetiba	Cosmos	Vigário Geral	Paciência	132	
133	Gamboa	Santíssimo	Catumbi	Vigário Geral	Vargem Grande	Colégio	Recreio dos Bandeirantes	Vigário Geral	133	
134	Colégio	Vigário Geral	Cosme Velho	Sepetiba	Honório Gurgel	Vigário Geral	Alto da Boa Vista	Matadouro	134	
135	Senador Camará	Matadouro	Itanhangá	Jacarepaguá	Vigário Geral	Senador Camará	Cosmos	Cidade De Deus	135	
136	Tauá	Jacarepaguá	Vigário Geral	Colégio	Vila Aliança	Inhoaíba	Senador Camará	Senador Camará	136	
137	Santa Cruz Norte	Colégio	Sepetiba	Matadouro	Colégio	Jacarezinho	Vargem Grande	Cosmos	137	
138	Cidade De Deus	Senador Camará	Cosmos	Senador Camará	Anchieta	Barros Filho	Santa Cruz Norte	Costa Barros	138	
139	Itanhangá	Paciência	Senador Camará	Parada de Lucas	Parada de Lucas	Mangueira	Cosme Velho	Sampaio	139	
140	Sepetiba	Parada de Lucas	Cidade De Deus	Paciência	Santíssimo	Cidade De Deus	Sampaio	Vargem Grande	140	
141	Pitangueiras	Cosmos	Santa Cruz Norte	Vidigal	Matadouro	Caju	Sepetiba	Santa Cruz Norte	141	
142	Barros Filho	Vidigal	Parada de Lucas	Cosmos	Vila Kenedy	Santa Cruz Norte	Barros Filho	Gardênia Azul	142	
143	Gardênia Azul	Cidade De Deus	Gardênia Azul	Gardênia Azul	Gardênia Azul	Santa Teresa	Cidade De Deus	Sepetiba	143	
144	Inhoaíba	Gardênia Azul	Barros Filho	Cidade De Deus	Cidade De Deus	Leme	Inhoaíba	Alto da Boa Vista	144	
145	Parada de Lucas	Costa Barros	Inhoaíba	Costa Barros	Manguinhos	Guaratiba	Colégio	Colégio	145	
146	Vidigal	Santa Cruz Norte	Condomínios	Santa Cruz Norte	Inhoaíba	Vidigal	Jacarezinho	Inhoaíba	146	
147	Condomínios	Inhoaíba	Mangueira	Inhoaíba	Cosmos	Sepetiba	Costa Barros	Barros Filho	147	
148	Mangueira	Barros Filho	Jacarepaguá	Condomínios	Paciência	Itanhangá	Manguinhos	Jacarezinho	148	
149	Guaratiba	Vargem Grande	Vidigal	Guaratiba	Caju	Condomínios	Jacarepaguá	Jacarepaguá	149	
150	Jacarezinho	Mangueira	Vila Kenedy	Vargem Grande	Mangueira	Manguinhos	Gardênia Azul	Santa Cruz Rural	150	
151	Vila Kenedy	Condomínios	Recreio dos Bandeirantes	Barros Filho	Gardênia Azul	Parada de Lucas	Caju	Manguinhos	151	
152	Jacarepaguá	Vila Kenedy	Jacarezinho	Manguinhos	Costa Barros	Jacarepaguá	Vidigal	Vidigal	152	
153	Manguinhos	Guaratiba	Vargem Grande	Mangueira	Santa Cruz Rural	Maré	Condomínios	Caju	153	
154	Vargem Grande	Manguinhos	Guaratiba	Vila Kenedy	Rocinha	Acari	Complexo Do Alemão	Condomínios	154	
155	Complexo Do Alemão	Caju	Manguinhos	Santa Cruz Rural	Barros Filho	Recreio dos Bandeirantes	Vila Kenedy	Guaratiba	155	
156	Recreio dos Bandeirantes	Jacarezinho	Caju	Caju	Santa Cruz Norte	Posto 6	Guaratiba	Complexo Do Alemão	156	
157	Acari	Santa Cruz Rural	Santa Cruz Rural	Jacarezinho	Maré	Complexo Do Alemão	Acari	Acari	157	
158	Maré	Maré	Maré	Maré	Complexo Do Alemão	Vargem Grande	Santa Cruz Rural	Vila Kenedy	158	
159	Caju	Complexo Do Alemão	Acari	Complexo Do Alemão	Jacarezinho	Costa Barros	Mangueira	Rocinha	159	
160	Rocinha	Acari	Complexo Do Alemão	Acari	Acari	Rocinha	Rocinha	Maré	160	
161	Santa Cruz Rural	Rocinha	Rocinha	Acari	Condomínios	Cosme Velho	Maré	Mangueira	161	

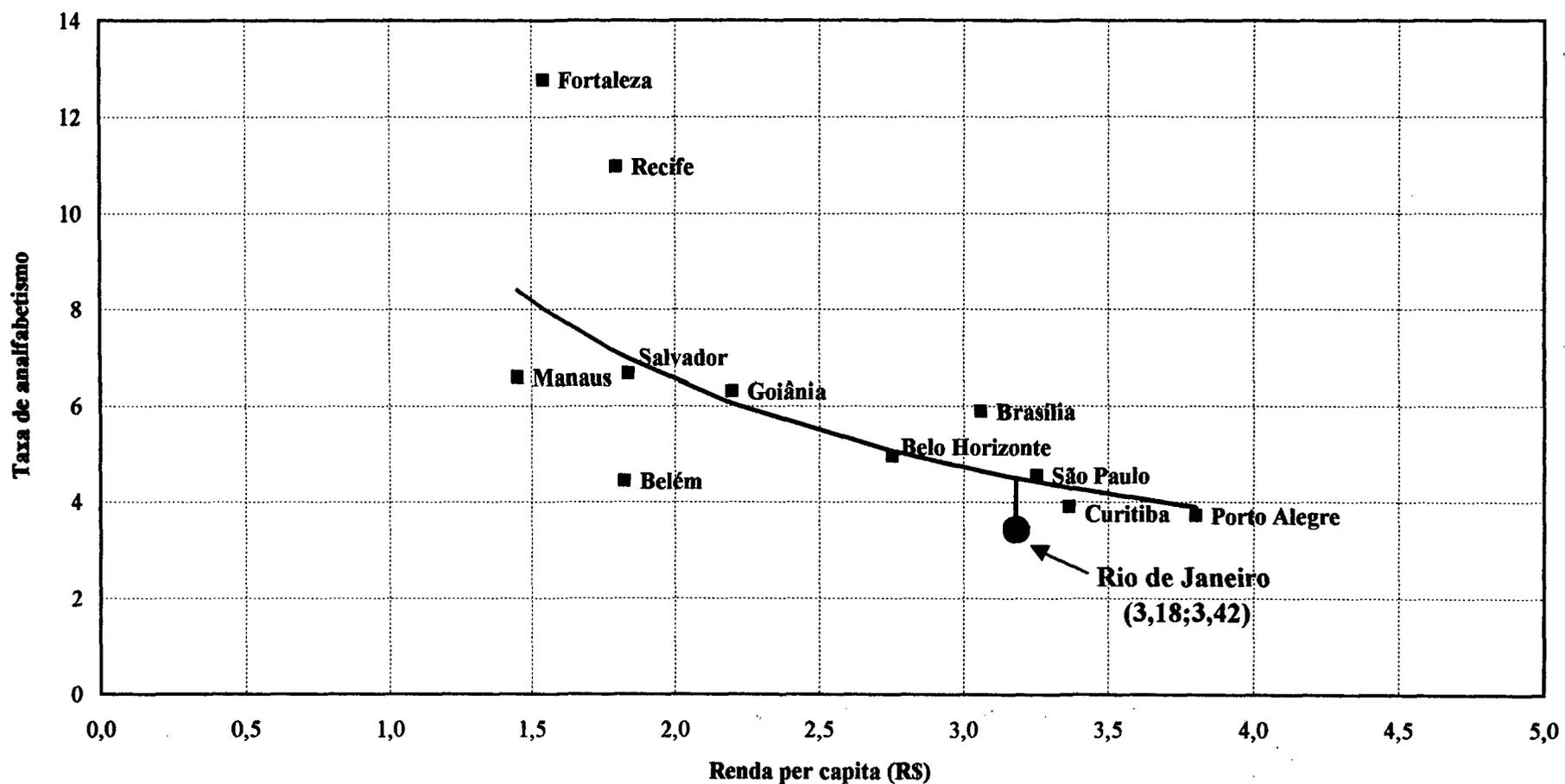
Fonte: Censo Demográfico de 1991



Gráficos

Anexo 2

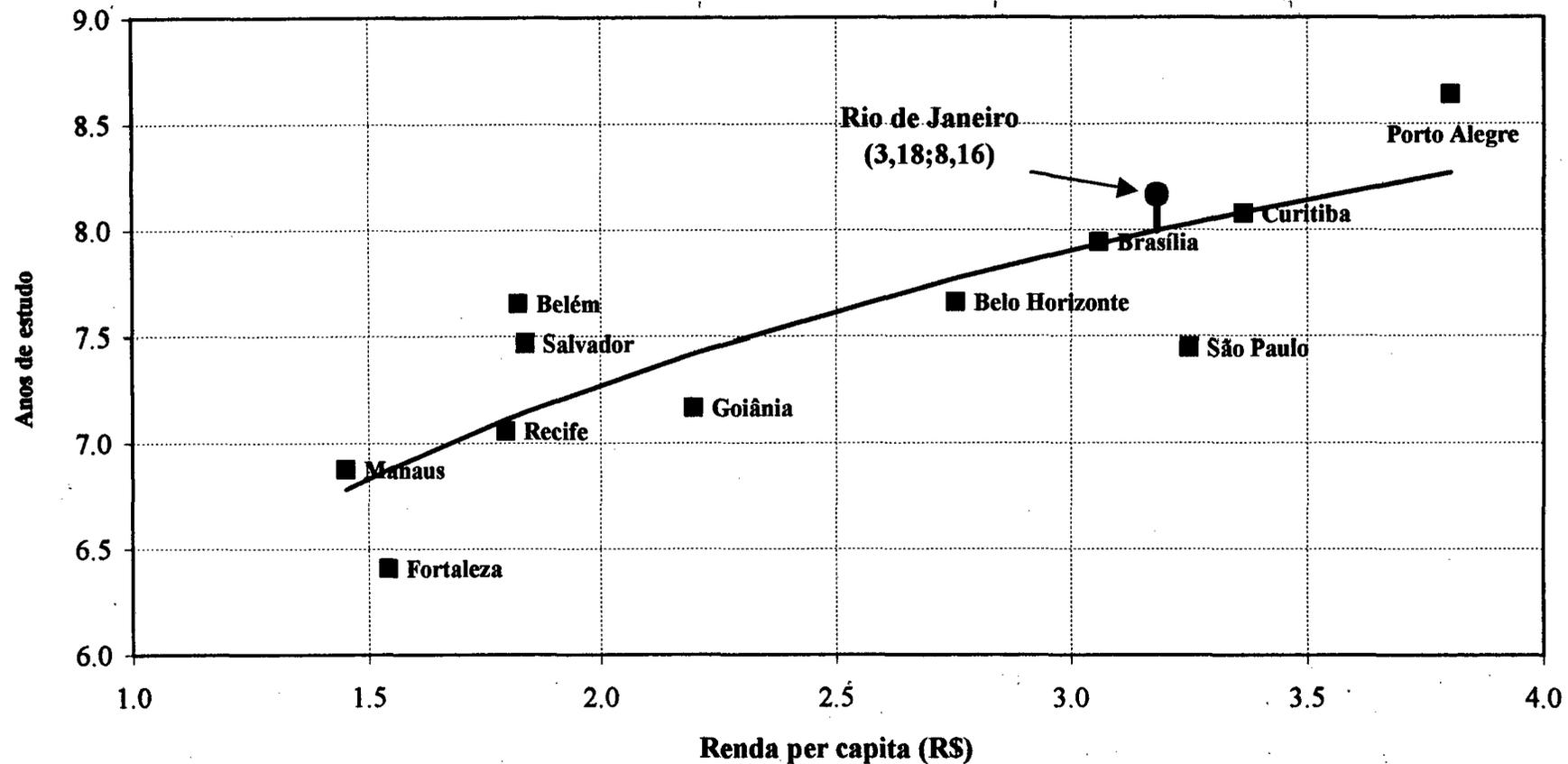
Gráfico 2: Relação entre analfabetismo e renda per capita nas grandes cidades brasileiras -1995-99



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1995 a 1999.

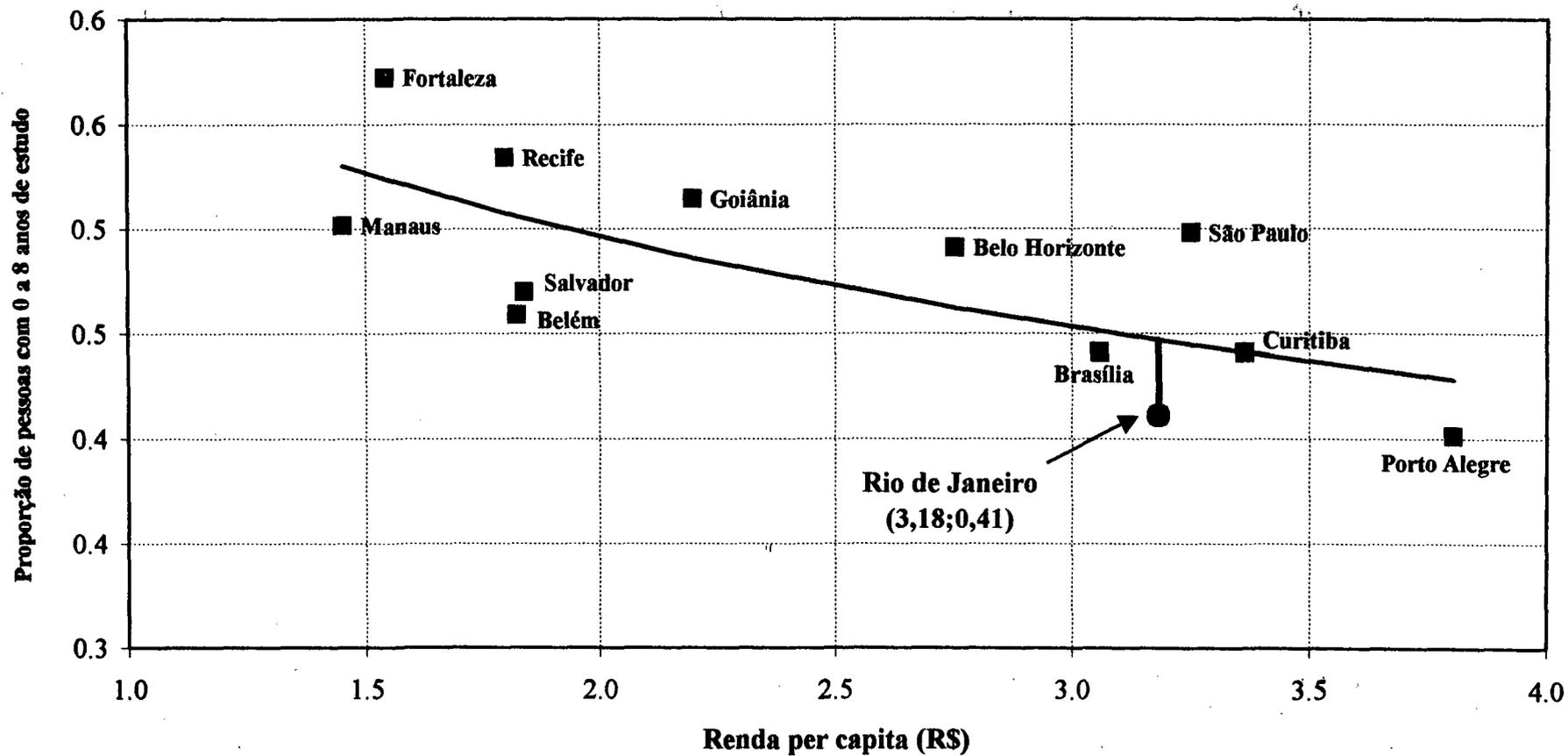
Nota: Foi rodada uma regressão linear do logit da taxa de analfabetismo contra o logaritmo da renda e a escolaridade média

Gráfico 3: Relação entre escolaridade média e renda per capita nas grandes cidades brasileiras - 1995-99



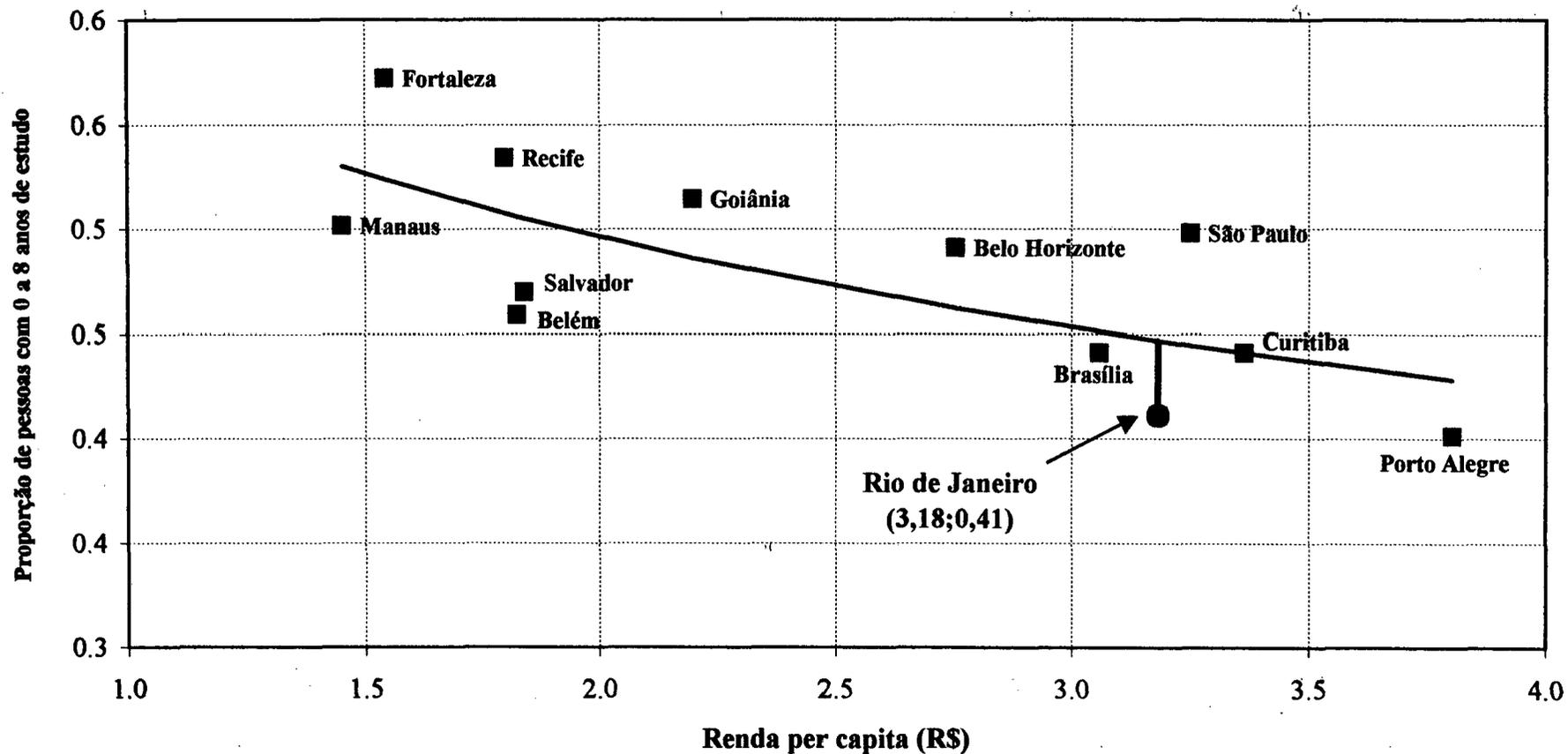
Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1995 a 1999.

Gráfico 5: Relação entre proporção de pessoas com 0 a 8 anos de estudo e renda per capita nas grandes cidades brasileiras - 1995-99



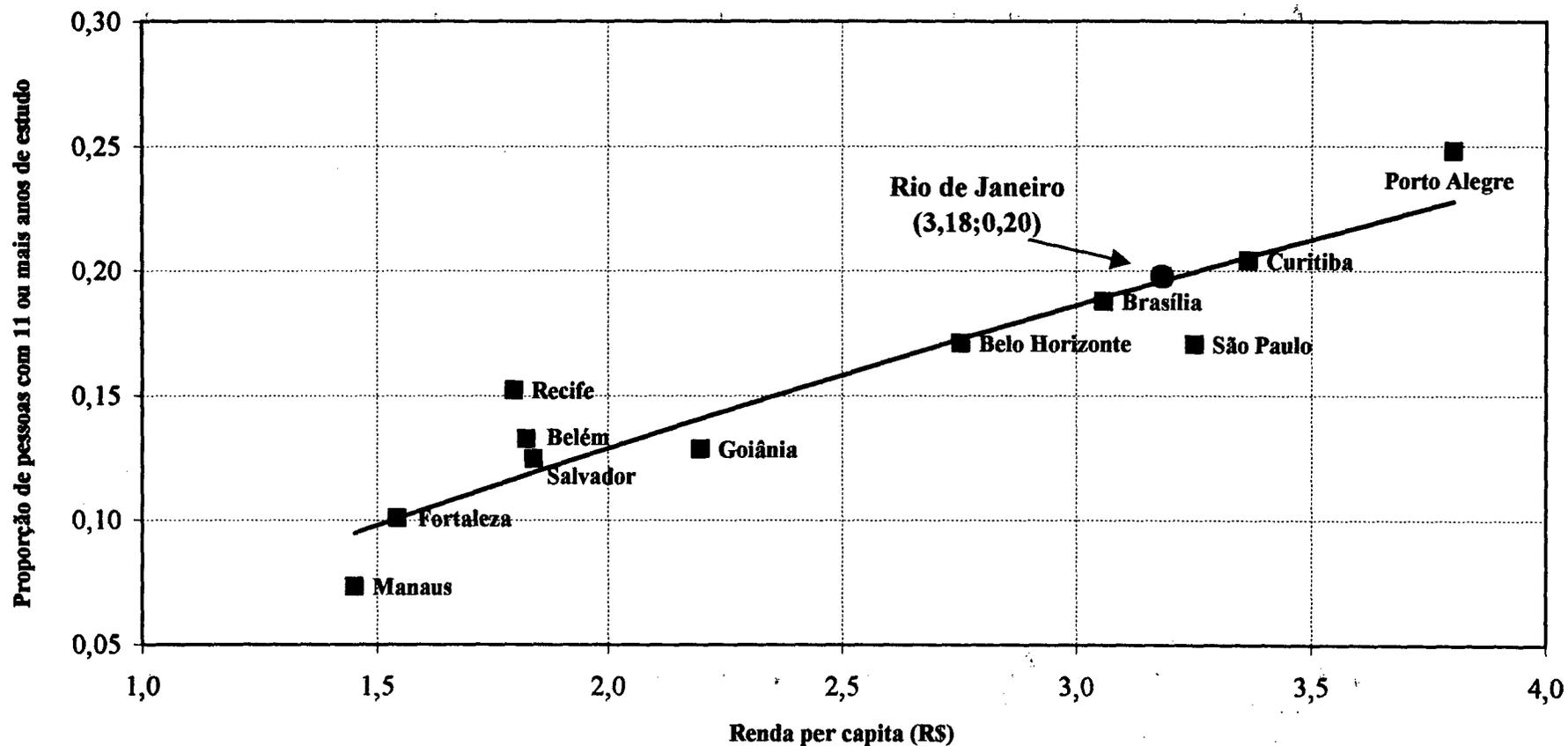
Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1995 a 1999.

Gráfico 5: Relação entre proporção de pessoas com 0 a 8 anos de estudo e renda per capita nas grandes cidades brasileiras - 1995-99



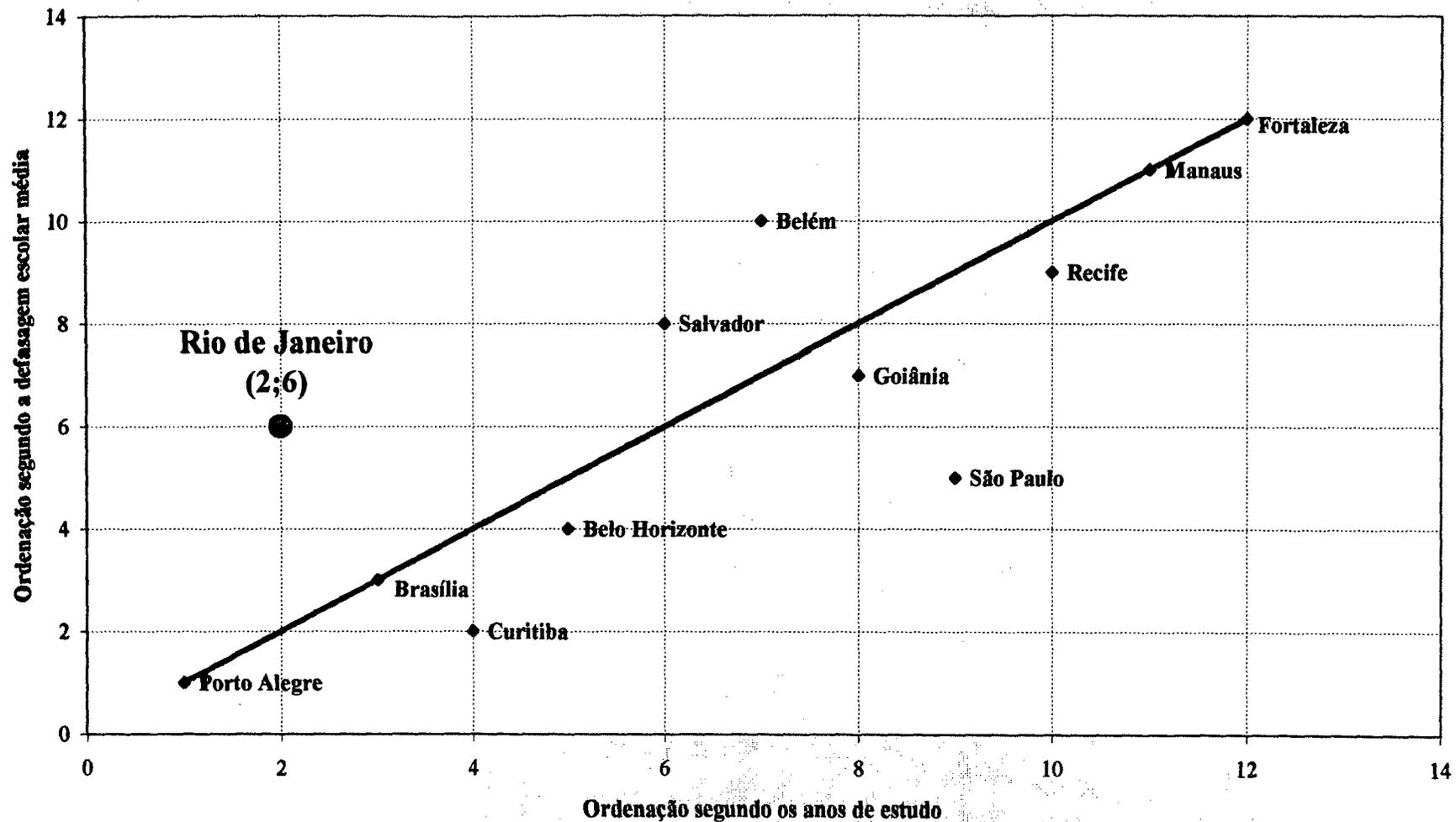
Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1995 a 1999.

Gráfico 6: Relação entre proporção de pessoas com 11 ou mais anos de estudo e renda per capita nas grandes cidades brasileiras - 1995-99



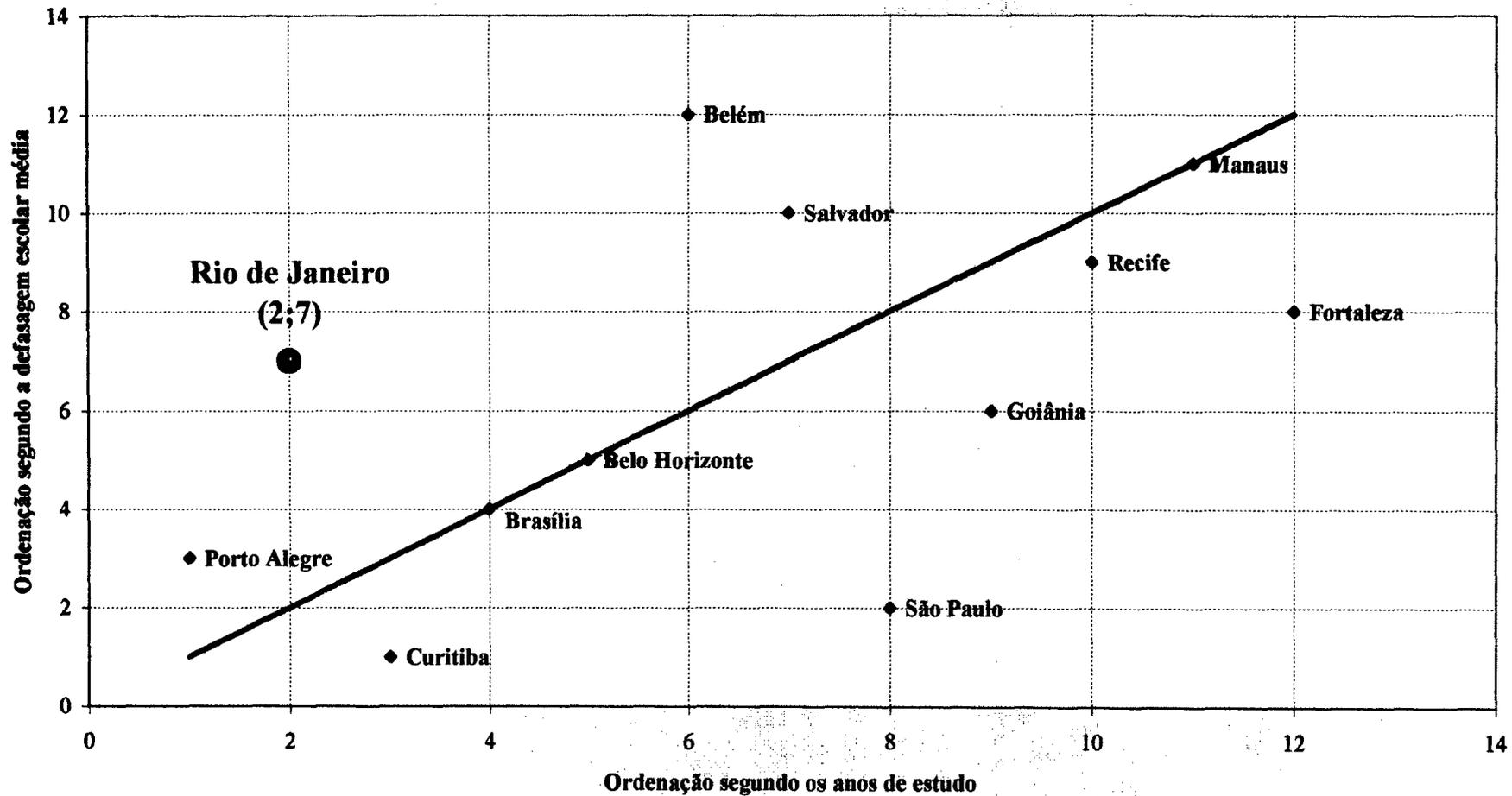
Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1995 a 1999.

Gráfico 7a: Relação de ordem entre escolaridade média e atraso escolar para as grandes cidades brasileiras - 1981-85



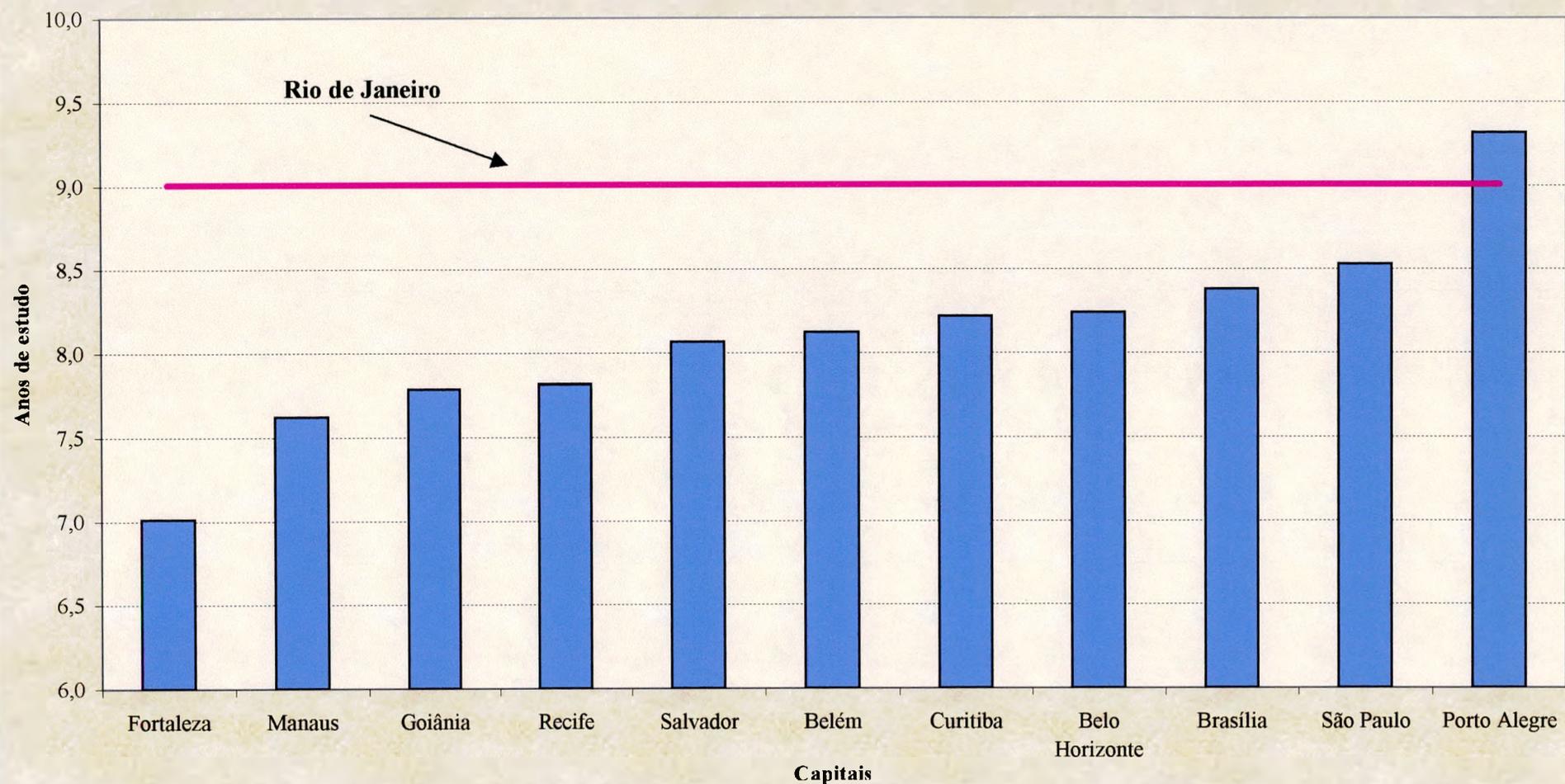
Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1981 a 1985.

Gráfico 7b: Relação de ordem entre escolaridade média e atraso escolar para as grandes cidades brasileiras - 1995-99



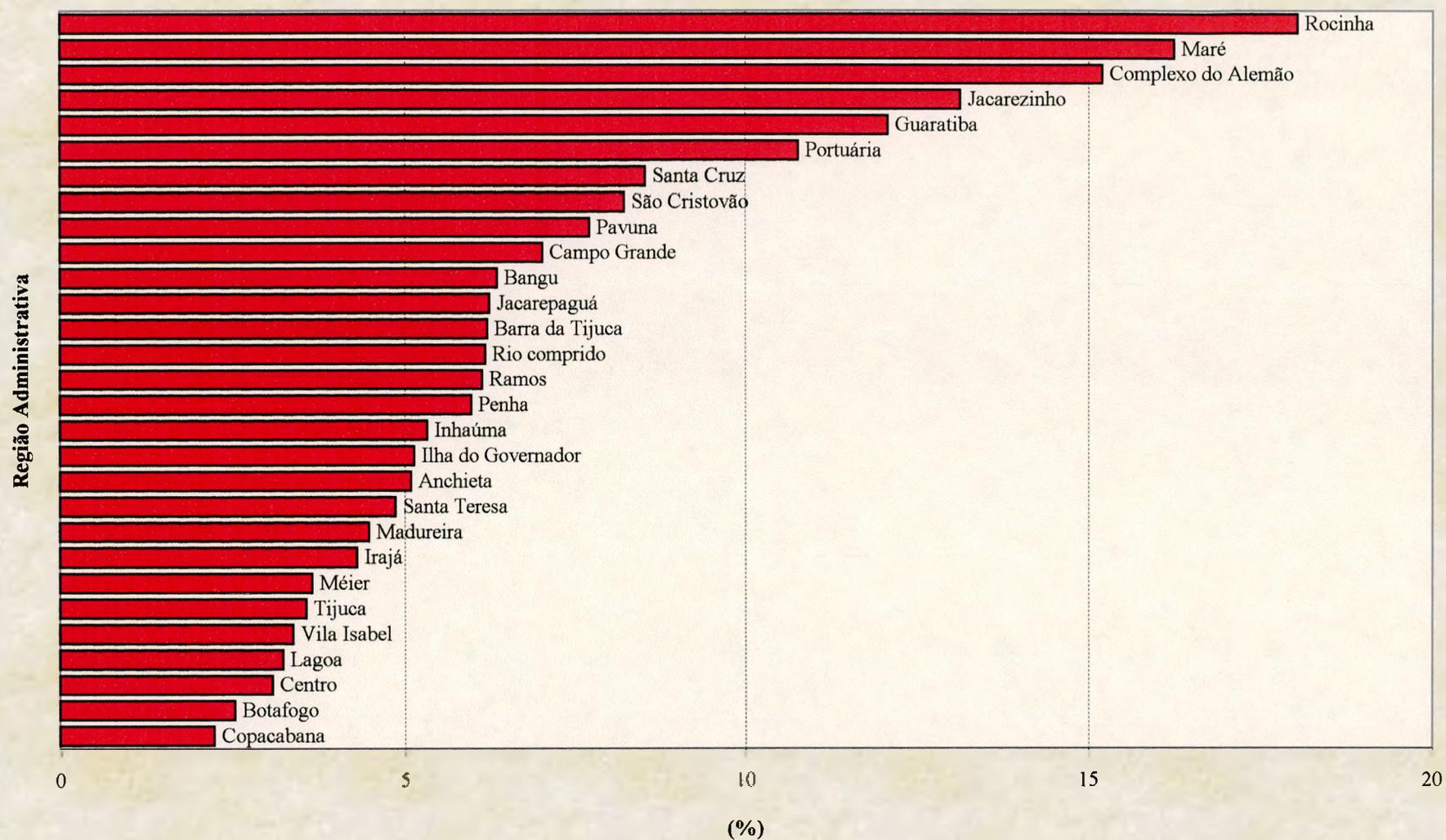
Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1995 a 1999.

**Gráfico 8: Escolaridade média da população ocupada nas capitais brasileiras
1995-99**



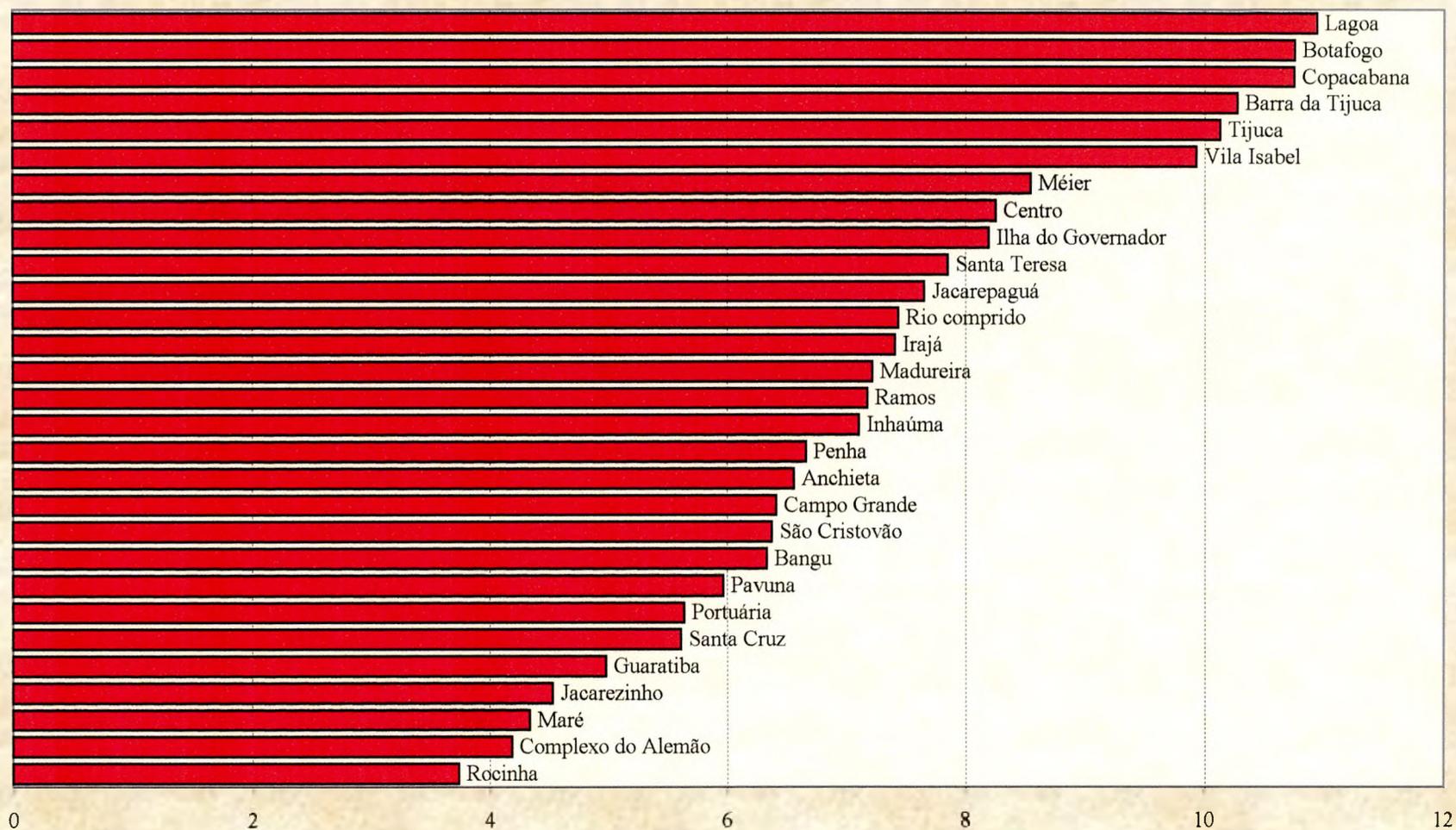
Fonte : Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1995 à 1999 .

Gráfico: 9a: Taxa de analfabetismo por região administrativa da cidade do Rio de Janeiro - 1991



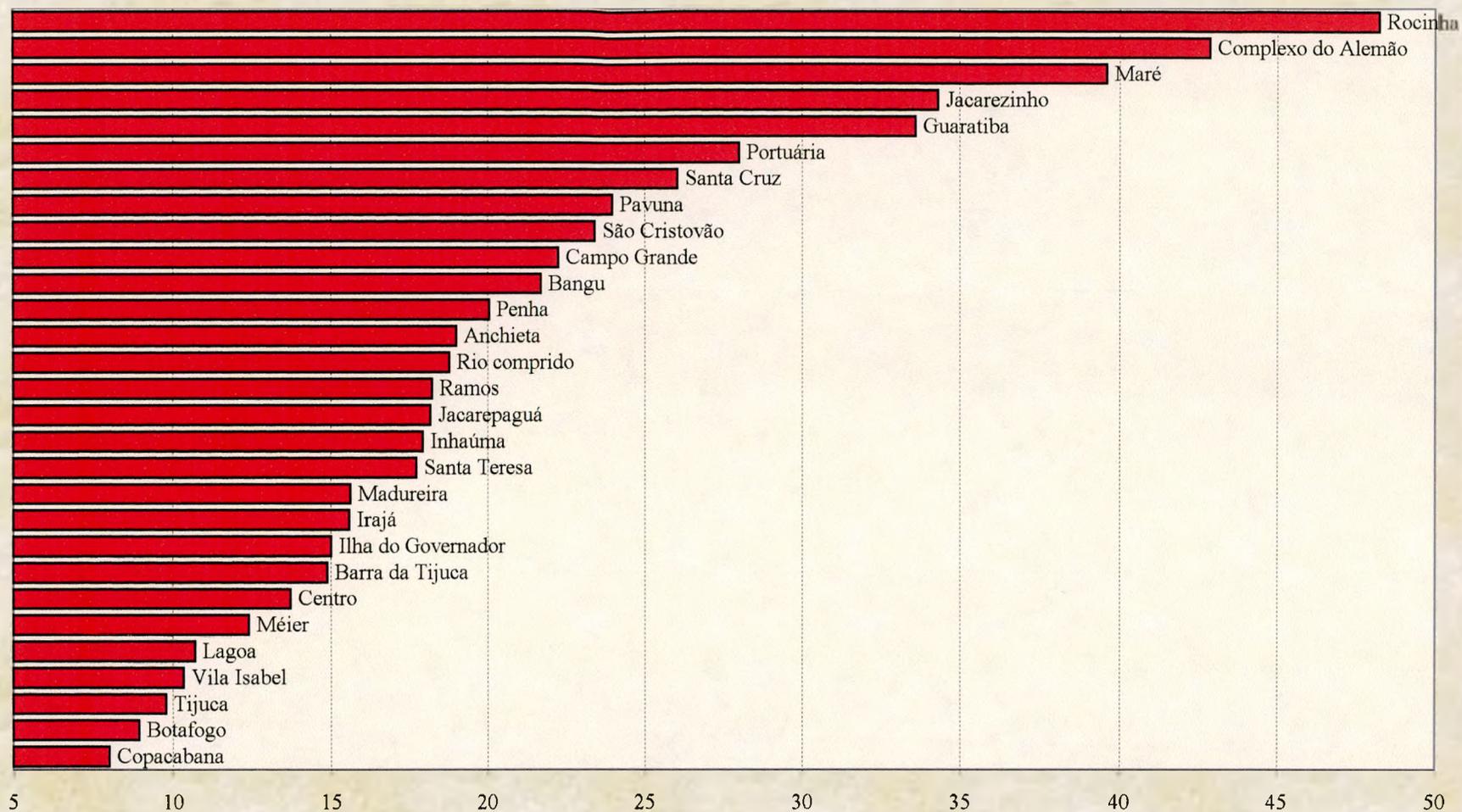
Fonte: Censo Demográfico (IBGE) de 1991.

Gráfico 9b: Número médio de anos de estudo por região administrativa da cidade do Rio de Janeiro - 1991



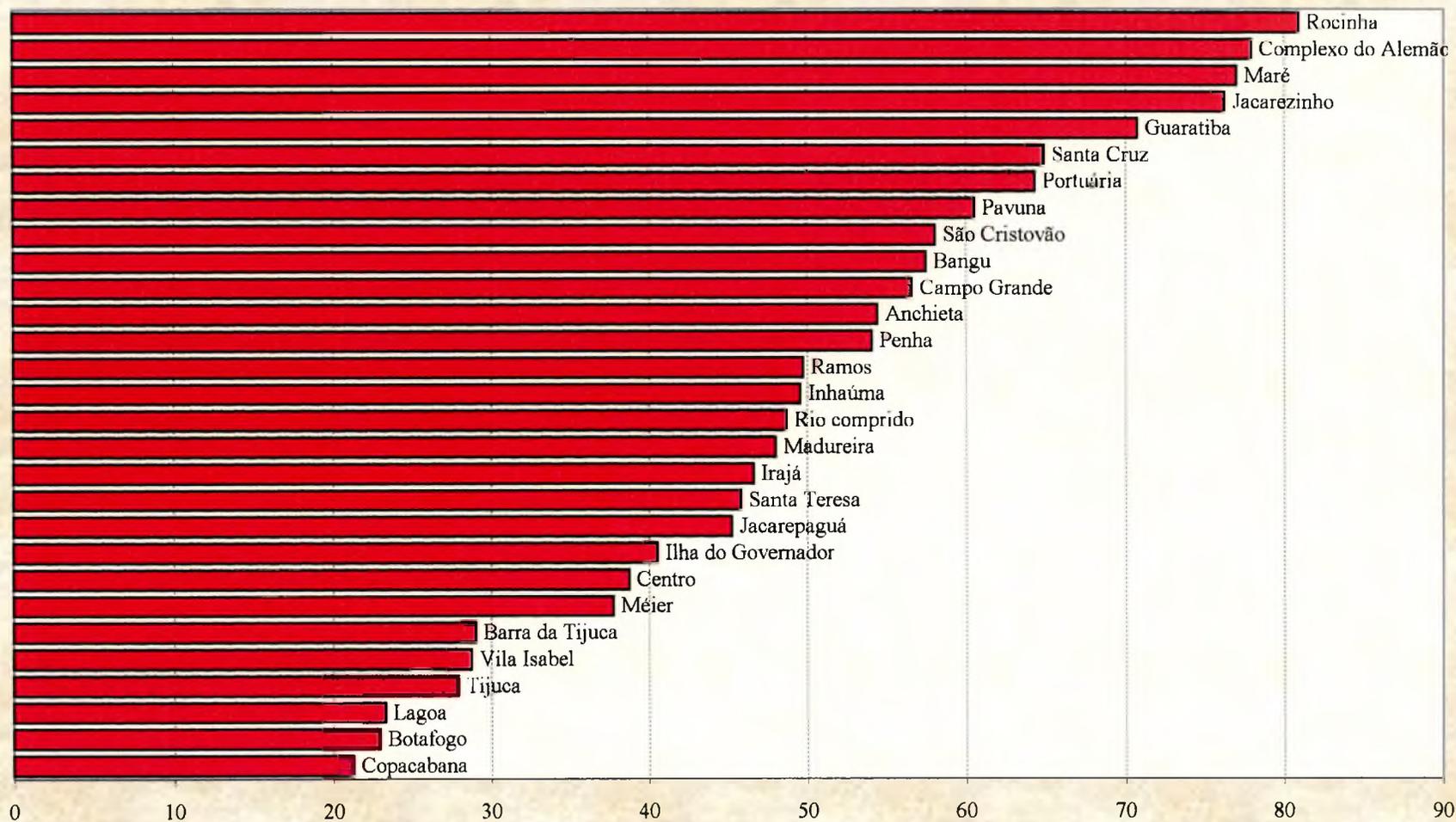
Fonte: Censo Demográfico (IBGE) de 1991.

Gráfico 9c: Porcentagem da população com menos de quatro anos de estudo por região administrativa da cidade do Rio de Janeiro - 1991



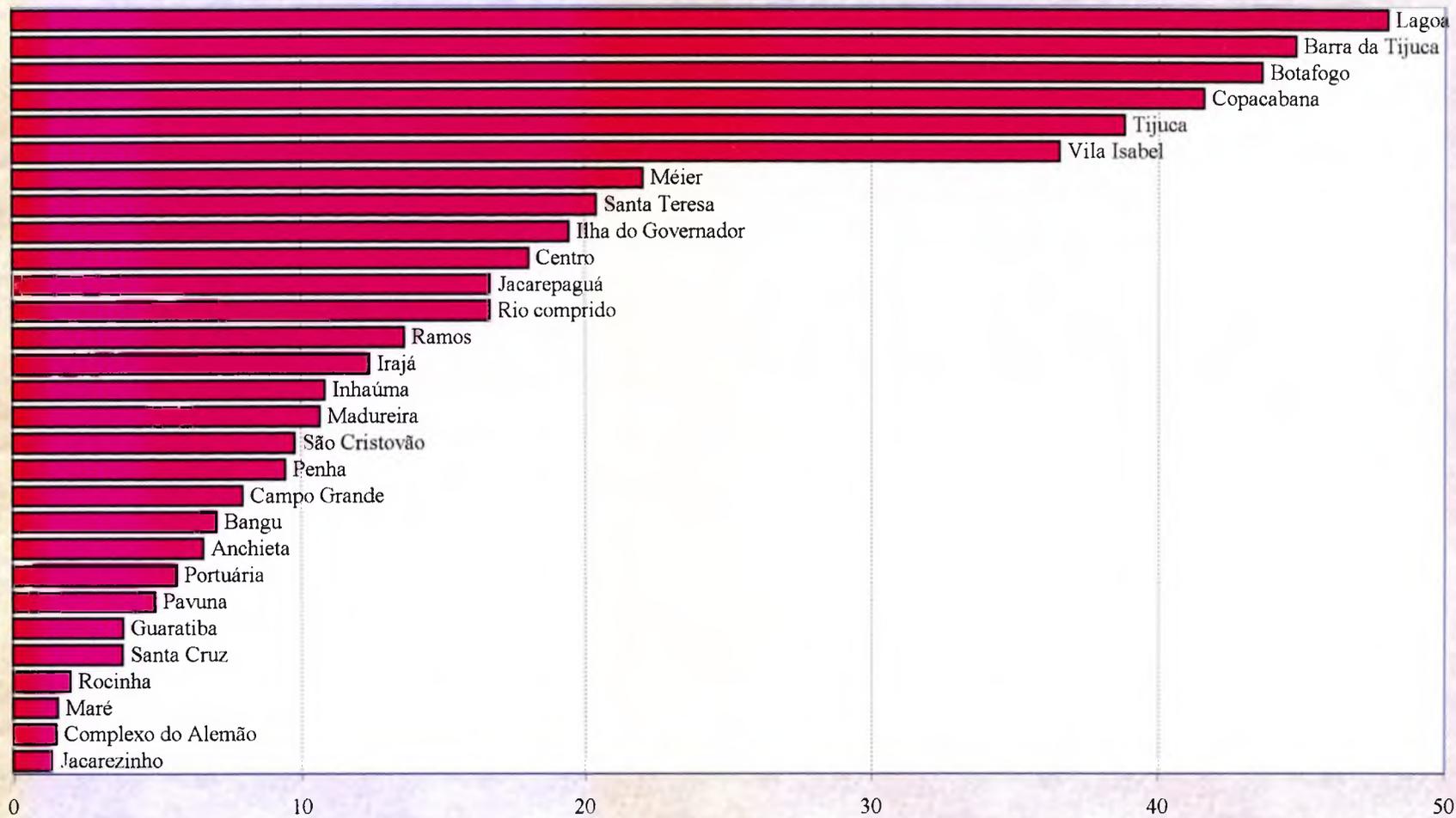
Fonte: Censo Demográfico (IBGE) de 1991.

Gráfico 9d: Porcentagem da população com menos de oito anos de estudo por região administrativa da cidade do Rio de Janeiro - 1991



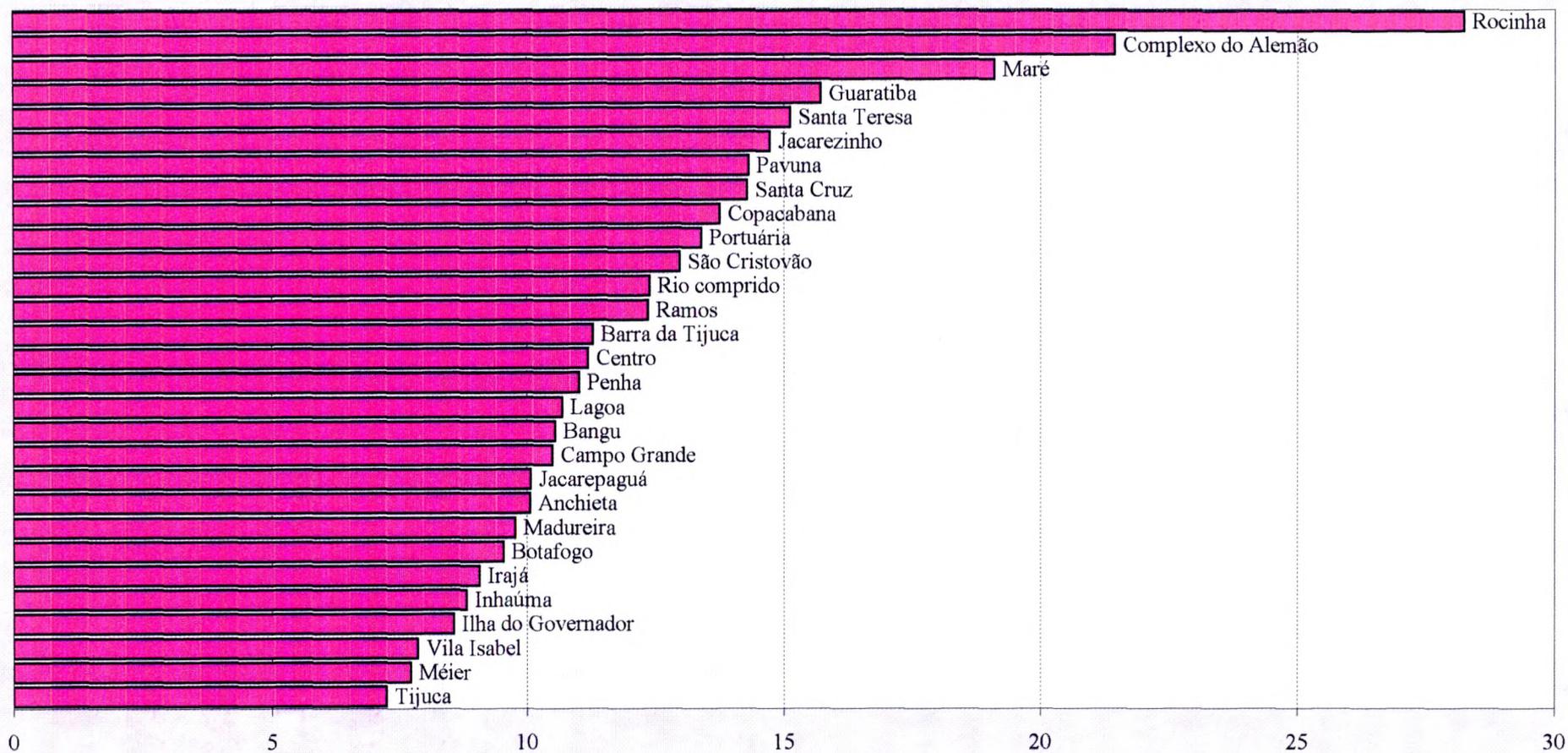
Fonte: Censo Demográfico (IBGE) de 1991.

Gráfico 9e: Porcentagem da população com mais de onze anos de estudo por região administrativa da cidade do Rio de Janeiro - 1991



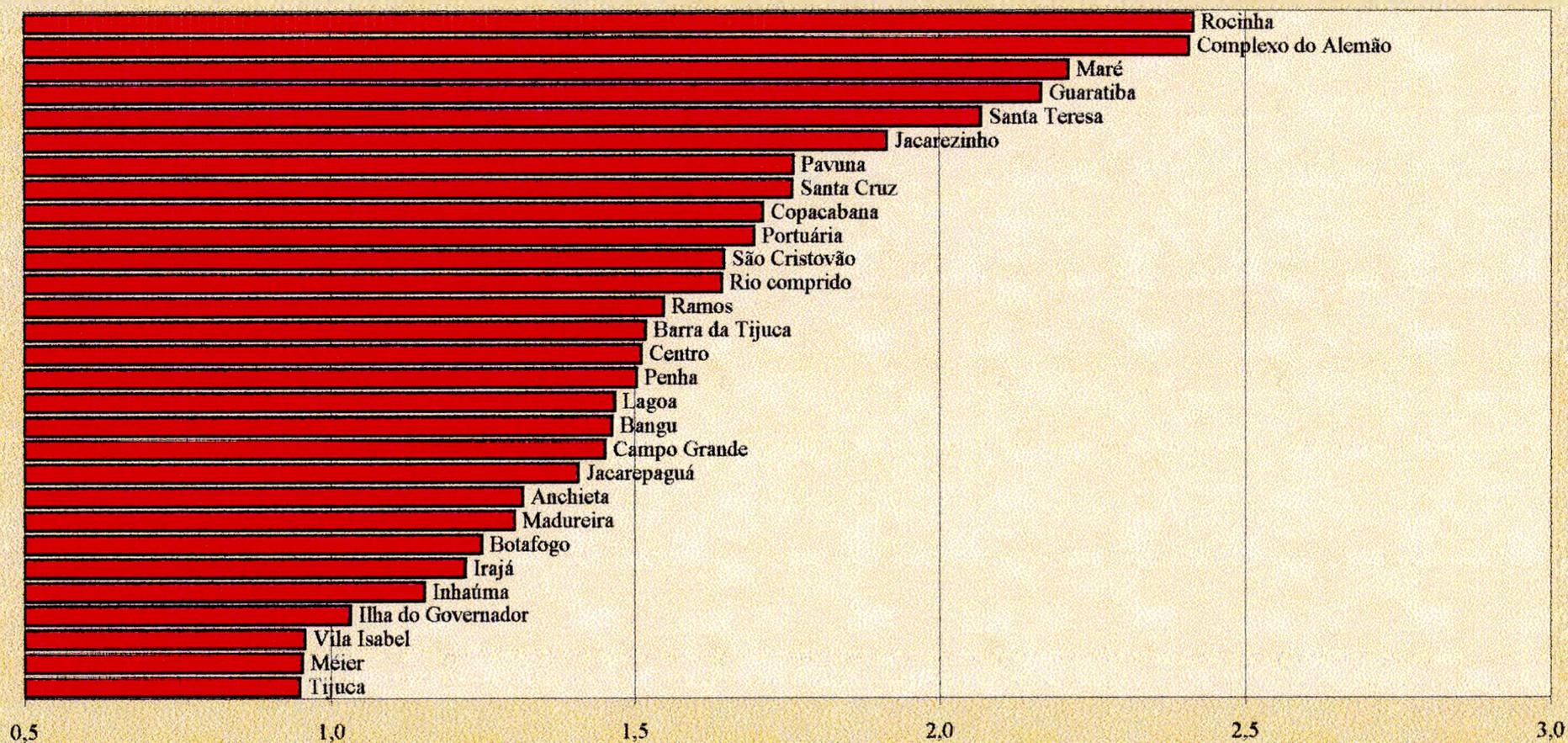
Fonte: Censo Demográfico (IBGE) de 1991.

Gráfico 9f: Porcentagem da população que não frequenta escola por região administrativa da cidade do Rio de Janeiro - 1991



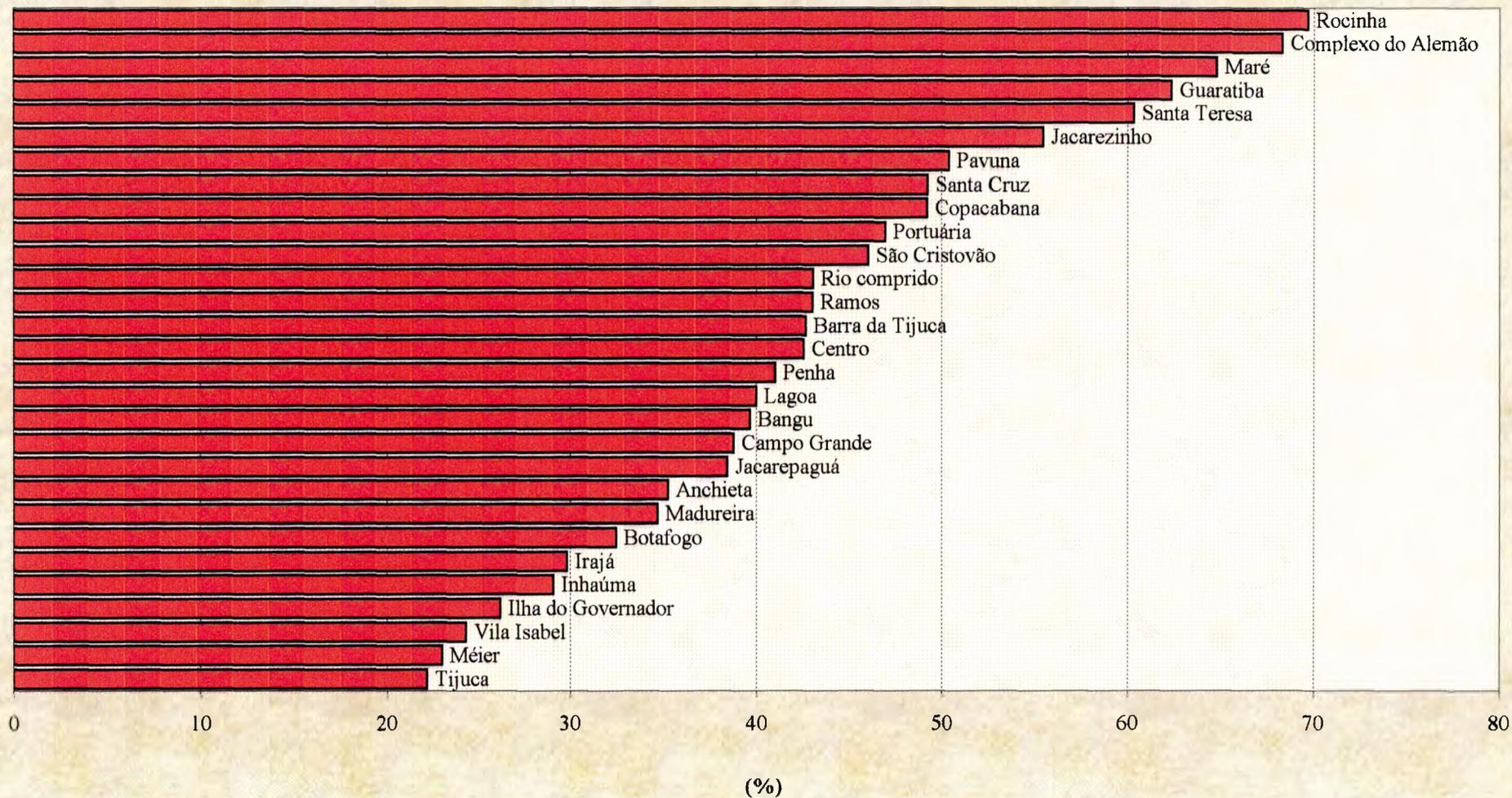
Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Gráfico 9g: Defasagem escolar média para população por região administrativa da cidade do Rio de Janeiro - 1991



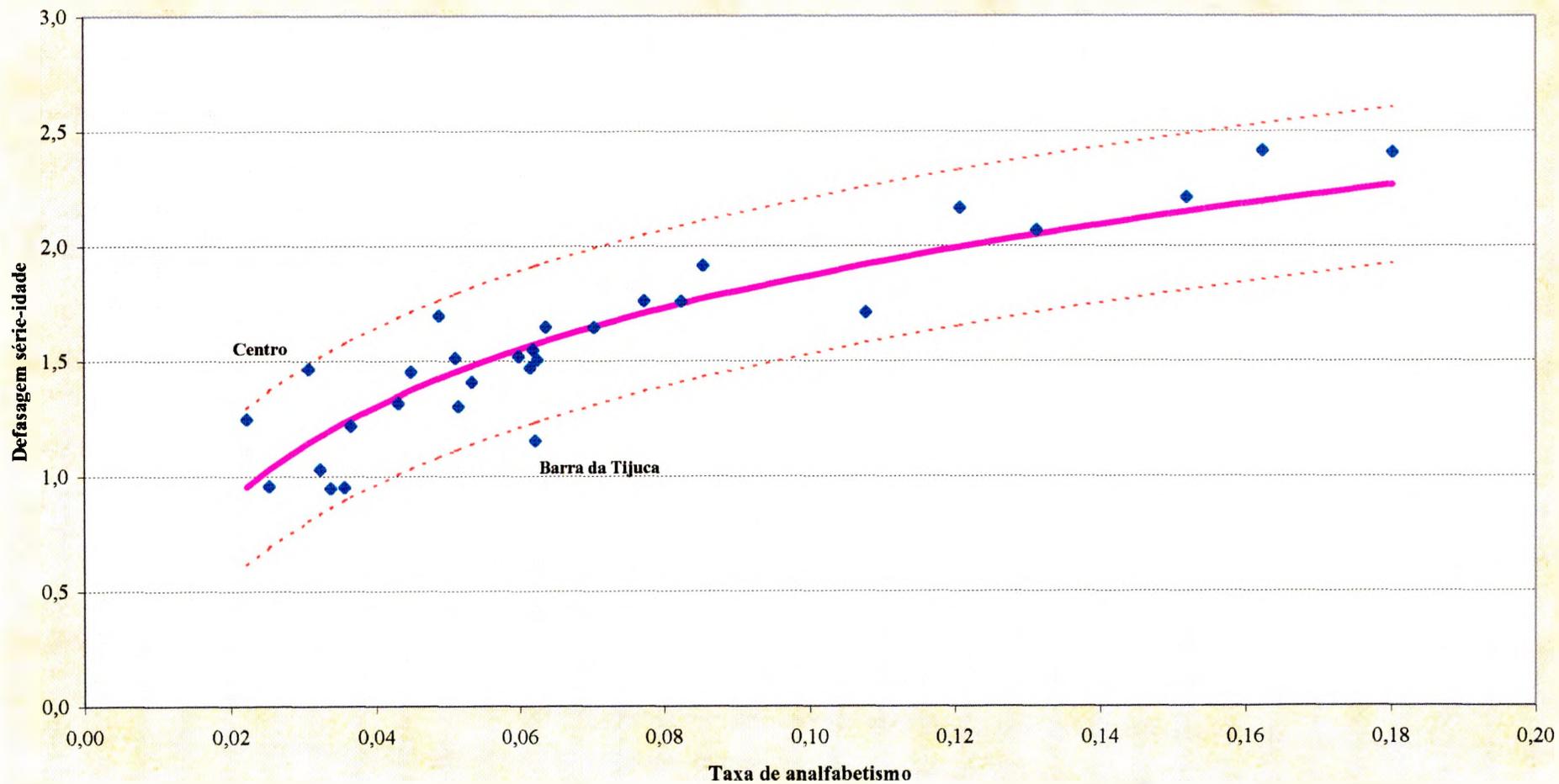
Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Gráfico 9h: Porcentagem da população com mais de um ano de atraso escolar por região administrativa da cidade do Rio de Janeiro - 1991



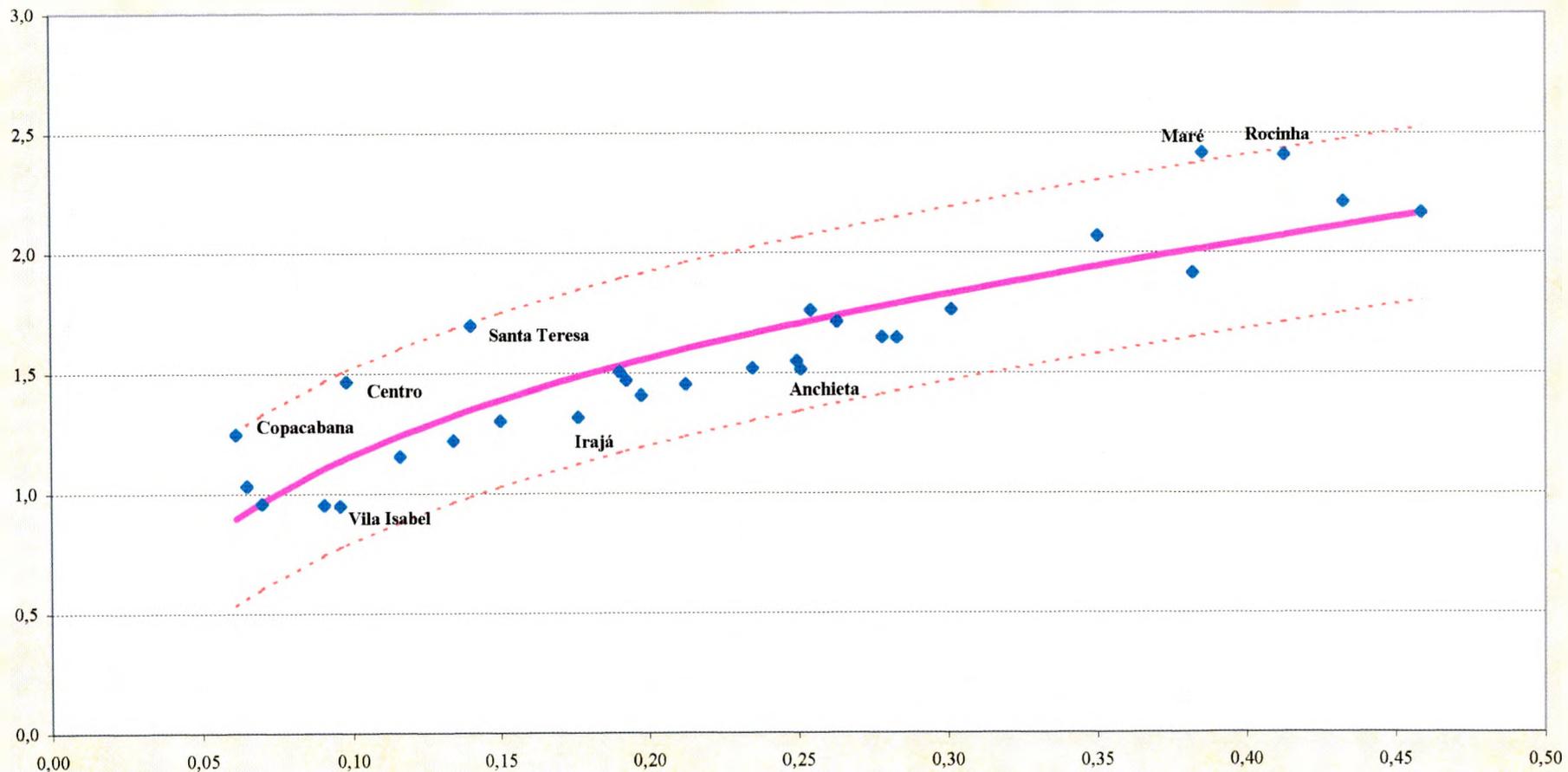
Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Gráfico 10a: Relação entre a defasagem escolar e a taxa de analfabetismo nas regiões administrativas - 1991



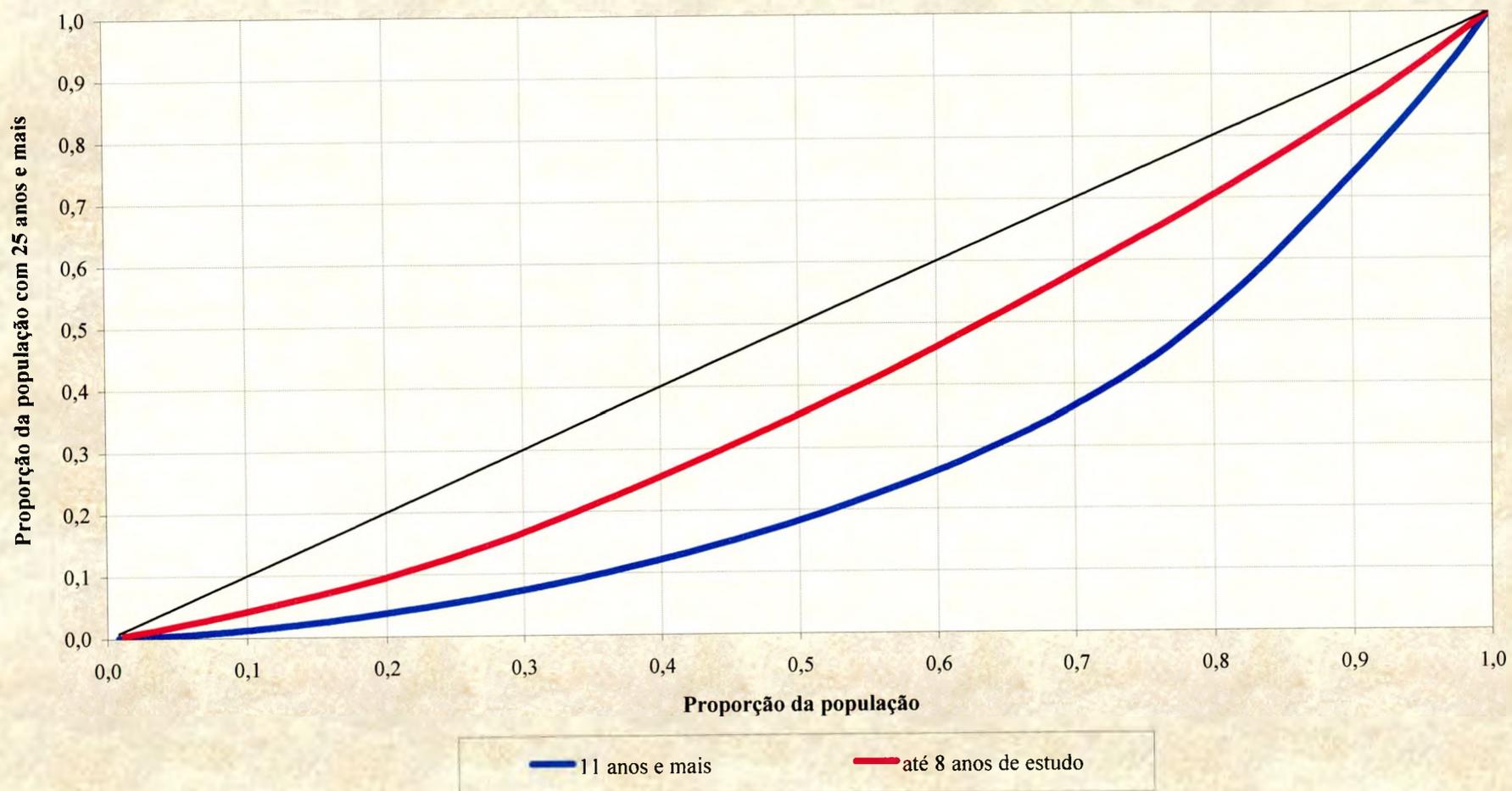
Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Gráfico 10b: Relação entre a defasagem escolar e a pobreza nas regiões administrativas - 1991



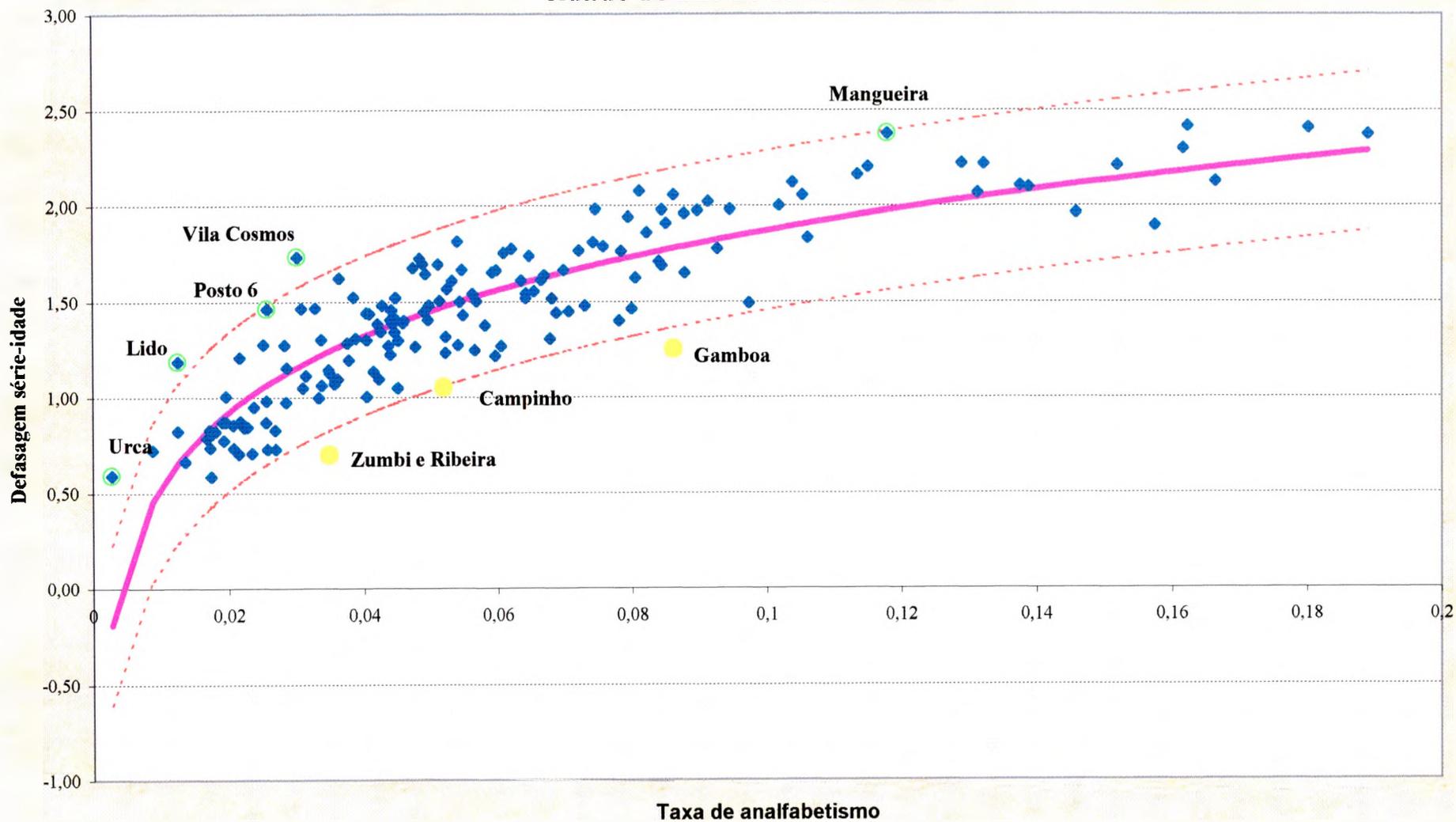
Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Gráfico 11: Curva de Lorenz para os bairros da cidade do Rio de Janeiro



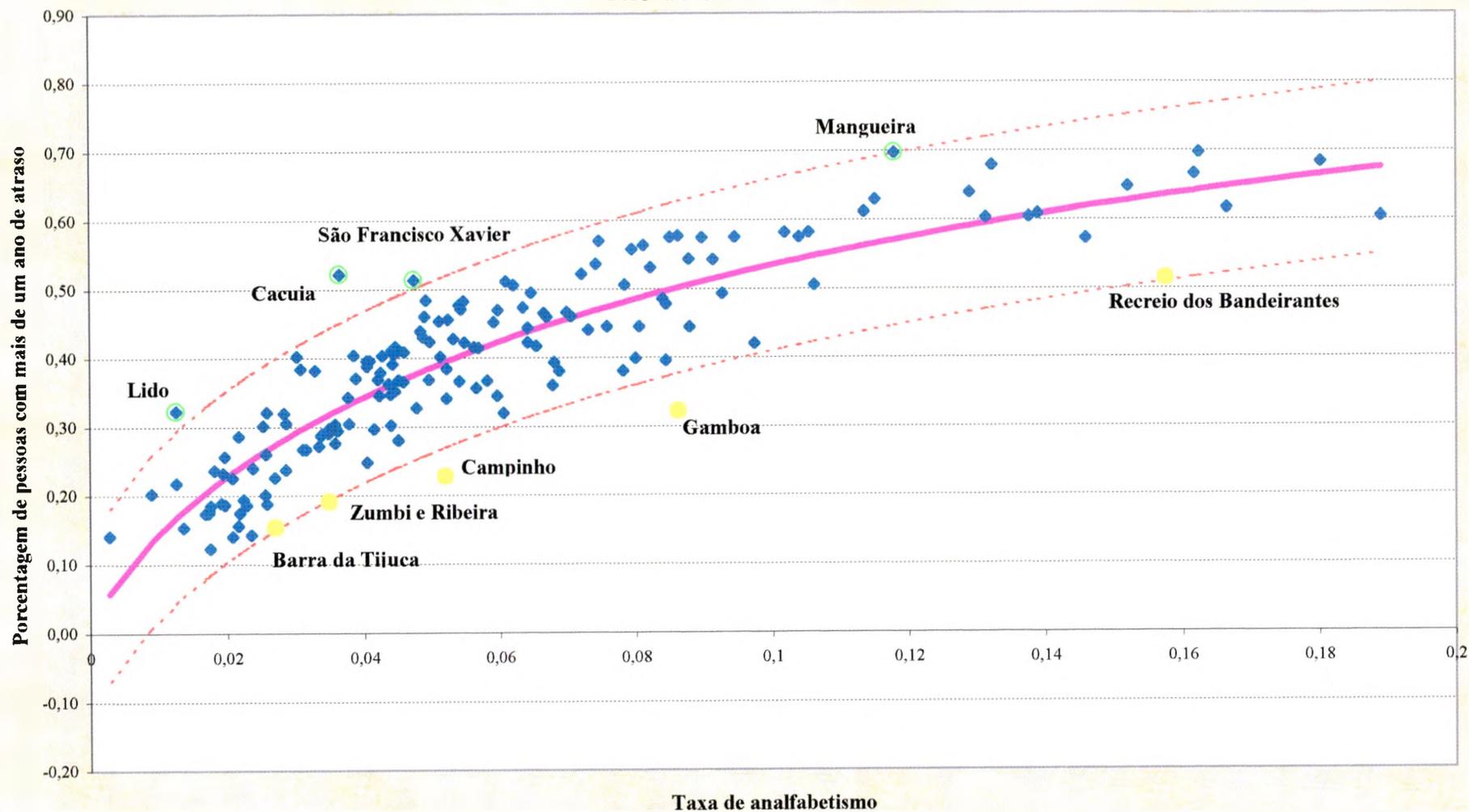
Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Gráfico 12: Relação entre a defasagem escolar e a taxa de analfabetismo nos bairros da cidade do Rio de Janeiro - 1991



Fonte: Censo Demográfico de 1991.

Gráfico 13: Relação entre atraso escolar e a taxa de analfabetismo nos bairros da cidade do Rio de Janeiro - 1991



Fonte: Censo Demográfico de 1991.